

SÉRIE ESTUDOS E DOCUMENTOS
Documento n.º 9

Tipos de Agricultura em Portugal

João Paulo Marques

Dezembro 2004

ÍNDICE

Resumo.....	V
Abstract.....	VI
Lista de Gráficos.....	VII
Lista de Tabelas.....	IX
Lista de Anexos.....	IX
1. Introdução.....	2
2. Metodologia.....	3
2.1. Estabelecimento das variáveis de base e construção de matrizes de dados regionais.....	3
2.1.1. A região agrária (RA).....	5
2.1.2. A dimensão económica das explorações (DE).....	5
2.1.3. A orientação técnico-económica (OTE) das explorações.....	6
2.1.4. A modalidade de articulação e racionalidade da exploração agrícola (MOD).....	8
2.1.5. Construção de matrizes regionais.....	2
2.2. Cálculo da Margem Bruta Total, Ajudas Directas, Suporte de Preço, Margem Bruta originada no Mercado (excluindo o suporte de preços) e estabelecimento da matriz de dados nacional.....	11
2.3. A estrutura dos apoios – última variável de base.....	15
2.4. Análise preliminar de algumas variáveis básicas: modalidades de articulação e racionalidade e classes de apoios.....	16
2.4.1. As Modalidades de articulação e racionalidade.....	16
2.4.1.1. As Modalidades de articulação e racionalidade e as Classes de Dimensão Económica.....	17
2.4.1.2. As Modalidades de articulação e racionalidade e as Regiões.....	19
2.4.1.3. As Modalidades de articulação e racionalidade e as Classes de Apoio.....	20
2.4.1.4. As Modalidades de articulação e racionalidade e as Orientações Técnico Económicas.....	22
2.4.2. As classes de apoios.....	25
2.4.2.1. As Classes de Apoios e as classes de Dimensão Económica.....	26
2.4.2.2. As Classes de Apoios e as Regiões.....	28
2.4.2.3. As Classes de Apoios e as Orientações Técnico Económicas.....	29
2.5. Análise estatística multivariada.....	31
2.5.1. Análise preliminar das variáveis.....	31
2.5.2. Análise factorial.....	33
2.5.3. Análise de clusters.....	37
3. Tipos de Agricultura Identificados.....	41

3.1. Tipo n.º 1: agricultura empresarial dependente de ajudas directas.....	41
3.2. Tipo n.º 2: agricultura empresarial com rendimentos do mercado, com e sem suporte de preços.....	43
3.3. Tipo n.º 3: agricultura familiar-empresarial dependente de ajudas directas.....	45
3.4. Tipo n.º 4: agricultura familiar-empresarial dependente do mercado mas com suporte de preço.....	46
3.5. Tipo n.º 5: agricultura familiar-empresarial dependente do mercado, sem suporte de preço.....	47
3.6. Tipo n.º 6: agricultura familiar-empresarial com articulação com o exterior.....	48
3.7. Tipo n.º 7: explorações tradicionais dependentes da actividade agrícola.....	50
3.8. Tipo n.º 8: explorações familiares tradicionais dependentes de articulações com a envolvente sócio-económica.....	51
3.8.1. Subtipo 8ºA: explorações familiares tradicionais com articulações com os sectores secundário e terciário.....	52
3.8.2. Subtipo 8ºB: explorações familiares tradicionais dependentes de articulações com o meio social.....	53
3.8.3. Subtipo 8ºC explorações familiares tradicionais dependentes de outras articulações.....	54
3.9. Tipo n.º 9: Baldios, Estado e outros tipos de formas jurídicas.....	56
3.10 Análise comparativa dos tipos de agricultura identificados.....	57
4. Siglas e Abreviaturas.....	67
5. Bibliografia.....	69
6. Anexos.....	71

RESUMO

Não obstante Portugal ser um país de reduzidas dimensões, tem uma realidade agrícola de enorme diversidade.

Neste trabalho analisa-se essa complexa realidade com base nos seguintes eixos fundamentais:

- a relação com o mercado e o grau de dependência para com os apoios da União Europeia, quer directos (subsídios ao rendimento), quer por mecanismos de suporte de preços de mercado;
- a diversidade regional das estruturas agrárias;
- as orientações técnico-económicas das explorações agrícolas;
- as distintas racionalidades económicas das agriculturas assentes no trabalho familiar e no trabalho assalariado;
- os diferentes modelos de articulação das famílias agrícolas com o sistema económico-social envolvente

e conseqüente pluralidade de funções e estratégias produtivas.

Com base nessa análise apresenta-se uma hipótese de tipologia da agricultura portuguesa de modo a permitir uma leitura dessa realidade.

Palavras-chave: Tipos de agricultura; apoios aos rendimentos; estruturas agrárias; orientações produtivas; articulações económico-sociais; racionalidades económicas.

TITLE: Types of agriculture in Portugal

ABSTRACT

Although Portugal is a small country, its agriculture is extremely diversified.

This paper analyses this complex reality based on the following main axes:

- the relationship with the market and the degree of dependence on European Union support, either direct (income subsidies) or through market price support mechanisms;
- the regional diversity of farm structures;
- types of farming;
- the different economic objectives of an agriculture based on family labour and of one based on paid labour;
- the different models for articulating agricultural households with the involving social and economic system

and the consequent diversity of production functions and strategies.

Based on this analysis, a hypothesis for a typology of the Portuguese agriculture is set forth, to enable a better understanding of this reality.

Keywords: types of agriculture; income support; farm structure; types of farming; social and economic articulations; economic objectives.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 2.1: Peso em explorações das Modalidades em cada classe de Dimensão Económica.....	17
Gráfico 2.2. Peso em SAU das Modalidades de articulação e racionalidade em cada classe de Dimensão Económica.....	18
Gráfico 2.3. Peso em N.º de Explorações das Modalidades de racionalidade e articulação em cada Região Agrária.....	19
Gráfico 2.4. Peso em SAU das Modalidades de racionalidade e articulação em cada Região Agrária.....	19
Gráfico 2.5. Peso em MBT das Modalidades de racionalidade e articulação em cada Região Agrária.....	20
Gráfico 2.6. Peso em SAU das Modalidades de racionalidade e articulação em cada Classe de Apoios.....	22
Gráfico 2.7. Peso em N.º Explorações das Modalidades de racionalidade e articulação em cada Orientação Técnico – Económica.....	23
Gráfico 2.8. Peso em SAU das Modalidades de racionalidade e articulação em cada Orientação Técnico – Económica.....	23
Gráfico 2.9. Peso em MBT das Modalidades de racionalidade e articulação em cada Orientação Técnico – Económica.....	24
Gráfico 2.10. Peso em SAU das classes de apoio dentro de cada classe de Dimensão Económica.....	26
Gráfico 2.11. Peso em MBT das classes de apoio dentro de cada classe de Dimensão Económica.....	27
Gráfico 2.12. Peso em SAU das classes de apoio dentro de cada Região Agrária.....	28
Gráfico 2.13. Peso em MBT das classes de apoio dentro de cada Região Agrária.....	29
Gráfico 2.14. Peso em SAU das classes de apoio dentro de cada Orientação Técnico – Económica.....	30
Gráfico 2.15. Peso em SAU das classes de apoio dentro de cada Orientação Técnico - Económica relativamente à MBT nacional.....	30
Gráfico 2.16. Coeficientes de correlação entre os indicadores e o factor F1 - Suporte de Preços versus Mercado.....	35
Gráfico 2.17. Coeficientes de correlação entre os indicadores e o factor F2 – Competitividade.....	35
Gráfico 2.18. Coeficientes de correlação entre os indicadores e o factor F3 – Agricultura Empresarial.....	36
Gráfico 2.19. Coeficientes de correlação entre os indicadores e o factor F4 - Ajudas Directas.....	37
Gráfico 3.1. MBM, AD, SP e SAU médias para cada tipo de agricultura....	61
Gráfico 3.2. Produtividade do trabalho com base em MBT, em MBM+SP e em MBM.....	61
Gráfico 3.3. Peso em N.º de explorações, SAU, UTA, MBT de cada tipo para o respectivo total nacional.....	62
Gráfico 3.4. Peso de MBM, SP e AD de cada tipo para o respectivo total	

nacional.....	62
Gráfico 3.5. Peso de MBM, SP e AD na MBT de cada tipo.....	63
Gráfico 3.6. Peso de MBM, SP e AD de cada tipo para o total nacional de MBT.....	63
Gráfico 3.7. Peso de UTAE, UTAP e UTAF de cada tipo para o respectivo total nacional.....	64
Gráfico 3.8. Peso de UTAE, UTAP e UTAF na UTA Total de cada tipo....	64
Gráfico 3.9. Peso de UTAE, UTAP e UTAF de cada tipo para o total nacional de UTA.....	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1. Regiões Agrárias.....	5
Tabela 2.2. Classes de Dimensão Económica.....	6
Tabela 2.3. Orientação Técnico Económica (OTE) segundo a Classificação das explorações agrícolas <u>adaptada</u> pelo GPPAA.....	7
Tabela 2.4. Importância das diferentes Modalidades de articulação e racionalidade.....	16
Tabela 2.5. Importância das diferentes Modalidades – continuação.....	17
Tabela 2.6 Distribuição da SAU segundo classes de apoio e Modalidades.....	21
Tabela 2.7. Distribuição da MBT segundo classes de apoio e Modalidades.....	22
Tabela 2.8. Importância das diferentes classes de apoios.....	25
Tabela 2.9. Importância das diferentes classes de apoios – continuação..	26
Tabela 2.10.Vector de médias.....	31
Tabela 2.11.Matriz de correlações.....	32
Tabela 2.12 Matriz dos pesos factoriais.....	34
Tabela 3.1. Síntese dos tipos de agricultura identificados.....	57
Tabela 3.2. Indicadores da importância de cada tipo de agricultura: peso em explorações, SAU, MBT, MBM, Ajudas Directas e Suporte de Pesos.....	58
Tabela 3.3. Indicadores da importância de cada tipo de agricultura: peso em UTAF, UTAE, UTAP, PAF, Superf. Total e Superf. Irrigada.....	58
Tabela 3.4. Indicadores estruturais e económicos para cada tipo de agricultura: valores médios de SAU, MBT,MBM+SP, MBM, UTA e PAF.....	59
Tabela 3.5. Indicadores económicos e de estrutura laboral para cada tipo de agricultura: Peso de MBM, AD e SP na MBT e peso de UTAF, UTAP e UTAE na UTA total.....	59
Tabela 3.6. Indicadores estruturais, de produtividade do trabalho e de apoios para cada tipo de agricultura: SAU, MB e Apoios por UTA.....	60
Tabela 3.7. Indicadores de produtividade da terra e de apoios para cada tipo de agricultura: MB e Apoios por SAU.....	60

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 Margens Brutas Standard em Euros no triénio de 1996.....	71
Anexo 2 Ajudas Directas em Euros no triénio de 1996.....	73
Anexo 3 Suporte de Preços em Euros no ano de 1996.....	76
Anexo 4 Valor Bruto de Produção em Euros no triénio de 1996.....	77

1. Introdução

O estudo que aqui se apresenta é subsidiário dum trabalho, de âmbito mais abrangente, que o autor está a ultimar e que constituirá a sua dissertação no âmbito dum mestrado em Economia Agrária e Sociologia Rural realizado no Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa. O objectivo dessa dissertação é o estabelecer duma tipologia básica da agricultura portuguesa, capaz de sintetizar toda a sua complexidade e, eventualmente, ser utilizado dum modo operacional no estudo da realidade agrícola, no estabelecimento de medidas de política e na avaliação do impacto dessas medidas. O presente estudo corresponde a um primeiro esboço dessa tipologia, que se considera útil apresentar desde já por apresentar indícios cuja consideração no âmbito das funções atribuídas ao GPPAA poderá ser relevante.

Para este primeiro esboço duma tipologia básica da agricultura portuguesa considerou-se importante ter em atenção a grande diversidade da agricultura portuguesa ao nível **regional**, ao nível da **dimensão económica** das explorações e ao nível das diferentes **orientações técnico-económicas** presentes. Também se considerou indispensável atender, quer às diferenças na racionalidade económica das explorações agrícolas empresariais¹ e das explorações agrícolas familiares, quer às diferentes formas de articulação entre estas últimas e o sistema económico e social envolvente, que determinam a construção dum conjunto de **modalidades de articulação e racionalidade**.

Finalmente, não seria possível deixar de considerar os níveis de **dependência dos apoios** da Política Agrícola Comum (PAC) que determinam dum modo decisivo as opções das explorações agrícolas.

Assim, o ponto de partida do estudo consistiu na análise do seguinte conjunto de variáveis básicas:

- **a região agrária ou autónoma;**
- **a Dimensão Económica (DE);**

¹ No sentido de explorações com predominância de mão-de-obra não familiar.

- **a Orientação Técnico-Económica (OTE);**
- **a modalidades de articulação com o sistema socioeconómico e de racionalidade económica;**
- **o grau de dependência para com os apoios da União Europeia;**

cujo cruzamento permitirá a construção duma matriz multidimensional que serviu de alicerce ao estabelecimento dos tipos básicos de agricultura.

Por fim, procedeu-se à caracterização e análise dos tipos de agricultura obtidos e à avaliação da sua relevância.

O presente estudo, que constitui o primeiro esboço desta tipologia, baseia-se em dados referentes aos anos de 1996 e 1999, e será actualizado e apurado posteriormente com o recurso a dados mais recentes que tem vindo a ser disponibilizados ou que o serão brevemente.

As opções tomadas, na construção desta tipologia, tiveram como base uma fundamentação teórica cuja apresentação, se considerou, que não se justificava no âmbito dum estudo preliminar como o que aqui se apresenta. Essa fundamentação teórica é apresentada na dissertação de mestrado, de que este estudo é subsidiário, e que estará brevemente disponível podendo, então, ser consultada.

Sendo este estudo um resultado directo da já referida dissertação de mestrado a sua realização não teria sido possível sem o apoio fundamental do respectivo orientador de dissertação, o Professor Fernando Oliveira Baptista, do Instituto Superior de Agronomia, e da sua co-orientadora, a Eng.^a Teresa Belo Dias. Essencial para a sua concretização foi também a colaboração da Dr.^a Fátima Cristina Costa, do GPPAA, no tratamento estatístico dos dados do RGA 99. De referir ainda o auxílio prestado por outros colegas do GPPAA, nomeadamente: Eng^o Hugo da Costa Ferreira, Dr.^a Ana Sofia Sampaio, Eng^o Ana Isabel Antunes e Eng.^a Isabel Escada Mendes.

Metodologia

O primeiro passo para o estabelecimento de um conjunto de tipos básicos de agricultura em Portugal consistiu no estabelecimento de variáveis de base que permitissem a análise da realidade agrícola nacional e cujo cruzamento permitiu a construção, a partir dos dados do Recenseamento Geral da Agricultura de 1999 e de outras fontes, duma matriz de análise. De seguida, procedeu-se ao cálculo dum conjunto de totalizadores e indicadores segundo essas variáveis básicas e segundo alguns dos possíveis cruzamentos das mesmas. Por fim, ensaiou-se a construção duma tipologia da agricultura portuguesa. Para isso, a partir do universo das explorações agrícolas portuguesas classificadas e caracterizadas por um conjunto de variáveis correlacionadas, procedeu-se a uma análise estatística multivariada com os seguintes fases:

- a) - Redução do número de variáveis através da análise da matriz de correlação e da aplicação da análise factorial em componentes principais;
- b) - Determinação de grupos homogéneos (os tipos de agricultura) de explorações agrícolas pela aplicação da análise de clusters.

Os resultados desta análise multivariada permitiram estabelecer quais os limites a considerar na construção empírica da tipologia.

2.1. Estabelecimento das variáveis de base e construção de matrizes de dados regionais

Tendo como base de informação o Recenseamento Geral da Agricultura de 1999 e os dados de Margens Brutas Standard regionais do triénio 1995/96/97, podem-se classificar as explorações agrícolas segundo as seguintes variáveis básicas:

- 1 - a região agrária ou autónoma (RA);
- 2 - a classe de dimensão económica (DE);
- 3 - a orientação técnico-económica (OTE);
- 4 - a modalidade de articulação e racionalidade da exploração agrícola (MOD);

A classificação em modalidades de articulação e racionalidade pretende a distinguir as explorações empresariais, as explorações familiares que constituem a principal fonte do rendimento das famílias e as explorações familiares que não constituem a principal fonte do rendimento das famílias (e dentro destas separá-las segundo a principal fonte do rendimento exterior).

A classificação segundo esta quatro variáveis permite a distribuição das explorações nacionais segundo nove matrizes *DE x OTE x MOD*, uma por cada região, e tendo cada uma 1638 células².

Para cada uma destas células foram calculados pelo Gabinete de Planeamento e Política Agro-Alimentar, com base nas Margem Brutas Standard (MBS) de cada região, os valores de Margens Brutas Totais (MBT).

Determinam-se então as três componentes da Margem Bruta Total das células: as Ajudas Directas (AD), o Suporte de Preços (SP) e as Margens Brutas de Mercado (MBM), utilizando os valores regionais de ajudas directas, os valores nacionais de suporte de preços de produtos e obtendo os valores de MBM por subtracção às MBT das AD e do SP.

Posteriormente, estas nove matrizes regionais podem ser reunidas numa só matriz nacional onde cada exploração estará classificada segundo a RA, a DE, a MOD e a OTE. Da informação de MBM, AD e SP, de cada célula, pode estabelecer-se **uma classificação segundo o grau de dependência dos apoios** (ajudas directas ou suporte de preços). Ter-se-á, assim, a **quinta variável básica** que permitirá, em conjugação com as quatro variáveis básicas iniciais, estabelecer uma tipologia da agricultura portuguesa.

As quatro variáveis básicas iniciais são definidas do seguinte modo:

² Embora, naturalmente muitas das células estejam vazias. Por exemplo todas as células das matrizes dos Açores e da Madeira correspondentes á OTE Olival estão vazias por não existir explorações especializadas em Olival nestas regiões.

2.1.1. – A região agrária (RA)

Consideraram-se as sete regiões agrárias do continente e as regiões autónomas dos Açores e da Madeira, o que permite ilustrar as profundas diferenças regionais da agricultura portuguesa. Temos:

Tabela 2.1. Regiões Agrárias

RA – Regiões Agrárias e Autónomas	Códigos
• 1 Entre Douro e Minho	EDM
• 2 Trás os Montes	TM
• 3 Beira Litoral	BL
• 3 Beira Interior	BI
• 6 Ribatejo e Oeste	RO
• 6 Alentejo	ALE
• 7 Algarve	ALG
• 8 Açores	AÇO
• 9 Madeira	MAD

2.1.2. – A dimensão económica das explorações

A Dimensão Económica (DE) representa uma classificação em categorias da MBT da exploração, a qual corresponde à soma dos valores de Margem Bruta *potencial* das respectivas actividades agro-pecuárias, estimada pelo produto das margem brutas standard da região correspondentes a essas actividades pela unidades de dimensão física de cada actividade (em hectares ou cabeças normais). A Dimensão Económica exprime-se em Unidades de Dimensão Europeia (UDE). A qual corresponde a 1200 Ecus, que, relativamente ao triénio 1995/96/97 considerado, equivale a 1191,312 Euros.

A partir do cálculo da MBT de cada exploração, realizado pelo INE com base no RGA 99, classificou-se o universo das explorações agrícolas portuguesas em sete **classes de dimensão económica**.

Tabela 2.2. Classes de Dimensão Económica

Classe 1: DE < 2 ude
Classe 2: DE >= 2 ude e < 4 ude
Classe 3: DE >= 4 ude e < 8 ude
Classe 4: DE >= 8 ude e < 16 ude
Classe 5: DE >= 16 ude e < 40 ude
Classe 6: DE >= 40 ude e < 100 ude
Classe 7: DE > = 100 ude

2.1.3. - A orientação técnico-económica (OTE) das explorações

Uma exploração é classificada numa determinada **OTE** atendendo à proporção da margem bruta potencialmente gerada por cada uma das suas actividades agro-pecuárias na Margem Bruta Total da exploração. Uma exploração é considerada especializada numa determinada actividade agro-pecuária quando esta potencialmente contribui para, pelo menos, 2/3 da Margem Bruta Total da exploração, e é considerada dominada por uma actividade agro-pecuária quando esta é responsável por mais de 1/3 e menos de 2/3 da MB total.

As 26 classes que foram consideradas na tipologia resultam do trabalho de renovação e adaptação do plano de amostragem da RICA (Proposta para Amostragem e Ponderação, RICA, GPPAA, 1999-2000) para assegurar a representatividade dos tipos fundamentais de unidades de produção agrícola do país, nomeadamente, a elevada expressão de explorações pouco especializadas. Trata-se, pois, duma abordagem diferente da tradicional Classificação Tipológica das Explorações, da Comissão Europeia – Eurostat a dois, três ou quatro dígitos, consistindo num rearranjo destas classes em novos grupos representativos da agricultura portuguesa. Apresenta-se a seguir a classificação adaptada, e a respectiva ligação à classificação tradicional.

Tabela 2.3. Orientação Técnico Económica (OTE) segundo a Classificação das explorações agrícolas adaptada pelo GPPAA:

OTE – Classificação adaptada pelo GPPAA	OTE – Códigos da classificação do Eurostat, CE
<i>Agricultura Geral</i>	
• 1 Especialização Arvenses	1310 + 1330
• 2 Arvenses dominando Policultura	605
• 3 Especialização Arroz	1320
• 4 Especialização Horticultura Extensiva	143
• 5 Especialização Outras Culturas Extensivas	141 + 142 + 144
• 6 Policultura (exc. Domin. Arvenses, Permanentes)	601 a 604 + 6061
<i>Horticultura/Floricultura Intensivas</i>	
• 7 Especialização Horticultura Intensiva Ar livre	2011
• 8 Especialização Horticultura Estufa	2012 + 2013
• 9 Especialização Floricultura e Ornamentais Estufa	2022 + 2023
<i>Viticultura</i>	
• 10 Especialização Vinhos Qualidade	311
• 11 Especialização Outros Vinhos ou Uva	312 a 314
<i>Culturas Permanentes</i>	
• 12 Especialização Frutos Frescos (inc. Citrinos)	3211 + 322 + 323
• 13 Especialização Frutos Secos	3212
• 14 Especialização Olival	330
• 15 Culturas Permanentes Combinadas ou Dominantes	340 + 3213 + 6062
<i>Bovinos Leite</i>	
• 16 Especialização Bovinos Leite	4110 + 4120
• 17 Bovinos Leite Dominantes	431 + 711 + 812
<i>Outros Herbívoros</i>	
• 18 Especialização Bovinos Carne	421 + 422
• 19 Especialização Ovinos ou Caprinos	441 + 443
• 20 Herbívoros em Polipequária	432 + 442 + 444 + 712
<i>Granívoros</i>	
• 21 Especialização Suínos	501
• 22 Especialização Aves	502
• 23 Granívoros Combinados ou Dominantes	503 + 72 + 821
<i>Culturas e Pecuária</i>	
• 24 Herbívoros e Culturas Permanentes	822
• 25 Herbívoros e Arvenses	811 + 813 + 814
<i>Outros</i>	
• 26 Outros	Restantes códigos

2.1.4. – A modalidade de racionalidade e articulação da exploração agrícola (MOD)

A modalidade racionalidade e articulação da exploração agrícola é uma tipologia que tenta traduzir realidades diferenciadas, quer no que respeita à *racionalidade económica* do produtor agrícola familiar, quer nas formas de *articulação com a envolvente exterior económico-social*, com conseqüente pluralismo funcional e diferenciação de estratégias produtivas. As modalidades são assim diferenciadas segundo dois critérios, o critério racionalidade e o critério articulação, que, na prática, são determinados com base em respostas dos produtores agrícolas ao RGA 99.

Dois quesitos do RGA 99 servem de base à classificação das explorações agrícolas nas diferentes modalidades: o quesito 28 e o quesito 31.

O quesito 28 permite obter informação sobre a natureza jurídica do produtor, admitindo as seguintes as respostas: 1. Produtor singular Autónomo; 2. Produtor singular Empresário; 3. Sociedades / Agricultura de grupo; 4. Outras Sociedades; 5. Baldios; 6. Estado e pessoas públicas;

7. Outras formas jurídicas.

Se o produtor agrícola for uma única pessoa física – **produtor singular** – será classificado em 1 ou 2, conforme a mão de obra for predominantemente própria e de pessoas do seu agregado doméstico ou predominantemente de pessoal assalariado. Assim, a classificação em 1 – Produtor singular Autónomo, corresponde à agricultura familiar. Quando se trata de uma entidade moral, será classificada numa das outras categorias. Este quesito vai constituir o primeiro critério para estabelecer as modalidades de articulação e racionalidade ao permitir a diferenciação de três tipos de exploração: o familiar, correspondente à resposta 1; o empresarial, correspondente às respostas 2, 3 e 4; e o tipo ‘outras entidades’, que corresponde às respostas 5, 6, e 7.

No quesito 31 averigua-se, para os produtores singulares (e apenas para estes), a proveniência do rendimento de que dispõe o agregado doméstico do produtor: se o rendimento provém exclusivamente da actividade da exploração, se mais de metade provém da actividade da exploração ou se o rendimento é principalmente (mais de metade) de origem exterior à actividade da exploração. Nestes dois últimos casos, isto é, quando existem rendimentos exteriores à exploração, o RGA identifica as três fontes mais importantes. As respostas possíveis são: Salários do sector primário; Salários do sector secundário; Salários do sector terciário; Actividade empresarial; Pensões rurais/reformas; Juros/dividendos; Remessas de emigrantes; Outra.

É, assim, possível apurar para as explorações familiares cujo rendimento provém principalmente do exterior qual a principal fonte desse rendimento. Estas explorações foram então reunidas em três grupos fundamentais: salários dos sectores secundário e terciário, pensões rurais e reformas e outras fontes de rendimento exterior. Estabeleceu-se, deste modo, o segundo critério para a definição das modalidades de articulação e racionalidade.

Da conjugação destes dois critérios obtiveram-se, então, as seis modalidades.

Temos as seguintes modalidades de articulação e de racionalidade:

1 ° **Produção Agrícola – empresários individuais e sociedades – ES** – Modalidade englobando os Produtores Singulares Empresários, SAG e Outras Sociedades. Obtém-se, assim, a agricultura empresarial com recurso predominante ao trabalho assalariado.

2 ° **Produção Agrícola– explorações familiares – EF** – Modalidade reunindo os Produtores Singulares Autónomos (com predominância do trabalho familiar) com rendimentos exclusiva ou maioritariamente da exploração. Isto é, corresponde à agricultura familiar que depende da produção agrícola.

3 ° **Salários da Indústria e dos serviços - explorações familiares – IS** - Produtores Singulares Autónomos com rendimentos maioritariamente provenientes de salários dos sectores secundário e terciário. É a agricultura familiar caracterizada pela articulação com os mercados de trabalho extra-agrícolas e cuja existência depende, naturalmente, da existência de oferta de trabalho nesses sectores nas regiões onde se localizam estas explorações.

4 ° **Pensões rurais e reformas - explorações familiares – PR** - Produtores Singulares Autónomos com rendimentos provenientes maioritariamente das pensões rurais e reformas. Trata-se, portanto, de uma agricultura familiar articulada com o Estado – Providência e que corresponde a uma população rural envelhecida.

5 ° **Outras origens - explorações familiares – OO** - Produtores Autónomos com rendimentos provenientes maioritariamente de salários do sector primário, juros/dividendos, remessas de emigrantes. Corresponde assim à agricultura familiar com outras formas de articulação com o meio económico-social que não as reformas ou os salários dos sectores secundário e terciário.

6 ° **Outros – OU** - Modalidade englobando os Baldios, o Estado e Outras formas jurídicas. Reúnem-se, assim, um conjunto heterogéneo de formas jurídicas de importância relativamente reduzida ou cujos dados estatísticos possuem muitas limitações, como é o caso dos baldios.

2.1.5. Construção de matrizes regionais

Estabelecidas estas quatro primeiras variáveis básicas, procedeu-se à classificação de cada exploração agrícola do RGA 99 segundo a sua OTE, a sua DE e a sua modalidade, para depois construir, para cada região agrária, uma matriz a três dimensões *OTE x DE x MOD*.

Contabilizou-se, de seguida, um conjunto de totalizadores sobre as variáveis apuradas pelo RGA 99 para cada uma das células dessas matrizes.

Totalizadores das variáveis das rubricas RGA 99:

- Superfícies com culturas (códigos de 0201 a 0810)
- Efectivos animais (de 1101 a 1152)
- Superfície agrícola utilizada - SAU (0826)
- Superfície florestal (0827)
- Superfície total das explorações agrícolas(0830)
- Superfície irrigável (1008)
- População Agrícola Familiar - PAF (1319)
- Número de explorações
- Unidade de Trabalho Agrícola - UTA
- Unidade de Trabalho Agrícola Familiar - UTAF
- Unidade de Trabalho Agrícola assalariada Permanente - UTAP
- Unidade de Trabalho Agrícola assalariada Eventual - UTAE

2.2. – Cálculo da Margem Bruta Total, Ajudas Directas, Suporte de Preços, Margem Bruta de Mercado (excluindo o suporte de preços) e estabelecimento da matriz nacional.

As superfícies das culturas (códigos de 0201 a 0810 do RGA99), em hectares, e os efectivos pecuários (códigos de 1101 a 1152 do RGA99), em cabeças normais, de cada uma das células das matrizes regionais foram valorizados segundo a Margem Bruta Standard correspondente a cada região e a cada cultura, ou actividade animal, no triénio 96 (Anexo 1). Em seguida esses valores foram somados, obtendo-se uma Margem Bruta Total para cada célula.

O mesmo processo foi utilizado para obter o valor de ajudas directas de cada uma das células, multiplicando-se superfícies das culturas e os efectivos pecuários pelos valores regionalizados das ajudas directas (Anexo 2).

Para o cálculo das medidas de suporte de preços de mercado procedeu-se, em primeiro lugar, para cada cultura e actividade animal, ao produto da respectiva percentagem de mecanismos de suporte de preços de mercado (índice nacional de %SP – anexo 3) pelos Valores Brutos de Produção (VBP – anexo 4) correspondentes às diferentes regiões obtendo-se um valor de produção bruta resultante do suporte de preços (VBPSP). De seguida o VBPSP foi multiplicado pelas superfícies das culturas e pelos efectivos pecuários de cada uma das células das matrizes regionais, conseguindo-se um valor de suporte de preços de mercado para cada célula.

Para calcular a percentagem de mecanismos de suporte de preços de mercado (%SP) utilizou-se a informação da OCDE relativa ao VPpm - valor do produto a preços de mercado, e ao VPpp - valor do produto a preços paritários para cada actividade pecuária ou cultura no ano 1997. (OECD: *Agricultural Databases: 2002 Edition - Agricultural Support Estimates –Database 1986-2001*) Calculando-se %SP através da fórmula $\%SP = (VPpm - VPpp) * 100 / VPpm$. Os valores de VBP foram obtidos no Sistema de Informações das Margens Brutas – GPPAA.

Obtendo-se assim, para cada célula de cada matriz regional, por um lado um valor de Margem Bruta Total e por outro o valor de margem bruta resultante de ajudas directas e o valor de margem bruta resultante de suporte de preços é possível pela simples subtracção dos segundos relativamente aos primeiros obter o valor da margem bruta que seria originada no mercado na ausência quer de ajudas directas quer de suporte de preços, que será designado simplesmente como Margem Bruta de Mercado ou MBM.

Obtiveram-se, deste modo, para cada célula das matrizes regionais *OTE x DE x MOD*, valores de:

- margem bruta total MBT;
- apoios sobre a forma ajudas directas AD;
- apoios sobre a forma de suporte de preço SP
- a margem bruta remunerada pelo mercado na ausência de suporte de preços MBM.

Sendo $MBT = AD + SP + MBM$

Isto permite, desde logo, calcular os totais nacionais destes quatro indicadores:

- Margem Bruta Total: 3 355 929 813 euros;
- Ajudas Directas Totais: 419 837 445 euros e, portanto, 12,51 % da MB total;
- Suporte de preços de mercado: 825 245 626 euros e portanto 24,59% da MB total
- Margem Bruta remunerada pelo mercado na ausência de suporte de preços: 2 110 846 742 e 62,90% da MB total.

Observa-se que a percentagem de apoios totais é de 37,1% da margem bruta e as ajudas directas representam 33,7% desse total de apoios.

Nota: este sistema de cálculo tem naturalmente limitações. Desde logo O Sistema de Informações de Margens Brutas fornece para cada cultura e actividade pecuária um valor de Margem Bruta Standard para cada região que se pretende próximo da situação padrão numa região, não podendo, naturalmente, representar de toda a diversidade regional e conseqüentemente não podendo ser uma média exacta e ponderada do que se passa em cada cultura e actividade pecuária dessa região. Assim o produto das MBS pelas superfícies e efectivos pecuários das culturas e actividades correspondentes dá apenas uma aproximação do valor de MBT realmente produzido.

Por outro lado os valores de Ajudas Directas são também valores padrão a que os agricultores duma região terão direito mas aos quais parte dos agricultores podem não recorrer. Considera-se, por exemplo, que na cultura do Olival e na actividade ovinos e caprinos muitos agricultores não recorrerão aos prémios a que teriam direito o já não sucede com os agricultores com culturas arvenses.

Por outro lado a situação periférica de Portugal pode implicar que o suporte de preços seja na realidade inferior ao considerado derivado à distância a percorrer até aos locais de estabelecimento de preços.

O caso das Aves em que se verifica um valor de suporte muito elevado, tem de ser visto com prudência pois o nível de suporte depende fortemente dos preços mundiais e da taxa de câmbio euro/dólar (Cordovil, *et al.*, 2004).

Não obstante estas limitações pensa-se que os valores obtidos são uma aproximação razoável à realidade o que se pode verificar quando se comparam os valores totais nacionais obtidos por estes cálculos com valores de outras fontes.

Procedeu-se, então, à reunião das matrizes regionais numa só matriz nacional, a qual contém um total de 5617 células. Refira-se que o total de células possíveis seria de 9828, no caso de todas as combinações das vinte e seis *OTE*, sete *DE*, seis *MOD* e nove *RA*, conterem explorações.

Temos assim uma matriz nacional a quatro dimensões, obtida pela classificação das explorações do universo RGA segundo as quatro variáveis base atrás referidas. Para se ensaiar o estabelecimento de um grupo de tipos de agricultura em Portugal falta apenas uma variável básica, referente à estrutura de apoios.

Para cada uma destas 5617 células da matriz com explorações agrícolas existe agora a informação

possibilitando o cálculo de um conjunto de indicadores:

%AT na MBT - Percentagem de Apoio total na MBT, o nível de dependência de apoios totais;

%AD na MBT - Percentagem de Ajudas Directas na MBT, o nível de dependência de ajudas directas;

%SP na MBT - Percentagem de Suporte de Preços de Mercado na MBT, correspondendo ao nível de dependência de suporte de preços de mercado;

%MBM na MBT - Percentagem de Margem Bruta remunerada pelo Mercado, na ausência de suporte de preços, na MBT, isto é, a proporção de margem bruta realizada no mercado na ausência de apoios;

MBT / UTA – produtividade do trabalho com base no mercado e nos apoios totais;

(MBM + SP) / UTA – produtividade do trabalho com base no mercado e no suporte de preços de mercado;

MBM / UTA - produtividade do trabalho com base no mercado sem apoios;

MBT / SAU - produtividade da terra com base no mercado e nos apoios totais;

(MBM + SP) / SAU - produtividade da terra com base no mercado e no suporte de preços de mercado;

MBM / SAU – produtividade da terra com base no mercado sem apoios;

MBT / n.º explorações ou MBT média – Dimensão económica média com base no mercado e apoios totais;

(MBM+SP) / n.º explorações ou MBM + SP média – Dimensão económica média com base no mercado e suporte de preços;

MBM / n.º explorações ou MBM média – Dimensão económica média com base na remuneração originada pelo mercado na ausência de apoios;

SAU / n.º explorações ou SAU média – Dimensão física média;

SAU / UTA – estrutura básica (superfície disponível por unidade de trabalho);

UTA / n.º explorações ou UTA média – Trabalho médio realizado;

%UTAF na UTAT - Percentagem da UTA Familiar na UTA total – Nível de dependência do trabalho familiar;

%UTAP na UTAT - Percentagem da UTA Assalariada Permanente na UTA total, isto é, o nível de dependência do trabalho assalariado permanente;

%UTAE na UTAT - Percentagem da UTA Assalariada Eventual na UTA total, ou seja, o nível de dependência do trabalho assalariado eventual;

%UTA na UTAT - Percentagem da UTA Assalariada na UTA total, isto é, o nível de dependência do trabalho assalariado;

PopFam Média – População Agrícola Familiar média, isto é, total de membros do agregado familiar que habitam na exploração, trabalhando ou não nesta.

2.3. A estrutura dos apoios – última variável de base

Para se ver qual o referencial na obtenção do resultado económico da exploração tem de se atender à forma de apoios de que beneficiam. A partir da informação sobre o valor de Margem Bruta Total (MBT), nível de apoio total (AT), nível de Ajudas Directas (AD) e nível de Apoios sobre a forma de Suporte de Preços do Mercado (SP), em cada célula da matriz $OTE \times DE \times MOD \times RA$, estabeleceu-se uma primeira classificação das células de acordo com o tipo de apoios de que beneficiam, para assim obter os elementos necessários à análise segundo a estrutura de apoios.

Recorrendo a um trabalho de Joaquim Cabral Rolo (*Nota sobre o rendimento da actividade agrícola a partir da margem bruta*, Lisboa, INIAP, 2002, 2 p., não publicado) onde se estima um coeficiente que permite o cálculo do Rendimento Líquido Total (RLT) da actividade agrícola - que é igual ao Rendimento Líquido da Actividade Agrícola para a mão-de-obra familiar mais as remunerações dos assalariados – a partir da MBT, podem-se construir três classes onde se agregam as células da matriz de base segundo a relação com o mercado e os apoios. Temos assim:

Classe Me - Células em que o nível de apoio total é inferior a metade do RLT, $AT/RLT < 50\%$. As explorações incluídas nestas células têm o mercado como referência e a produção agrícola, em princípio, como objectivo básico, beneficiando de níveis de apoios pouco significativos.

Classe SP - Células onde o nível de apoios é superior a metade do RLT e predominantemente por medidas de suporte de preços de mercado, $AT/RLT > 50\%$ e $SP/AT > 50\%$. Reúnem-se assim, nesta classe, explorações que continuam a ter como referência o mercado e como objectivo, em princípio, a produção agrícola mas que beneficiam de um nível importante de suporte de preços.

Classe AD - Células com um nível de apoios é superior a metade do RLT e predominantemente por ajudas directas, $AT/RLT > 50\%$ e $AD/AT > 50\%$. Estão nesta classe um conjunto de explorações que têm como referencial as ajudas directas de que beneficiam sendo o seu objectivo básico, eventualmente, não a produção agrícola mas a gestão dessas ajudas.

2.4. – Análise preliminar das variáveis básicas: Modalidades e Apoios

Estando estabelecidos as variáveis básicas de análise procedeu-se depois a uma análise de alguns dos cruzamentos entre estas variáveis com vista a obter um melhor conhecimento do universo em estudo e pistas para a tipologia que se pretende.

2.4.1. As Modalidades de articulação e racionalidade

As tabelas 2.4. e 2.5. permitem ver como se distribuem pelas seis modalidades de articulação e racionalidade um conjunto de variáveis básicas. Assinale-se como a modalidade 1 – Agricultura empresarial, com apenas 5,47% das explorações reúne 43,12% da SAU e 46,26% das AD. A modalidade 2 – Agricultura familiar não articulada destaca-se pela importância ao nível do suporte de preços com 40,24% do total nacional. Por outro lado o conjunto das modalidades de articulação correspondem a 66,13% das explorações nacionais, sendo que têm um peso em MBM superior ao peso das AD e do SP.

Tabela 2.4 Importância das diferentes Modalidades de articulação e racionalidade.

Modalidades	Expl. %	SAU %	MB Total %	MB	Ajudas	Suporte
				Mercado %	Directas %	Preços %
M1-AgEmpresarial	5,47	43,12	37,51	35,08	46,26	39,25
M2-AgFamiliar	28,13	32,12	35,91	34,74	33,27	40,24
M3-AgArtic.Salários	26,64	8,26	11,33	12,68	8,09	9,51
M4-AgArtic.Reformas	30,54	9,43	9,81	11,37	8,00	6,74
M5-AgOut.Artic.	8,95	3,33	4,27	4,87	3,03	3,38
M3,4e5-Ag.Articulada	66,13	21,02	25,41	28,92	19,12	19,63
M6-OutrasF.Júridicas	0,28	3,74	1,18	1,26	1,34	0,88
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Valores	414659	3857707,1	3355929813	2110846742	419837445	825245626

Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA. Unidades: SAU em ha, MBT, MBM, AD e SP em Euros.

Tabela 2.5. Importância das diferentes Modalidades - continuação

Modalidades	UTA Total	UTA Familiar	UTA	
	%	%	Permanente	Eventual
	%	%	%	%
M1-AgEmpresarial	19,71	3,94	76,49	41,55
M2-AgFamiliar	21,48	39,66	8,19	25,70
M3-AgArtic.Salários	18,68	22,37	3,43	13,48
M4-AgArtic.Reformas	16,10	26,84	2,08	12,88
M5-AgOut.Artic.	16,29	7,18	1,70	5,16
M3,4e5-Ag.Articulada	51,07	56,40	7,22	31,51
M6-OutrasF.Júridicas	7,74	0,00	8,10	1,24
Total	100,00	100,00	100,00	100,00
Valores	558707,658	431229,203	47134,945	48510,966

Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA. Unidades: UTA.

2.4.1.1. As modalidades de racionalidade e articulação e as classes de dimensão económica

Gráfico 2.1. Peso em explorações das Modalidades de articulação e racionalidade em cada classe de Dimensão Económica

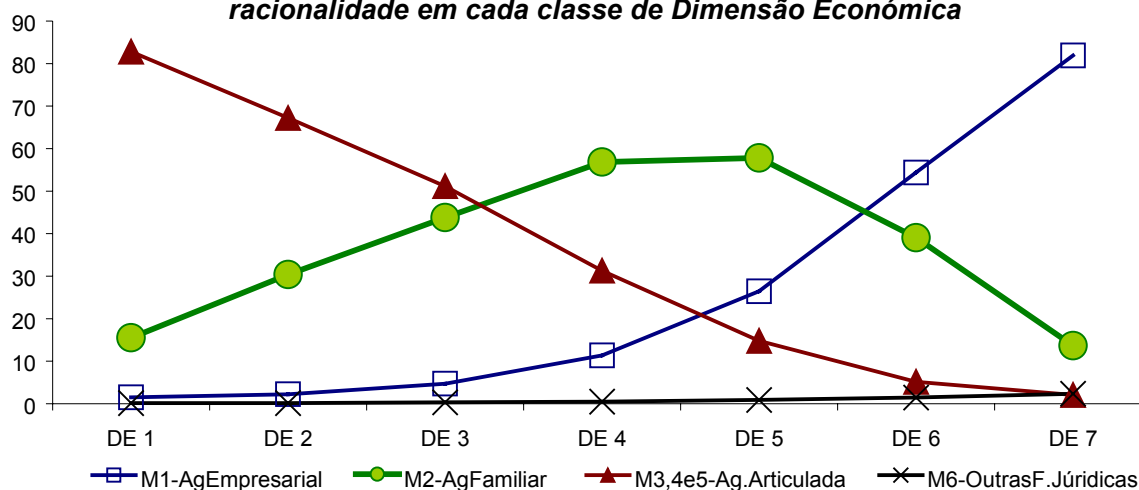
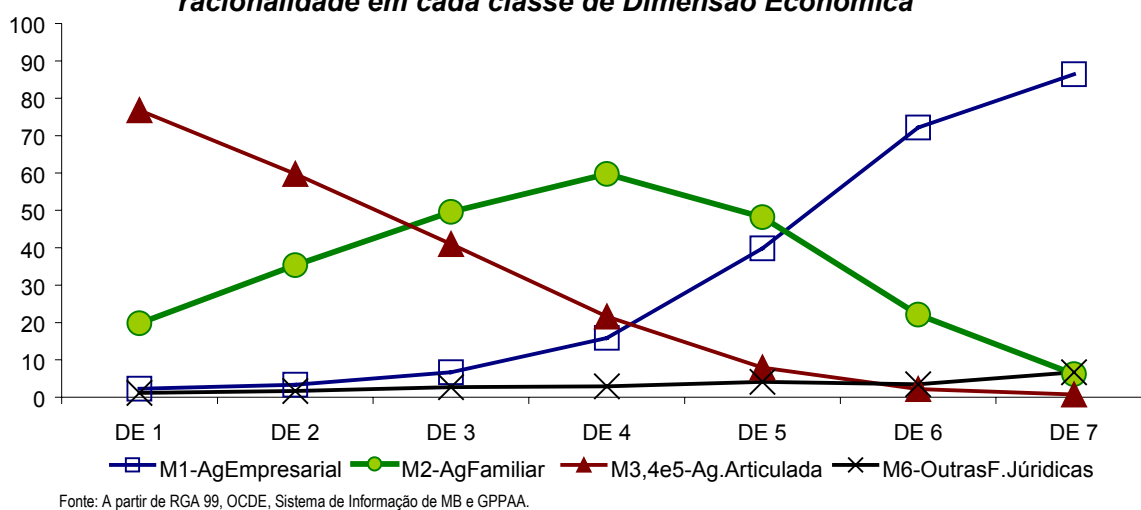


Gráfico 2.2. Peso em SAU das Modalidades de articulação e racionalidade em cada classe de Dimensão Económica



Os gráficos 2.1. e 2.2³ ilustram bem a importância crescente da modalidade **M1-AgEmpresarial** com o aumento da dimensão económica, a ponto de ser quase a única existente na classe de DE 7. Dum modo inverso existe uma correlação negativa entre a Dimensão Económica e o peso das modalidades articuladas: a sua ocorrência é quase nula a partir da classe 5.

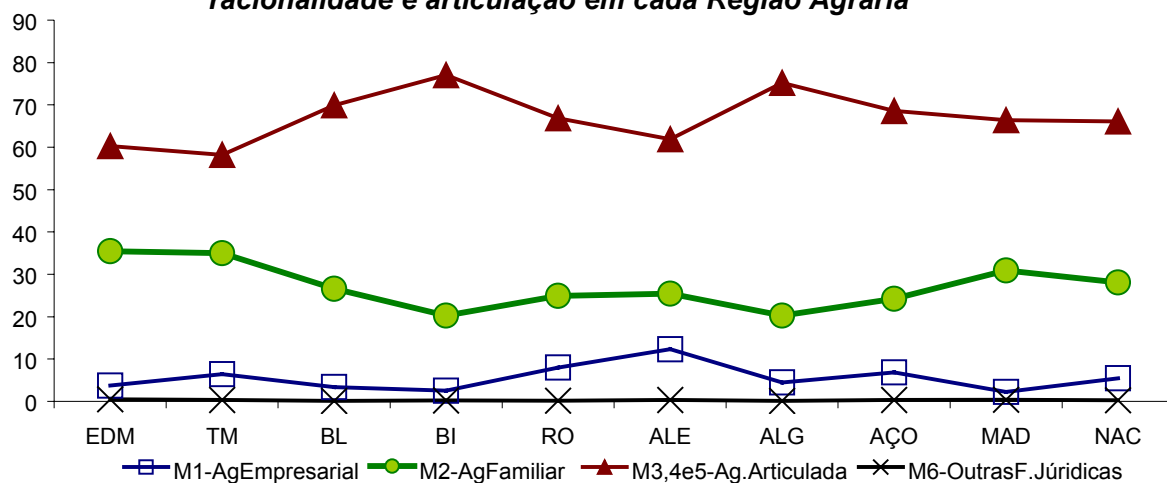
Verifica-se, assim, que as classes DE 1 e 2 (<4ude) são dominadas pelas modalidades articuladas. A classe DE 3 tem um peso equivalente da agricultura familiar articulada e não articulada (com um peso maior da agricultura articulada em n.º de explorações e em MBT e um peso maior da agricultura familiar não articulada em SAU), já nas classes DE 4 e 5⁴ a agricultura familiar não articulada é dominante embora com uma importância significativa da agricultura empresarial na DE 5. Por fim as duas classes de maior dimensão são dominadas pela agricultura empresarial. Ou seja, a agricultura empresarial só se justifica, aparentemente, relativamente a explorações agrícolas capazes de gerar Margem Bruta (potencial) de pelo menos 19000 euros.

³ Um gráfico equivalente mas com o peso da MBT seria idêntico ao gráfico com o peso do n.º de explorações.

⁴ Portanto para lá do limiar de sustentabilidade da família, segundo Fabiano e Scarano (1996).

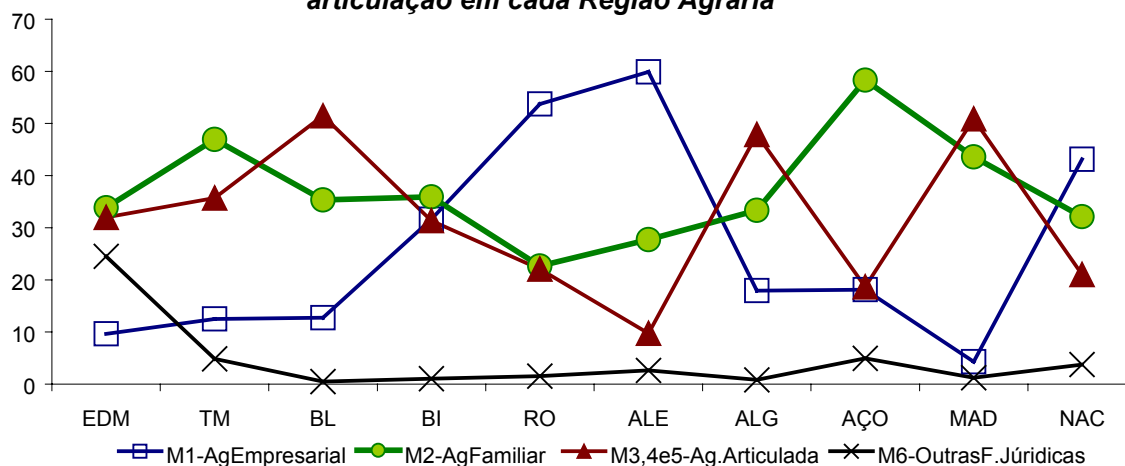
2.4.1.2. As modalidades de articulação e racionalidade e as regiões

Gráfico 2.3. Peso em N.º de Explorações das Modalidades de racionalidade e articulação em cada Região Agrária



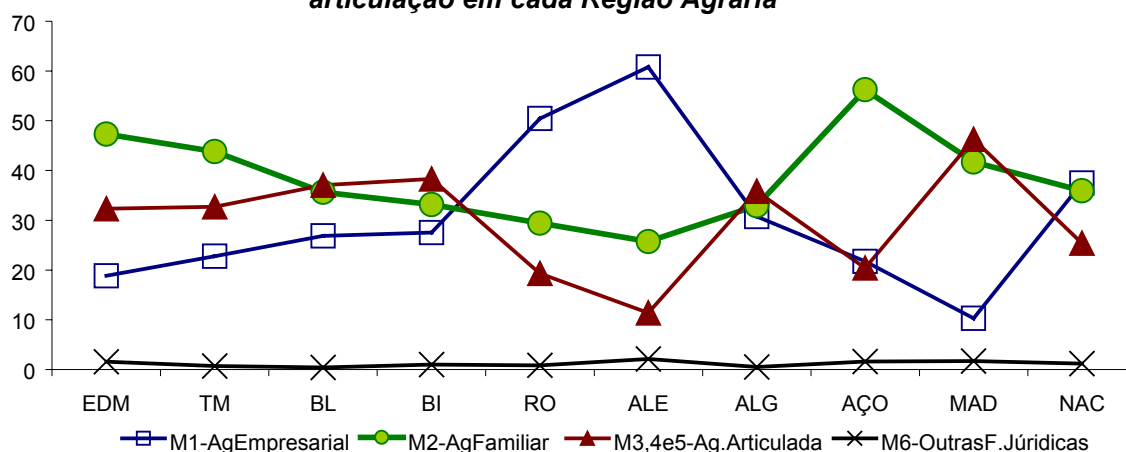
Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Gráfico 2.4. Peso em SAU das Modalidades de racionalidade e articulação em cada Região Agrária



Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Gráfico 2.5. Peso em MBT das Modalidades de racionalidade e articulação em cada Região Agrária



Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Os gráficos 2.3, 2.4 e 2.5 permitem verificar que se relativamente ao número de explorações a situação nas várias regiões é bastante homogénea já relativamente à SAU e a MBT há importantes variações regionais sendo o leque de dispersão inter-regional mais acentuado no caso da SAU. Assim, o Ribatejo e Oeste e o Alentejo são dominados, quer em SAU quer em MBT, pela Agricultura Empresarial, enquanto que nas regiões de Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes e Açores se destaca a agricultura familiar não articulada. Refira-se que a modalidade 6, correspondente a outras formas jurídicas, é sempre marginal com excepção da região de Entre Douro e Minho onde alcança cerca de 25% da SAU regional, representando os baldios.

Nas restantes regiões (Beira Litoral, Beira Interior, Algarve e Madeira) as explorações articuladas tendem a ser mais importantes, embora secundadas de perto pela agricultura familiar não articulada.

2.4.1.3. As modalidades de articulação e racionalidade e as classes de apoio

Observando a distribuição das modalidades dentro de cada classe de apoios, em termos de SAU e MBT, respectivamente nas tabelas 2.6. e 2.7, saliente-se como a classe de apoios AD é dominada pela modalidade Agricultura Empresarial (59,76% da SAU e 57,14% da MBT), destacando-se na classe de apoios Suporte de Preços (CI SP) a Agricultura Familiar não articulada (com 44% da SAU e 46% da MBT), e existindo na

classe de apoios de Mercado um equilíbrio tripartido entre as modalidades M1, M2 e o conjunto das modalidades articuladas (M3, M4 e M5). Isto é, a SAU e a MBT das explorações dependentes do mercado distribui-se igualmente pela agricultura empresarial, pela agricultura familiar não articulada e pela agricultura familiar articulada.

O gráfico 2.6 permite visualizar melhor esta distribuição no caso da variável SAU (um gráfico relativo à MBT seria muito semelhante não sendo por isso apresentado). Não é fornecida informação relativamente à distribuição do número de explorações porque se verifica sempre um domínio absoluto da agricultura articulada independentemente da estrutura de apoios, ou seja, em todas as classes de apoio a grande maioria das explorações são das modalidades 3, 4 e 5.

Tabela 2.6 Distribuição da SAU segundo classes de apoio e Modalidades.

SAU	CI AD	CI SP	CI Me	Nacional
M1-AgEmpresarial	59,76	34,81	27,84	43,12
M2-AgFamiliar	27,30	44,12	31,56	32,12
M3-AgArtic.Salários	4,04	9,24	12,72	8,26
M4-AgArtic.Reformas	4,83	7,76	15,72	9,43
M5-AgOut.Artic.	2,05	2,88	5,07	3,33
M3,4e5-Ag.Articulada	10,91	19,88	33,51	21,02
M6-OutrasF.Júridicas	2,03	1,18	7,09	3,74
Total	100,00	100,00	100,00	100,00
Valores (ha)	1684159	742042	1431506	3857707,05

Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

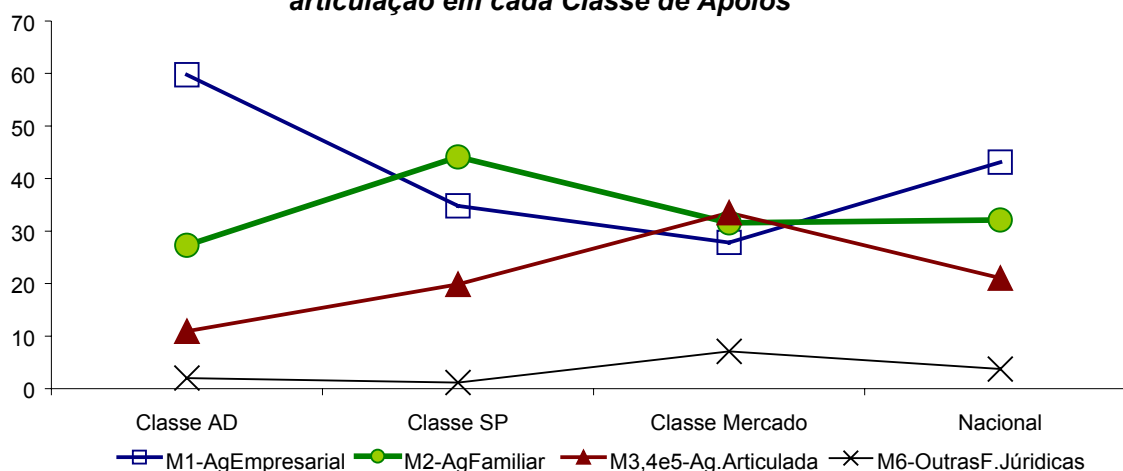
Tabela 2.7. Distribuição da MBT segundo classes de apoio e Modalidades.

MBT	CI AD	CI SP	CI Me	Nacional
------------	--------------	--------------	--------------	-----------------

M1-AgEmpresarial	57,14	36,93	32,39	37,51
M2-AgFamiliar	27,11	46,04	32,59	35,91
M3-AgArtic.Salários	5,28	8,78	14,45	11,33
M4-AgArtic.Reformas	6,13	5,06	13,52	9,81
M5-AgOut.Artic.	2,48	2,58	5,73	4,27
M3,4e5-Ag.Articulada	13,89	16,42	33,70	25,41
M6-OutrasF.Júridicas	1,85	0,61	1,32	1,18
Total	100,00	100,00	100,00	100,00
Valores (Euros)	503708080	1032382392	1819839340	3355929813

Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Gráfico 2.6. Peso em SAU das Modalidades de racionalidade e articulação em cada Classe de Apoios

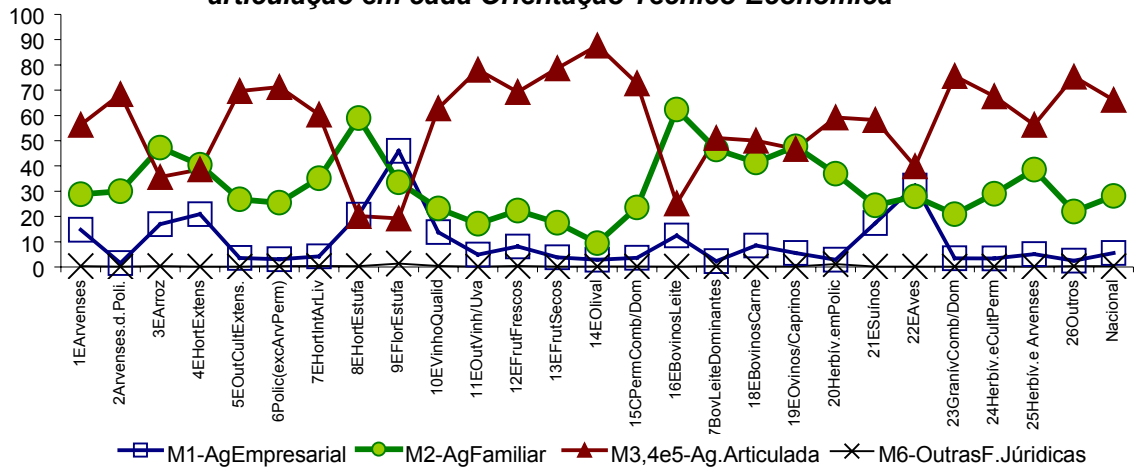


Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

2.4.1.4. As Modalidade de Articulação e Racionalidade e as Orientações Técnico Económicas

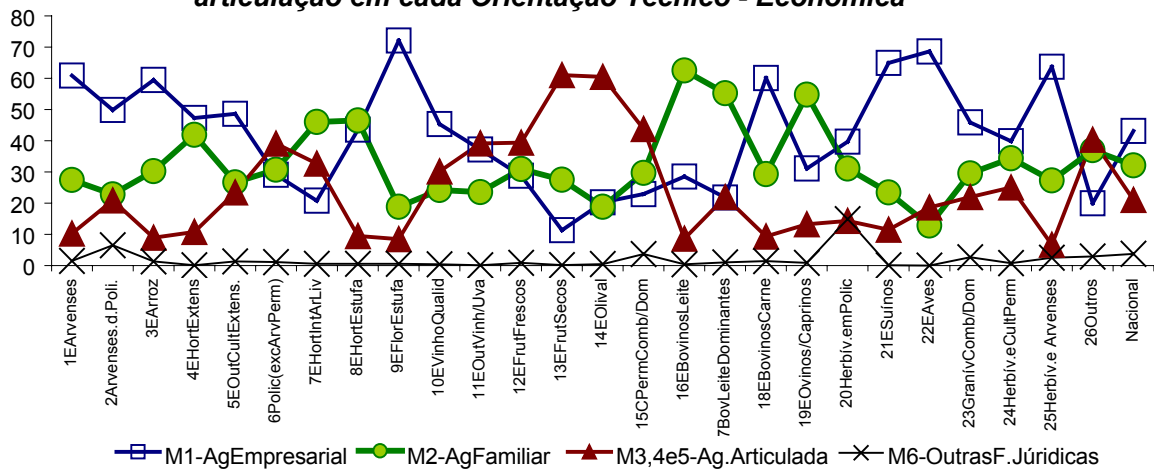
Os gráficos 2.7., 2.8. e 2.9. permitem ver a importância das diferentes modalidades em cada OTE em termos, respectivamente, de n.º de explorações, SAU e MBT.

Gráfico 2.7. Peso em N.º Expl. das Modalidades de racionalidade e articulação em cada Orientação Técnico-Económica



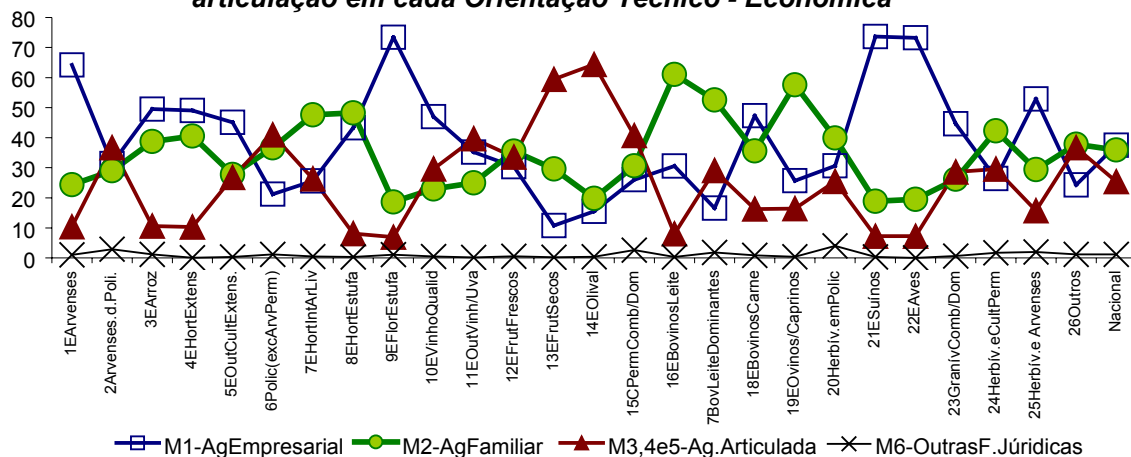
Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Gráfico 2.8. Peso em SAU das Modalidades de racionalidade e articulação em cada Orientação Técnico - Económica



Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Gráfico 2.9. Peso em MBT das Modalidades de racionalidade e articulação em cada Orientação Técnico - Económica



Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Note-se como a agricultura familiar articulada domina a quase totalidade das OTE em termos de número de explorações com excepção das Orientações Técnico Económicas Especialização em Arroz, Especialização em Horticultura em Estufa e Especialização em Bovinos de Leite (OTE 3, 8 e 16) onde predomina a agricultura familiar não articulada e da OTE Especialização .Floricultura em Estufa (OTE 9) dominada pela agricultura empresarial. Já em termos de SAU a agricultura familiar articulada continua dominante apenas nas OTE Especialização em Frutos Secos (OTE 13) e Especialização em Olival (OTE14), e em menor grau nas OTE Policultura (excluindo Arvenses e Culturas Permanentes – OTE 6), Especialização em Frutos Frescos (OTE 12) e Culturas Permanentes Combinadas/Dominantes (OTE 15). A agricultura familiar não articulada destaca-se nas OTE Especialização em Horticultura Intensiva ao Ar Livre (OTE 7), Especialização em Bovinos de Leite (OTE 16), Bovinos Leite Dominantes (OTE 17) e Especialização em Ovinos/Caprinos (OPE 19). Assim, e para além da OTE Outras (OTE 26 que reúne as explorações não classificáveis em nenhuma das outras 25 OTE), que se divide entre a agricultura familiar articulada e não articulada, todas as restantes OTE são dominadas em termos de SAU pela agricultura empresarial (embora, na OTE Especialização em Horticultura em Estufa., a dominância seja partilhada com a agricultura familiar não articulada e, na OTE Especialização em Vinha de Qualidade, com a agricultura familiar articulada).

O cenário relativamente à MBT tende a ser semelhante à situação da SAU mas com uma redução da importância relativa da agricultura empresarial nas OTE 2, 18, 20, 24 e 25.

Sendo que, nas OTE 2, 20 e 24, essa redução é mesmo suficiente para que a agricultura empresarial deixe de ser dominante. (isto é, nestas modalidades a maioria da SAU está em explorações empresariais mas a maioria da MBT está na agricultura familiar, articulada e não articulada). Em sentido inverso temos o caso das OTE 21 – Esp. em Suínos e 22 – Esp. em Aves em que ao domínio da agricultura empresarial em termos de SAU se junta um domínio ainda mais significativo em termos de MBT:

Refira-se ainda que a modalidade 6 – Outras formas jurídicas apenas tem um valor significativo, em termos de SAU, nas OTE 2 - Arvenses.d.Poli. e 20 - Herbív.emPolic, e em termos de MBT apenas nesta última OTE.

2.4.2.As classes de apoios

As tabelas 2.8. e 2.9. permitem ver como se distribuem pelas três classes de apoio um conjunto de variáveis básicas.

Tabela 2.8. Importância das diferentes classes de apoios

Classes de Apoios	Explorações	SAU	MB Total	MB Mercado	Ajudas Directas	Suporte Preços
	%	%	%	%	%	%
CI AD	11,13	43,66	15,01	9,12	52,38	11,07
CI SP	20,81	19,24	30,76	21,29	25,86	57,48
CI Me	68,06	37,11	54,23	69,59	21,76	31,45
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Valores	414659	3857707	3,36E+09	2110846742	419837445	8,25E+08

Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Tabela 2.9. Importância das diferentes classes de apoios – continuação

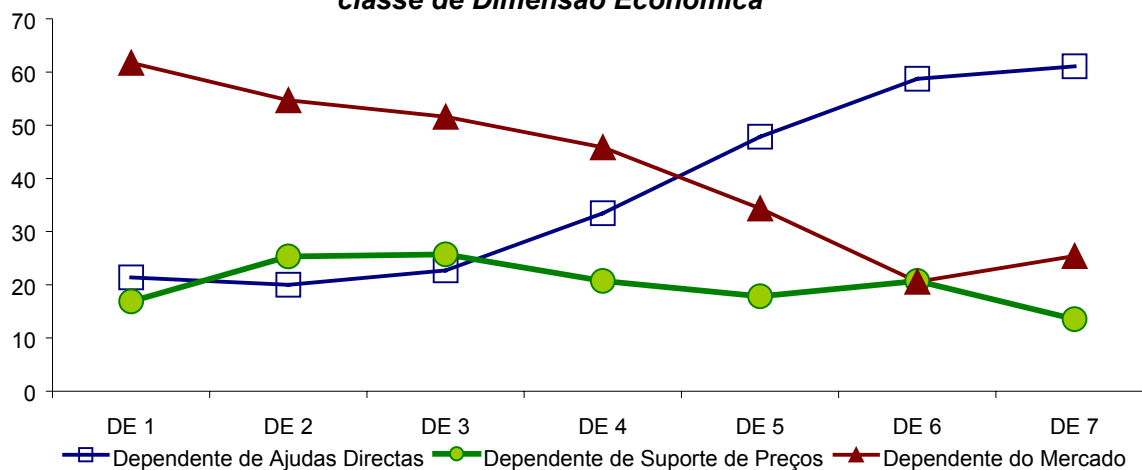
Classes de Apoios	UTA Total %	UTA Familiar %	UTA Permanente %	UTA Eventual %
AD	9,08	7,27	20,30	13,88
SP	26,05	28,31	21,50	10,44
Mercado	64,87	64,42	58,20	75,68
Total	100,00	100,00	100,00	100,00
Valores	529681,21	431229,2	47134,945	48510,97

Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Saliente-se como as explorações predominantemente dependentes de ajudas directas sendo apenas 11,13% do total nacional e produzindo 9,12% da Margem Bruta de Mercado correspondem a 43,66% da SAU nacional e recebem 52,38% das ajudas directas nacionais.

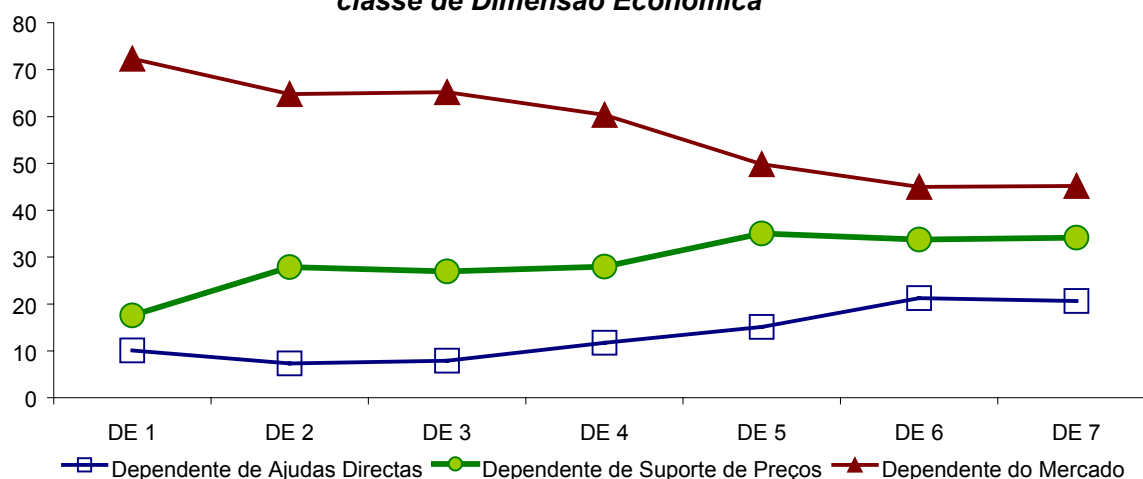
2.4.2.1. As Classes de Apoios e as classes de Dimensão Económica

Gráfico 2.10. Peso em SAU das classes de apoio dentro de cada classe de Dimensão Económica



Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Gráfico 2.11. Peso em MBT das classes de apoio dentro de cada classe de Dimensão Económica



Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

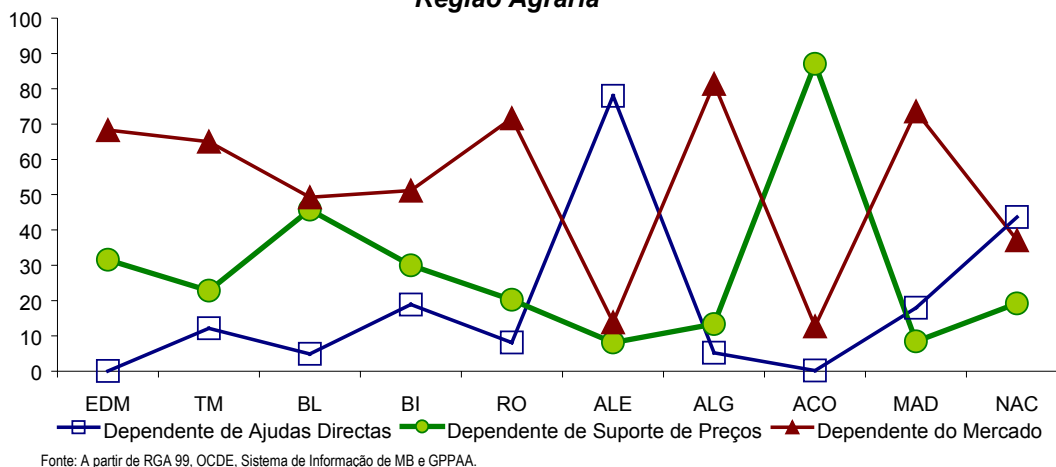
O gráfico 2.10. permite ver como existe uma correlação positiva entre a DE e a proporção de SAU em explorações dependentes de AD e uma correlação negativa entre a DE e a proporção de SAU em explorações dependentes de mercado. Já a proporção de SAU em explorações dependentes de SP é independente da DE.

O gráfico 2.11 mostra o mesmo efeito em termos de MBT mas numa forma bastante atenuada de tal modo que a MBT em qualquer uma das classes de DE está sempre predominantemente nas explorações da Classe de apoios Mercado, isto é, nas explorações sem dependência de apoios.

Um gráfico referente às explorações seria muito semelhante ao gráfico da MBT.

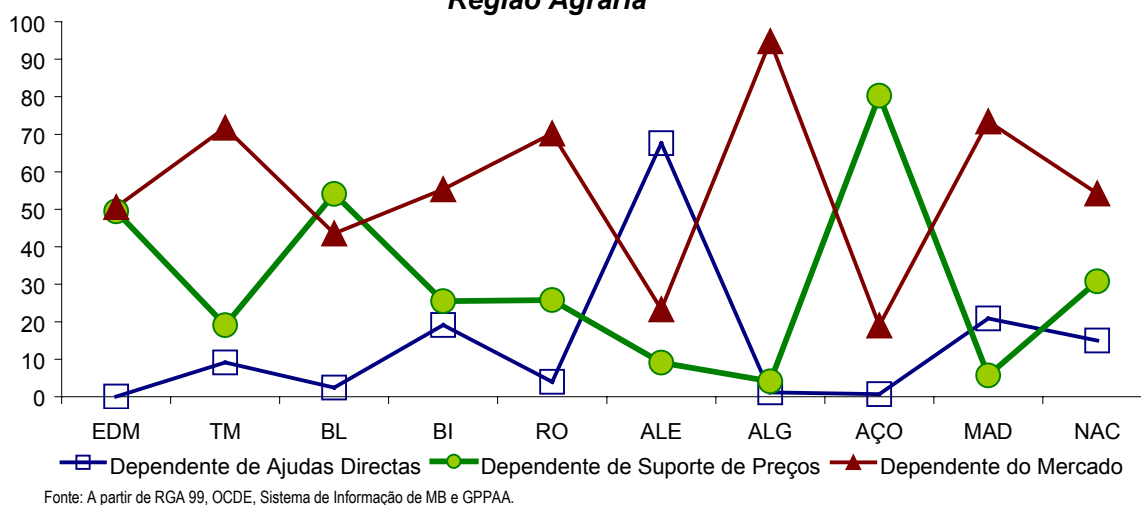
2.4.2.2. As Classes de Apoios e as regiões

Gráfico 2.12. Peso em SAU das classes de apoio dentro de cada Região Agrária



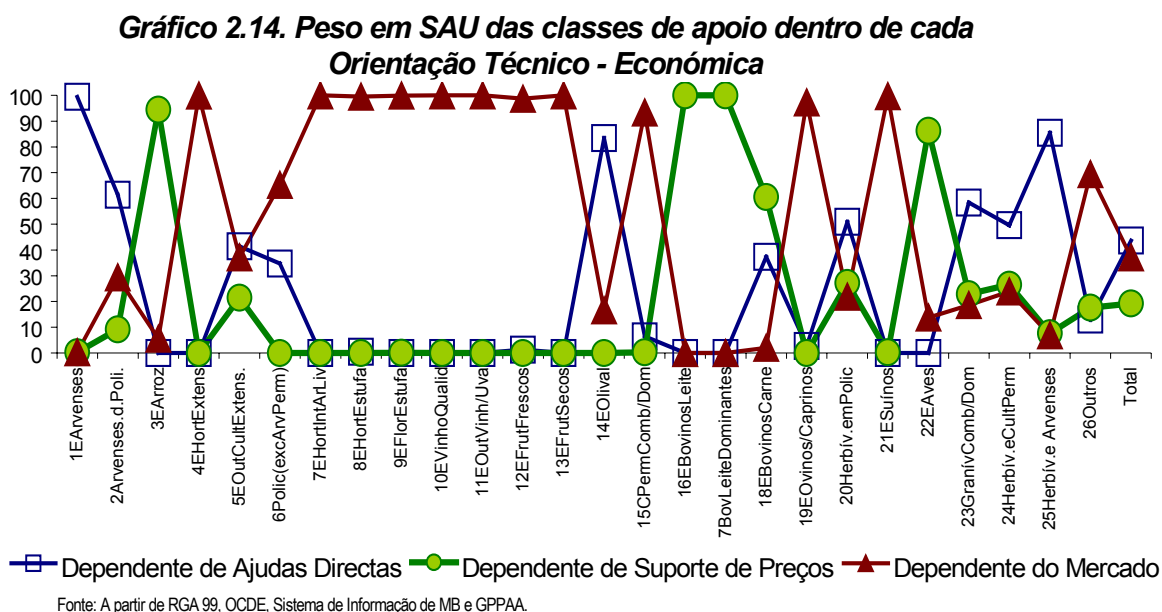
O gráfico 2.12 permite ver que, em termos de SAU, só nos Açores domina o suporte de preço, sendo que na Beira Interior existe um equilíbrio entre a SAU em explorações com suporte de preços e a SAU em explorações dependentes do mercado. Por outro lado só no Alentejo é que a SAU está essencialmente em explorações dependentes de Ajudas Directas. Nas restantes seis regiões predomina sempre a SAU em explorações dependentes do mercado.

Gráfico 2.13. Peso em MBT das classes de apoio dentro de cada Região Agrária



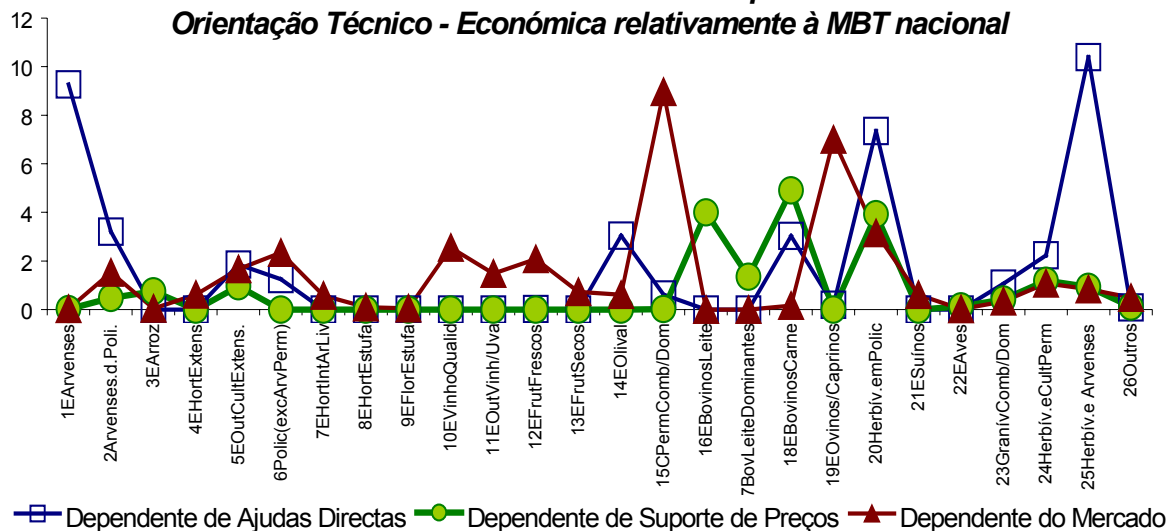
O gráfico 2.13, referente à MBT, é semelhante, diferindo na região de EDM que tem a sua MBT igualmente distribuída pelas explorações dependentes de Suporte de Preços e de Mercado. Isto é, em termos de MBT há três regiões onde o suporte de preços é de grande importância: EDM, BL e Açores. Construindo-se um gráfico referente ao n.º de explorações mostraria apenas o Alentejo dominado por explorações dependentes de Ajudas Directas, os Açores repartidos entre explorações dependentes do mercado e explorações dependentes do suporte de preços e as restantes regiões dominadas pelas explorações dependentes do mercado mas ressalvando-se a importância relativa das explorações dependentes de suporte de preços no EDM e na BL.

2.4.2.3. As Classes de Apoios e as Orientações Técnico Económicas



Observando, no gráfico 2.14. a distribuição da SAU dentro de cada OTE segundo a preponderância da origem dos rendimentos pode-se agrupar as OTE em quatro grupos: um grupo com as OTE 1, 14 e 25 com total dominância das ajudas directas, outro grupo com as OTE 3, 16, 17 e 22 dominado pelo suporte de preço, um terceiro grupo com as OTE 4, de 6 a 13, 15, 19, 21 e 26 onde predomina o mercado e por fim o grupo das OTE 2, 5, 18, 20, 23 e 24 onde as Ajudas Directas predominam embora não com o peso das OTE 1, 14 e 25.

Gráfico 2.15. Peso em SAU das classes de apoio dentro de cada Orientação Técnico - Económica relativamente à MBT nacional



Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Atendendo á grande variação da importância das OTE em termos de SAU será interessante ver-se, no gráfico 2.15, o que se passa em termos absolutos, isto é, ver a importância de cada cruzamento OTE com classe de apoios relativamente à MBT nacional.

Verifica-se que as OTE 1, 18, 20 e 25 reúnem 44% da SAU nacional e 69% da SAU dependente de Ajudas Directas. As OTE 15 e 19 reúnem perto de metade da SAU dependente do mercado. As OTE 16, 18 e 20 reúnem 67% da SAU dependente de suporte de preços. Note-se que duas OTE, 18 e 20, são importantes tanto me termos de AD com em termos de SP.

2.5. Análise Estatística Multivariada

Na tentativa de encontrar padrões nos dados disponíveis começou-se por construir um modelo multivariado usando o conjunto de indicadores referidos na caixa da página 15.

2.5.1. Análise preliminar das variáveis

Para resumir a informação das variáveis começou-se por calcular o vector de médias, e a matriz de correlação entre as variáveis.

Tabela 2.10. Vector de médias

%AT na MBT	37,1	MBT/SAU	869,93	SAU/UTA	7,28
%AD na MBT	12,51	MBM+SP/SAU	761,1	UTA Média	1,28
%SP na MBT	24,59	MBM/SAU	547,18	%UTAF na UTAT	81,41
%MBM na MBT	62,9	MBT/Expl.	8093,2	%UTAP na UTAT	8,9
MBT/UTA	6335,8	MBM+SP/Expl.	7080,7	%UTAE na UTAT	9,13
MBM+SP/UTA	5543,1	MBM/Expl.	5090,6	%UTAA na UTAT	18,03
MBM/UTA	3985,1	SAU Média	9,3	PopFam Méd	2,97

Tabela 2.11. Matriz de correlações

	%MBM na MBT	%AD na MBT	%SP na MBT	%UTAF na UTAT	%UTAP na	%UTAE na	SAU Média	UTA Média	SAU / UTA	MBT Média	MBM+SP Média	MBM Média	MBT / UTA	MBM+SP / UTA	MBM / UTA	MBT / SAU	MBM+SP / SAU	MBM / SAU	PopFam Média	%UTAA na
%MBM na MBT	1,00	-0,54	-0,87	-0,05	-0,02	0,15	-0,09	-0,02	0,02	-0,38	0,00	0,12	0,00	0,03	0,11	0,00	0,04	0,04	-0,04	0,05
%AD na MBT		1,00	0,58	-0,02	0,00	0,02	0,23	0,00	0,01	0,01	-0,07	-0,10	-0,03	-0,07	-0,09	-0,05	-0,05	-0,06	-0,03	0,01
%SP na MBT			1,00	0,07	0,02	-0,19	-0,02	0,02	-0,03	0,43	0,04	-0,08	0,01	0,01	-0,08	0,30	0,03	-0,02	0,06	-0,07
%UTAF na UTAT				1,00	-0,89	-0,48	-0,29	-0,35	-0,07	-0,33	-0,31	-0,32	-0,07	-0,68	-0,08	-0,05	-0,05	-0,05	0,58	-1,00
%UTAP na UTAT					1,00	0,30	0,24	0,30	-0,08	0,28	0,26	0,25	0,06	0,05	0,06	0,63	0,06	0,64	-0,61	0,89
%UTAE na UTAT						1,00	0,15	0,17	0,01	0,19	0,17	0,22	0,05	0,05	0,63	-0,02	-0,02	-0,02	-0,09	0,48
SAU Média							1,00	0,27	0,42	0,44	0,35	0,37	0,29	0,27	0,31	-0,02	-0,02	-0,02	-0,16	0,29
UTA Média								1,00	-0,01	0,48	0,46	0,45	0,00	0,00	-0,01	0,43	0,43	0,05	-0,19	0,35
SAU / UTA									1,00	0,06	0,58	0,08	0,58	0,59	0,73	-0,01	-0,01	-0,01	-0,07	0,07
MBT Média										1,00	0,99	0,94	0,39	0,38	0,31	0,13	0,13	0,12	-0,11	0,33
MBM+SP Média											1,00	0,96	0,40	0,40	0,32	0,14	0,14	0,13	-0,10	0,31
MBM Média												1,00	0,37	0,37	0,34	0,12	0,12	0,13	-0,10	0,32
MBT / UTA													1,00	1,00	0,95	0,08	0,08	0,07	-0,02	0,07
MBM+SP / UTA														1,00	0,96	0,08	0,08	0,07	-0,02	0,07
MBM / UTA															1,00	0,06	0,06	0,06	-0,04	0,08
MBT / SAU																1,00	1,00	0,96	-0,02	0,05
MBM+SP / SAU																	1,00	0,96	-0,02	0,05
MBM / SAU																		1,00	-0,02	0,05
PopFam Média																			1,00	-0,58
%UTAA na UTAT																				1,00

Observando a tabela das correlações⁵ note-se como a %AD além de correlação moderada com a %SP apenas possui uma correlação baixa com a SAU média não tendo correlação significativa com a dimensão económica, a produtividade da terra ou a produtividade do trabalho. Já no que respeita à %SP, não possui correlação significativa com a SAU média mas possui uma correlação importante com a dimensão económica e uma correlação fraca com a produtividade da terra. Esboça-se assim uma ligação das ajudas directas à dimensão física e uma ligação do suporte de preços à dimensão económica.

De referir também como a proporção de UTA Familiar tem correlações negativas, embora fracas, com a SAU média, a UTA média e a dimensão económica (MBT/expl). Isto é, as explorações de maior dimensão, quer física, quer económica, quer laboral tendem a ser empresariais. A UTA Familiar tem ainda correlação negativa importante com a produtividade do trabalho e positiva com a população agrícola. Tendo naturalmente

⁵⁵ Uma correlação é considerada: Muito baixa se o valor for inferior a 0,20; Baixa se variar entre 0,20 e 0,39; Moderada entre 0,40 e 0,69; Alta entre 0,70 e 0,89 e Muito Alta entre 0,90 e 1. Portanto, apenas correlações iguais ou superiores a 0,4 são significativas.

correlações negativas com a UTA permanente e a eventual, mas é de notar como o valor é muito alto com a UTA permanente e moderado com a UTA eventual. Aliás, tendendo a %UTA Permanente a ter correlações dum modo geral opostas às da %UTA Familiar, o mesmo sucede com a %UTA Eventual mas sempre com correlações substancialmente mais fracas. A própria correlação entre estas duas variáveis, %UTA Eventual e %UTA Permanente, é fraca. Assim sendo, será UTA permanente que mais contribuí para a definição das explorações empresariais, estando a UTA eventual pouco relacionada com a separação entre agricultura familiar e não familiar.

A SAU média tem, como já se viu, uma correlação baixa com %AD, não tendo uma correlação significativa com a %SP. Tem por outro lado correlações moderadas com a SAU/UTA e a dimensão económica total (mas já baixas com a dimensões económicas com suporte e sem apoios). Existe ainda correlação baixa com a produtividade do trabalho.

A UTA média está correlacionada com a dimensão económica e a produtividade da terra, a SAU/UTA também com a dimensão económica e com a produtividade do trabalho.

2.5.2. Análise factorial

Utilizando a análise factorial como método exploratório, o que é possível por este conjunto de variáveis ter correlações significativas entre si, vai-se reduzir o número de indicadores sem perder representatividade.

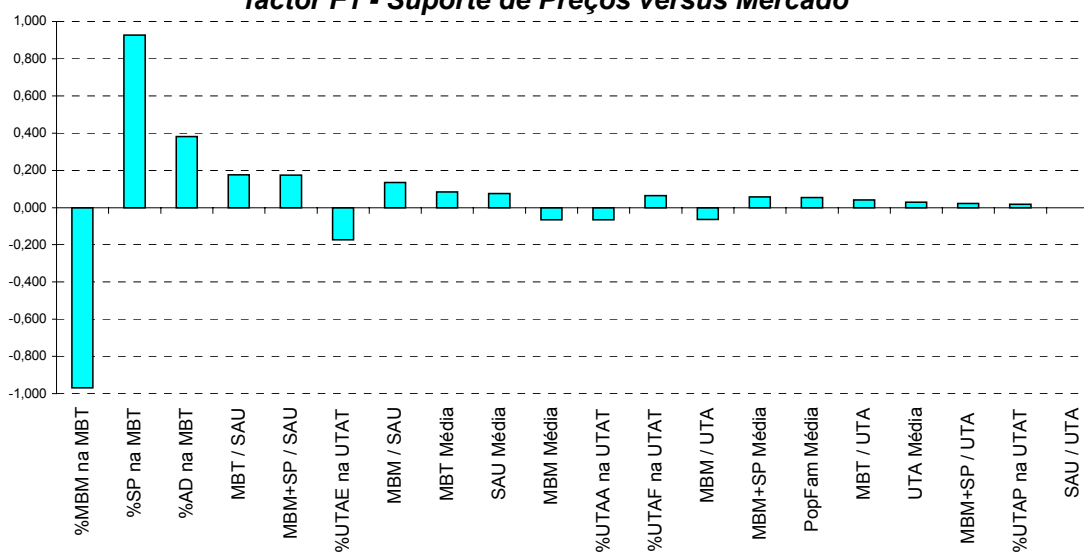
Procedendo a uma análise factorial de componentes principais para simplificação dos dados obtemos quatro factores cuja matriz de pesos factoriais se apresenta de seguida.

Tabela 2.12 – Matriz dos pesos factoriais

Variáveis	F1 Suporte		F3	
	de Preços versus mercado	F2 Estrutura Básica	Agricultura Empresarial Familiar	F4 Ajudas Directas
%MBM na MBT	-0,969	0,037	0,003	0,232
%AD na MBT	0,381	-0,064	0,188	-0,700
%SP na MBT	0,928	-0,006	-0,114	0,134
%UTAF na UTAT	0,064	0,066	-0,777	0,011
%UTAP na UTAT	0,017	-0,055	0,665	0,017
%UTAE na UTAT	-0,173	-0,037	0,412	-0,050
SAU Média	0,075	0,445	0,608	-0,319
UTA Média	0,029	-0,035	0,490	0,058
SAU / UTA	0,000	0,924	0,029	-0,084
MBT Média	0,083	0,173	0,738	0,214
MBM+SP Média	0,057	0,176	0,693	0,296
MBM Média	-0,066	0,192	0,719	0,293
MBT / UTA	0,041	0,790	0,161	0,150
MBM+SP / UTA	0,023	0,797	0,143	0,186
MBM / UTA	-0,063	0,894	0,128	0,144
MBT / SAU	0,177	-0,025	0,200	0,639
MBM+SP / SAU	0,175	-0,024	0,199	0,642
MBM / SAU	0,135	-0,029	0,211	0,658
PopFam Média	0,053	0,030	-0,411	0,052
%UTAA na UTAT	-0,065	-0,066	0,776	-0,008

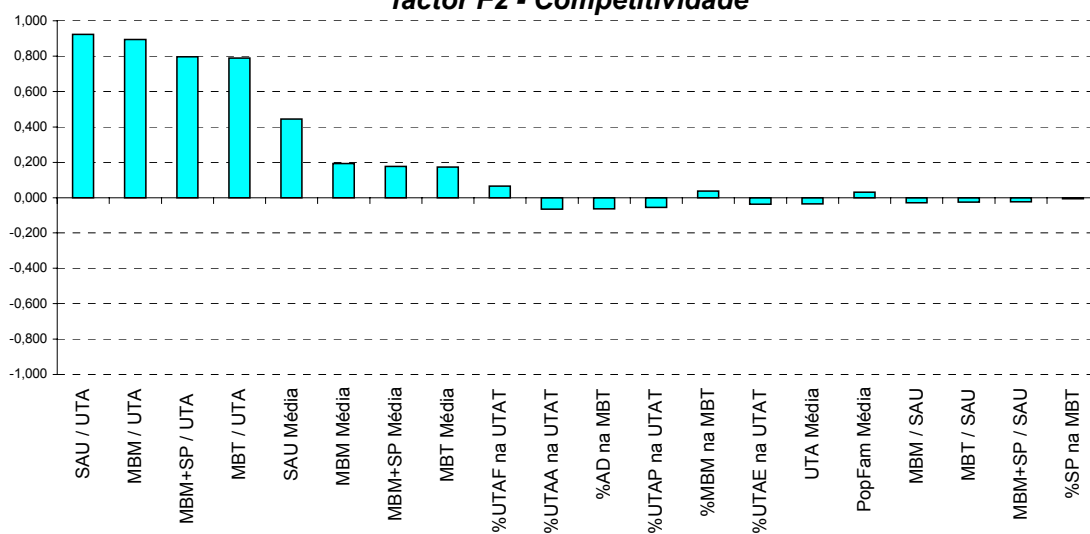
Representados graficamente temos:

Gráfico 2.16. Coeficientes de correlação entre os indicadores e o factor F1 - Suporte de Preços versus Mercado



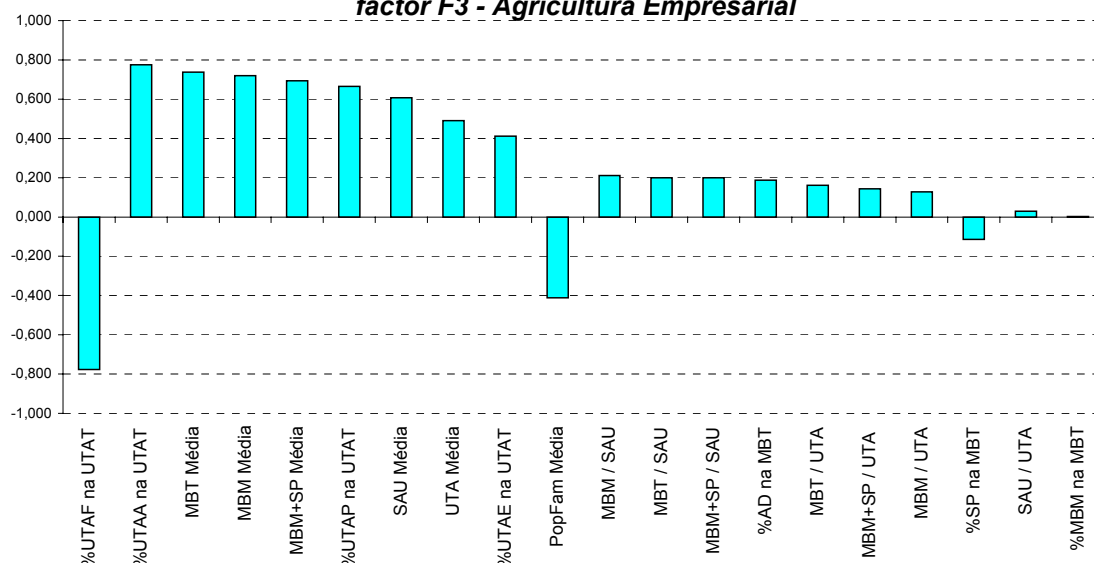
Este primeiro factor foi designado por factor de Suporte de Preços *versus* Mercado porque reúne exactamente estas duas variáveis: %SP na MBT e %MBM na MBT servindo para destrinçar as células que contém explorações dependentes predominante dependentes do mercado ou do suporte de preços. Note-se que o factor não tem correlação significativa com a %AD na MBT.

Gráfico 2.17. Coeficientes de correlação entre os indicadores e o factor F2 - Competitividade



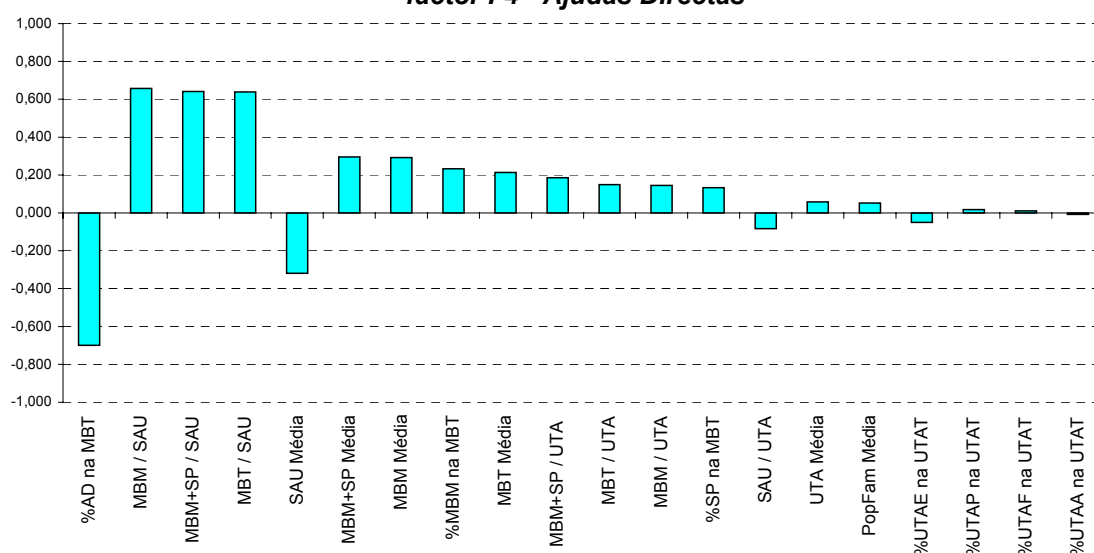
Este segundo factor foi denominado de factor de Competitividade pois estão associados a este factor variáveis usualmente indicadoras de competitividade como é o caso da Estrutura básica, da produtividade do trabalho e da dimensão física.

Gráfico 2.18. Coeficientes de correlação entre os indicadores e o factor F3 - Agricultura Empresarial



Este terceiro factor está associado a variáveis que definem a agricultura empresarial: uma correlação fortemente negativa com a UTA familiar e correlações fortemente positivas com a UTA assalariada, em geral, com a UTA permanente, em particular, com a Dimensão Económica e com a Dimensão Física. Verifica-se ainda uma correlação negativa moderada com a População Agrícola Familiar e correlações positivas, também moderadas, com a UTA média e a UTA eventual.

Gráfico 2.19. Coeficientes de correlação entre os indicadores e o factor F4 - Ajudas Directas



Este último factor está correlacionado, negativamente com a %AD na MBT e positivamente com a produtividade da terra.

2.5.3. Análise de clusters

Sendo aconselhado o uso alternado de análise factorial e análise de clusters para ir procurando sucessivamente melhores resultados até se obter um conjunto harmonioso de clusters e de factores procedeu-se de seguida a uma análise de clusters utilizando as quatro variáveis identificadas como mais importantes na análise factorial: %MBM, produtividade do trabalho, %UTAF, %AD e ainda a dimensão económica por ser importante diferenciar ao máximo as explorações segundo esta variável básica.

E o resultado foram oito clusters que analisados permitiram ver quais as rupturas importantes no universo em análise e a construção posterior de tipos mais regulares e homogéneos. Para isso procedeu-se à análise dos cruzamentos dos clusters com cada uma das variáveis cinco básicas

Verifica-se assim relativamente a cada cluster obtido:

C1 – que agrupa a agricultura empresarial (tendo o conjunto das explorações deste cluster uma percentagem de 21,84% de UTAF na UTAT), de dimensão média a grande e com dependência de Ajudas Directas (média de 51,97% de AD na MBT);

C2 – agricultura empresarial (em média com 7% de UTAF e UTA média de 9 unidade) de muito grande dimensão, dependente do mercado, com e sem suporte de preços (2/3 dependente só do mercado 1/3 com suporte de preços de mercado, 63,72% de MBM; 28,07% SP de média geral);

C3 - agricultura empresarial (23,49% de UTAF) de média e grande dimensão dependente do mercado, sem suporte de preços (82,69% de MBM);

C4 - agricultura familiar, sendo 60% das explorações articuladas, de dimensão predominante média e com dependência de Ajudas Directas (média de 40,56% de AD na MBT);

C5 – agricultura familiar, essencialmente não articulada, de dimensão económica média (DE 4 e 5) com dependência de Suporte de preços (64,60% de SP na MBT);

C6 – agricultura familiar-empresarial de média e grande dimensão (predominam as explorações com DE entre 16 e 100 ude, com uma presença também significativa das explorações com DE entre 8 e 16 ude) dependentes do Mercado com e sem suporte (2/3 dependente só do mercado 1/3 com suporte de preços de mercado; 61,52% de MBM e 32,51% de SP médios na MBT), e também com presença de explorações articuladas;

C7 - pequena agricultura familiar, frequentemente com articulações, essencialmente de DE 1 a 3, e com valores de AD e SP relativamente importantes (%MBM de 57,735, %AD de 13,05% e %SP de 29,22);

C8 – pequena agricultura familiar, frequentemente com articulações, essencialmente de DE 1 a 3, e com MBM de 80%, 4,43%de AD e 14,43% de SP.

Os clusters C7 e C8 são portanto diferenciados essencialmente pelo nível de apoios sendo que as explorações do C7 tem níveis acima da média nacional e as explorações do C8 tem níveis muito abaixo da média nacional.

A análise dos cruzamentos permite também realizar alguns ajustamentos na definição das classes das variáveis básicas Modalidades e Classes de Apoios.

Assim relativamente à variável **Modalidades** verifica-se que os clusters onde predominam as modalidade de agricultura familiar incluem também um número importante de explorações da M1-AgEmpresarial. Uma observação mais detalhada dessas explorações revela que embora tenham uma UTA assalariada total superior à UTA familiar (e exactamente por isso estão classificadas na modalidade empresarial) verifica-se, em quase todas estas explorações, que a UTA familiar é superior a 40% da UTA total e, simultaneamente, a UTA familiar é superior à UTA assalariada permanente. Por outro lado quer em termos de SAU média, quer de UTA média quer principalmente em termos de dimensão Económica média estas explorações estão muito próximas das explorações familiares e muito distantes das outras explorações da modalidade 1. Em suma, são explorações que se poderão considerar na verdade de agricultura familiar.

No que respeita à variável **Classes de Apoios** verifica-se que um bom número de explorações classificadas como dependentes de Suporte de Preços (classe SP) possuem uma valor de Ajudas Directas superior a 25% do RLT, isto é, a proporção de AD que caracteriza a Classe AD, sendo apenas o valor muito elevado de Suporte de Preço que coloca estas explorações na classe SP. Uma análise das características destas explorações revela que estão de facto muito próximas das explorações da classe de AD. Assim, parece lógico agrupar num mesmo tipo todas as explorações com um nível de dependência de ajudas directas superior a 25% da RLT, independentemente da remanescente Margem Bruta ser ou não, predominantemente na forma de suporte de preço.

No que se refere à **dimensão económica**, verifica-se que por um lado temos clusters (c7 e c8) que reúnem essencialmente explorações de classe DE 1,2 e 3 que segundo Fabiano e Scarano (1995) não chegam a permitir um rendimento razoável a uma UTA, concentrando-se nos restantes clusters as explorações de maior dimensão. A importância deste ponto de ruptura no universo em estudo pode-se também confirmar com a observação da variação dos vários indicadores segundo classes de Dimensão Económica (páginas 20, 21 e 29).

A partir desta informação e dos pressupostos teóricos antes referidos, nomeadamente quanto ao estabelecimento das modalidades, estabeleceram-se um conjunto de nove tipos:

1º tipo correspondendo ao cluster explorações predominantemente empresariais dependentes de AD e de dimensão elevada. Reuniram-se apenas as explorações da modalidade 1 em que a %UTAF não ultrapassa os 40% da UTA total e é inferior à UTA assalariada permanente e contabilizaram-se apenas explorações com dimensão económica superior a 8 ude. Por fim consideraram-se as explorações da classe de Apoios AD, e, ainda, as explorações da classe de Apoios SP com Ajudas Directas superiores a 25% da RLT.

2º tipo correspondendo aos dois clusters de explorações empresariais dependentes de mercado com e sem suporte de preços, reunindo-os num só tipo atendendo que só a dimensão económica média separa os dois clusters o que não será significativo relativamente ao tipo de agricultura que se pretende isolar. Também aqui se pretendem apenas explorações empresariais, da modalidade 1, com forte predominância da UTA assalariada (e o portanto não se contabilizaram as explorações com $UTAF > 40\%$ e com $UTAF > UTAP$) e com dimensão económica de no mínimo 8 ude e, naturalmente não foram incluídas as explorações da classe 2 de apoios que foram colocadas no tipo 1.

3º tipo corresponde ao cluster explorações familiares dependentes de AD, reunindo as explorações, de $DE > 8ude$, da modalidade 2, ou da modalidade 1 mas com forte presença de UTA familiar ($UTAF > 40\%$ e $UTAF > UTAP$), mas excluindo as explorações familiares com articulações com o exterior que estavam incluídas neste cluster. Por outro lado, também se consideraram neste tipo as explorações da classe 2 de apoios com um peso de AD superior a 25% da RLT.

4º tipo corresponde ao cluster explorações familiares dependentes de suporte de preços, também de DE>8ude, da modalidade 2 ou da modalidade 1 quando UTAF>40% e UTAF>UTAP, e também com exclusão das explorações articuladas. Obviamente também não entrando as explorações da classe 2 de apoios que foram consideradas do tipo 3.

5º tipo corresponde ao cluster da agricultura familiar dependente de mercado sem suporte de preços, sendo em tudo idêntico ao tipo anterior com a diferença de serem as explorações sem suporte de preços.

6º tipo não corresponde a nenhum cluster reunindo antes as explorações dos tipos 3,4 e 5 que são articuladas com o exterior e que, não sendo diferenciáveis da agricultura familiar não articulada pelos indicadores utilizados (possuem níveis equivalentes de apoios, de produtividade do trabalho, de dimensão económica e de UTA familiar), corresponderão, como se viu na introdução teórica, a uma realidade distinta da agricultura familiar não articulada e que, portanto, valerá a pena ter como tipo separado.

7º e 8º tipo correspondendo aos clusters de explorações familiares de pequena dimensão mas separados em dois tipos não conforme a importância de AD e SP mas segundo as modalidades, tendo dum lado (7ºTipo) as explorações das modalidades 1 e 2, não articuladas, e por outro as modalidades articuladas. Este tipo 8º reúne dois terços das explorações nacionais e será dividido em três subtipos correspondentes aos três tipos de articulações, isto é, às modalidades 3,4 e 5.

Por fim cria-se um nono tipo para reunir as explorações da modalidade 6 que estão distribuídos pelos vários clusters mas que pelas suas características específicas devem ser considerados à parte.

Tipos de agricultura identificados

3.1. - 1º Tipo: Agricultura empresarial dependente de ajudas directas

Construção: Explorações com mão de obra maioritariamente assalariada (UTAF<40% e UTAF<UTAP), de dimensão económica superior a 8 ude e que beneficiam de apoios totais (AT) superiores a 50% do rendimento líquido total (RLT) e maioritariamente sob a forma de ajudas directas (AD>SP) ou com um peso significativo destas (pelo menos 25% do RLT) no caso do suporte de preços ser superior às ajudas directas.

Importância: Este tipo corresponde a 0,8% das explorações nacionais, 29,3% da SAU nacional, 10,5% da Margem Bruta Total nacional, 35,1% das Ajudas Directas nacionais, 9,9% do suporte de preços, 5,9% da Margem Bruta proveniente do Mercado, 0,5% da UTA Familiar e 13,7% da UTA assalariada.

Regiões: Verifica-se que 78,0% das explorações, 89,3% da SAU, 72,0% Margem Bruta Total e 77,8% das Ajudas Directas deste tipo situam-se no Alentejo. Por outro lado, 52,6% da SAU, 45,8% da Margem Bruta Total e 58,9% das Ajudas Directas do Alentejo pertence a este tipo 1 (mas só 7,1% das explorações). Pode-se assim dizer que existe uma forte correspondência entre o tipo 1 e a região do Alentejo.

Orientação técnico-económica: Predominam as OTE 1–EspArvenses, 5-EspOutCultExtens 18-EspBovinosCarne, 20-HerbívorosEmPolipecuária e 25-HerbívorosEARvenses (o conjunto destas OTE reúnem 72,7% das explorações, 79,2% SAU, 79,2 da MBT, 82,6% das Ajudas Directas e 81,7 do Suporte de Preços deste tipo). Têm ainda um peso significativo as OTE 2-ArvensesDominPolicultura, 14-EspOlival, e 24-HerbívorosECulturasPermanentes.

Em termos de importância deste tipo dentro de cada OTE refira-se que mais de metade da SAU das OTE 1, 18 e 25 (e 42% da OTE 5) estão em explorações deste tipo sendo que também as OTE 2, 20 e 24 tem uma proporção importante da sua SAU neste tipo.

Mais de metade das Ajudas Directas das OTE 1, 5 e 25 (e 44% da OTE 18) estão também neste tipo. A OTE 1 possui também mais de metade da MBT, do SP e da MBM neste tipo.

Indicadores estruturais: A SAU média atinge 351,2 hectares (um valor 38 vezes superior à média nacional e 145 vezes superior à média do tipo 8 que é o tipo o valor mais reduzido e que reúne como se verá a maioria das explorações). A UTA média é muito elevada, com 4,6 UTA por exploração, sendo 58,9% UTA assalariada permanente, 26,1% UTA assalariada eventual e apenas 13,7% UTA familiar (compare-se com a média nacional de 8,9% de UTA permanente, 9,1% de UTA eventual e 81,4% de UTA familiar). Também muito elevado, e quase dez vezes superior ao valor médio nacional é o valor médio de SAU/UTA: 73,46.

Indicadores de dependência dos apoios: Os Apoios Totais são 76,9% da Margem Bruta Total, com 41,6% de ajudas directas e 23,1% de suporte de preços.

Indicadores de produtividade: A produtividade da terra é a mais baixa de todos os tipos e a produtividade de trabalho é a mais elevada mas beneficiando de ajudas directas por UTA que atingem 9570,5 euros o que é 12 vezes superior à média nacional e 38 vezes superior ao valor do tipo menos beneficiado.

Dimensão económica: Este tipo é dominado pelas explorações de grande dimensão económica (acima das 40 ude) sendo as explorações com dimensão entre 8 e 40 ude pouco importantes em número mas especialmente em SAU, Ajudas Directas e Margem Bruta de Mercado. As 2000 explorações com mais de 40 ude reúnem, só por si, quase ¼ da SAU nacional (23,9%) e 30% das Ajudas Directas nacionais, caracterizando-se ainda por uma UTA média muito elevada (6,3), por uma elevadíssima dimensão física com 476,2 hectares de SAU média e por uma dimensão económica média de 130,9 ude.

3.2. - 2º Tipo: Agricultura empresarial com rendimentos do mercado, com e sem suporte de preços

Construção: Reúnem-se neste grupo as explorações empresariais (com mão de obra predominantemente assalariada), de dimensão económica superior a 8 ude e com apoios totais (AT) ou inferiores a 50% do rendimento líquido total (RLT) ou superiores a 50% do RLT mas maioritariamente sob a forma de suporte de preços (SP) (e AD inferiores a 25% do RLT). Este tipo refere-se, portanto, aos empresários que têm o mercado como

referencial, tenham ou não o benefício de políticas de suporte de preços de mercado (SP).

Importância: Corresponde a cerca de 1,9% das explorações, 11,0% das SAU nacionais, 22,9% da Margem Bruta Total, 8,5% das Ajudas Directas, 24,4% do Suporte de Preços, 25,1% da Margem Bruta de Mercado, 1,4% da UTA Familiar e 36,1% da UTA assalariada (e sendo 48% da UTA assalariada *permanente* nacional). Inclui dois subtipos que correspondem ao benefício ou não de suporte de preços. O subtipo que inclui as explorações com dependência de suporte de preços corresponde a apenas 0,37% das explorações nacionais, 2,04% da SAU e 5,01% da MBM. O outro subtipo, das explorações empresariais dependentes do mercado sem benefício de suporte de preços, agrupa 1,57% do total de explorações nacionais produzindo 20,12% da Margem Bruta de Mercado nacional.

Regiões: Salienta-se o Ribatejo e Oeste com 28% das explorações, 40% da SAU, 51,6% da Margem Bruta Total e, ainda, metade quer do suporte de preços quer das ajudas directas. Seguem-se em importância, quer em n.º de explorações, quer em Margem Bruta de Mercado, três regiões: Trás-os-Montes, Entre Douro e Minho e Alentejo. É ainda de assinalar a importância em SAU do Alentejo.

Em termos relativos, dentro de cada região, este tipo destaca-se, de novo, no Ribatejo e Oeste (com 37,1% da SAU e da Margem Bruta de Mercado da região), e o Algarve (com 29,1% da MBM algarvia a pertencer a este tipo).

Há portanto uma correlação razoável entre este tipo e a região do Ribatejo e Oeste.

Orientação técnico-económica: As explorações em que o suporte de preço tem um peso significativo são essencialmente das OTE n.º16–EspBovinosLeite, n.º22- EspAves e n.º23-GraníverosCombinados/Dominantes. Nas explorações dependentes do mercado destaca-se a OTE n.º10-EspVinhoQualidade e ainda as OTE n.º12-EspFrutosFrescos, OTE n.º15-CultPermComb/Dominantes e OTE n.º21-EspSuínos. Em termos de SAU é também importante a OTE n.º19-EspOvinos/Caprinos.

No que respeita à importância relativa deste tipo dentro de cada OTE destacam-se, além das OTE atrás referidas, as OTE n.º4-EspHorticulturaExtens, n.º8-EspHortEstufa e, principalmente, a OTE n.º9-EspFlorEstufa.

Indicadores: A SAU média é bastante superior à SAU média nacional, atingindo 52,7 hectares (sendo idêntica nos dois subtipos). A Dimensão Económica média deste tipo é onze vezes superior à média nacional, sendo de salientar que este tipo é o que segundo maior em Dimensão Económica calculada com base na MB Total (incluindo portanto todos os apoios para o cálculo da DE) mas passa a ser o maior quando se tiram todos

os apoios, sendo mesmo o único tipo cujas explorações são, em média, de grande dimensão económica na ausência de apoios (54,9 ude de Dimensão Económica média sem apoios para o conjunto das explorações deste tipo). Ambos os subtipos têm ajudas directas muito reduzidas (inferiores a 5% da MBT) mas o subtipo de suporte atinge uma média de 52,05% de SP. O subtipo dependente apenas do mercado tem uma percentagem de Margem Bruta originada no mercado de 82%, a mais elevada de todos os tipos e subtipos. A produtividade do trabalho e da terra, na ausência de apoios, são as mais elevadas de todos os tipos definidos.

Dimensão económica: Este tipo é dominado pelas explorações com Dimensão Económica superior a 40 ude, que são 48,4% das explorações do tipo e reúnem 75,1 da SAU e 85,6% da MB Total. Dentro destas, as 18,1% explorações de Dimensão Económica superior a 100 ude concentram 61,0% da MB Total do tipo.

3.3. - 3ºTipo: Agricultura familiar–empresarial dependente de ajudas directas

Construção: Explorações com mão de obra predominantemente familiar (com pelo menos 40% de UTAF), de rendimentos maioritariamente provenientes da exploração, de dimensão económica superior a 8 ude, e que beneficiam de apoios totais (AT) superiores a 50% do rendimento líquido total (RLT) e maioritariamente sob a forma de ajudas directas (AD) ou com um peso significativo destas.

Importância: São 1,4% das explorações, 12,0% da SAU, originando 4,5% da Margem Bruta Total, 13,8% das ajudas directas, 4,2% do suporte de preços, 2,8% da Margem Bruta de Mercado, utilizando 1,9% da UTA Familiar e 2,5% da UTA assalariada.

Regiões: as explorações deste tipo estão concentradas em primeiro lugar no Alentejo (46,7% das explorações, 77,6% da SAU e 59,9% da MBT) e, ainda, em Trás-os-Montes e na Beira Interior que reúnem quase todas as restantes explorações e SAU deste tipo. Em termos relativos dentro de cada região destaca-se o Alentejo.

Orientação técnico-económica: As OTE dominantes são a OTE 1-EspArvenses e 20-HerbívEmPolic. Têm ainda um peso significativo, tal como no tipo 1, as OTE 2, 5, 18, 24 e 25.

Indicadores: Este é o terceiro tipo com a SAU média mais elevada, 80,15 ha depois do tipo 1 e do tipo 9. A dimensão económica média é pouco significativa com 21,8 ude, quando se contabiliza a DE com base na MB Total, e apenas 8,4 ude em média, quando se contabiliza com base da MB de Mercado. A UTA média não chega às duas unidades e a produtividade do trabalho é das mais baixa dentro dos tipos profissionais (considerados como os que possuem uma dimensão económica superior a 8 ude). As ajudas médias por UTA são 55,94% das ajudas médias do tipo 1 apesar de se tratarem de explorações semelhantes em termos de OTE e de sistemas de apoios.

Dimensão económica: Este tipo é dominado pelas explorações com dimensão económica entre os 8 e 40 ude. Temos que 58,1% das explorações tem entre 8 e 16 ude e 32,8% entre 16 e 40 ude. Apenas 8,7% das explorações tem DE superior a 40 ude. As explorações com DE entre 8 e 40 ude reúnem 69,7% da SAU e 70,0% da MB Total mas com um maior peso das explorações com DE entre 16 e 40 ude.

3.4. - 4ºTipo: Agricultura familiar–empresarial dependente do mercado mas com suporte de preço

Construção: Explorações predominantemente familiares (com pelo menos 40% de UTAF), de dimensão económica superior a 8 ude que obtêm o seu rendimento maioritariamente da exploração e através do mercado mas predominantemente através de produtos que beneficiam de suporte de preços (beneficiam de apoios totais superiores a 50% do rendimento líquido total e predominantemente sob a forma de suporte de preço).

Importância: São 2,5% das explorações, 4,0% da SAU, 11,2% da MBT, recebendo 7,1% das ajudas directas e 23,3% do suporte de preços, produzindo 7,3% de Margem Bruta de Mercado, com 4,5% da UTA Familiar e 2,7% da UTA assalariada.

Regiões: As explorações deste tipo estão predominantemente no Entre Douro e Minho, Beira Litoral e Açores (com 81,9% do total de explorações do tipo).

Este tipo tem também uma importância relativa elevada nestas regiões, originando 25,8% da MB Total do Entre Douro e Minho, 19,4% do MB Total da Beira Litoral e, especialmente, originando 47,5% da MB Total da Região Autónoma dos Açores.

Orientação técnico-económica: A OTE dominante é a n.º 16-EspBovinosLeite com 65,7% das explorações, 70,6% da MB Total e 76,1% do suporte de preços deste tipo.

As OTE n.º 3-EspArroz, OTE 22-EspAves e OTE 17-BovLeiteDominantes, têm também uma importância relativamente elevada.

Indicadores: A sua média é superior à média nacional, atingindo 14,86 ha. A UTA total média é de 2,1 unidades sendo de destacar que se trata essencialmente de UTA Familiar (87,7% da UTA total do tipo). É o tipo com maior população agrícola familiar média atingindo um valor de 4,1. A dimensão económica média de 30,2 ude, com apoios, corresponde à capacidade de gerar um rendimento razoável a duas UTAs mas a dimensão económica média de 12,36 ude, sem apoios, já será insuficiente.

Dimensão económica: Das explorações deste tipo 42,8% têm uma Dimensão Económica entre 8 e 16 ude e 45,6% têm uma DE entre 16 e 40 ude. A SAU, os apoios (ajudas directas e suporte de preços), a MB Total e a MB Mercado estão predominantemente nas explorações com Dimensão Económica entre 16 e 40 ude. Por outro lado apenas 1/10 das explorações deste tipo tem Dimensão Económica superior a 40 ude sendo que nestas explorações a proporção de UTA familiar na UTA total, de 63%, é relativamente reduzida, tratando-se de explorações que fazem grande recurso de mão de obra assalariada e, assim, se aproximam da agricultura empresarial do tipo 2.

3.5. - 5º Tipo: Agricultura familiar-empresarial dependente do mercado, sem suporte de preço

Construção: Explorações com mão de obra predominantemente familiar (com pelo menos 40% de UTAF), de rendimentos maioritariamente provenientes da exploração, de dimensão económica superior a 8 ude com apoios totais (AT) inferiores a 50% do rendimento líquido total (RLT).

Importância: São 4,6% das explorações, 7,8% da SAU, 13,5% da MBT, que corresponde a 4,4% das ajudas directas, 8,3% do suporte de preços e 17,3% de Margem Bruta de Mercado, com 7,1% de UTA Familiar e 9,6% de UTA assalariada.

Regiões: as explorações deste tipo estão concentradas no Ribatejo e Oeste (42,0% das explorações e 53,9% da MBT do tipo) e ainda em Trás-os-Montes (15,2% das explorações e 9,9% da MBT) e no Entre Douro e Minho (12,2% das explorações e 9,6% da MBT). Em termos de SAU são também importantes o Alentejo (22,7%) e a Beira Interior(22,3%) para além do Ribatejo e Oeste (24,7).

No que respeita à importância relativa do tipo dentro de cada região destacam-se o *Ribatejo e Oeste* e o *Algarve*, sendo que este tipo produz 27,3% e 25,5% das MBM

destas regiões. Este tipo tem ainda uma importância relativamente elevada nas Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores.

Orientação técnico-económica: Destacam-se as OTE 12-EspFrutosFrescos, 15-CultPermComd/Dom e 19-EspOvinos/Caprinos. Este tipo é ainda importante nas OTE predominantemente vegetais: 4-EspHortExtens e de 6 a 11. É também importante na OTE 21-EspSuínos e 26-Outros.

Indicadores: A sua média é superior à média nacional, com 15,71 ha. A UTA total média é de duas unidades (2,08 uta média) com proporções de 76,5% de UTA Familiar, 16,6% de UTA eventual e apenas 6,4% de UTA permanente. São portanto explorações que recorrem essencialmente a UTA familiar complementada por UTA eventual. A dimensão média de 19,7 ude com apoios e de 15,9 ude sem apoios corresponde bem à necessidade de gerar um rendimento razoável a duas UTA.

Dimensão económica: A maioria das explorações (56,8% do total de explorações do tipo) tem uma DE entre 8 e 16 ude sendo que a SAU, apoios, MBT e MBM estão maioritariamente nas explorações com DE entre 16 e 40 ude (onde se encontram 33,9% das explorações). Apenas 1/10 das explorações deste tipo tem DE superior a 40 ude sendo que nestas explorações a UTA média atinge 3,03 e a proporção de UTA familiar na UTA total, de 57,23%, é muito inferior à média nacional. Assim estas 1791 familiares de grande dimensão aproximam-se bastante da agricultura empresarial do tipo 2.

3.6. - 6º Tipo: Agricultura familiar-empresarial com articulação com o exterior

Construção: Explorações com mão de obra maioritariamente familiar, de dimensão económica superior a 8 ude mas com rendimentos maioritariamente provenientes de fora da exploração.

Importância: 3,1% das explorações, 4,7% da SAU, 7,2% da MB Total, distribuída por 4,4% das AD, 6,1% do SP e 8,2% da MBM, 3,1% da UTA Familiar e 4,8% da UTA assalariada.

Incluem quer explorações cujo rendimento agrícola depende de ajudas directas, quer explorações dependentes de suporte de preços, quer dependentes exclusivamente do mercado mas com predominância (75% do total do tipo) estas últimas.

Regiões: Destaque para o Ribatejo e Oeste, com 33% das explorações e 37% da MBT. Seguem-se o Entre Douro e Minho (17,1% quer das explorações quer da MBT) e Trás-

os-Montes (com 11,7% das explorações e 9,7% da MBT) Em termos de SAU e de AD destaca-se o Alentejo (com 34,3% quer de SAU quer de AD) seguido do Ribatejo e Oeste (18,5% e 16,4% de exp. e AD respectivamente) e Trás-os-Montes (15,7% das explorações e 14,3% das AD).

Em termos relativos este tipo tem uma importância acima da média (em explorações e em MBT) nas regiões do Ribatejo e Oeste, do Algarve e da Madeira.

Orientação técnico-económica: destacam-se claramente as OTE 12-FrutosFrescos e 15-CultPermComd/Dom. São ainda importantes as OTE 6-Polic(excArvPerm), 10-EspVinhoQualid e 11-EspOutVinh/Uva.

Por outro lado este tipo é relativamente mais importante nas OTE 12-FrutosFrescos, 13-FrutosSecos, 11-EspOutVinh/Uva e 7-EspHortIntArLivre. Dentro das explorações dependentes de AD salienta-se a OTE 14-EspOlival.

Indicadores: a SAU média (com 14,1 ha) e a Dimensão Económica média (com 15,7 ude) são superiores à média nacional. A UTA média por exploração é de 1,4 UTA sendo maioritariamente UTA familiar (74,1% da UTA Total). A produtividade do trabalho é elevada, e a da terra é a 3ª mais alta dentro os vários tipos. O nível de apoios médio é substancialmente inferior à média nacional.

Dimensão Económica: Este tipo é dominado pelas explorações com dimensão entre 8 e 16 ude que são 73,3% do total de explorações do tipo e reúnem 54,4% da SAU e 50,3% da MBT deste tipo. As restantes explorações tem quase todas uma dimensão compreendida entre as 16 e as 40 ude.

3.7. - 7º Tipo: Explorações tradicionais dependentes da actividade agrícola

Construção: Explorações de dimensão económica inferior a 8 ude e de rendimentos predominantemente provenientes desta. Incluem-se tanto explorações familiares como explorações classificadas como empresariais mas que pelas suas características se aproximam das explorações familiares (podendo até considerar-se que serão na realidade explorações familiares com um peso conjuntural elevado de assalariados, sendo de referir que neste subgrupo de explorações da modalidade 1 de DE inferior a 8 ude a UTA familiar é 43,1% da UTA total e a UTA permanente é de 33,2%).

Importância: Com 22,4% das explorações nacionais, 11,1% da SAU, 10,8% da MB Total, 10,7% das AD, 9,4% do SP, 11,4% da Margem Bruta de Mercado, 28,2% da UTA

Familiar e 11,4% da UTA assalariada (25,1% da UTA total). As explorações com predominância de mão-de-obra assalariada (e portanto classificadas na modalidade 1) são menos de 1/10 (8,48%) do total. Por outro lado as explorações dependentes de ajudas directas são 8,42% e as dependentes de suporte de preços são 28,4% do total de explorações do tipo.

Regiões: As explorações deste tipo encontram-se em Trás-os-Montes (24,3%), Entre Douro e Minho (20,8%) e a Beira Litoral (21,4%). Estas três regiões também reúnem a maioria da MB Total deste tipo (24,3%, 20,8% e 21,4% respectivamente), estando a SAU concentrada em Trás-os-Montes e Alentejo (28,5% e 28,0%).

Nas regiões de Trás-os-Montes, Entre Douro e Minho, Beira Litoral e na Região Autónoma da Madeira este tipo tem uma importância superior à respectiva média nacional quer em n.º de explorações, quer em SAU, quer em Margem Bruta Total. Este tipo 7 é, inclusive, o mais frequente no Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes.

Orientação técnico-económica: Destacam-se as OTE vegetais nomeadamente a 15-CultPermComd/Dom, 12-FrutosFrescos, 10-EspVinhoQualid e 7-EspHortIntArLivre. É ainda importante a OTE 21-EspSuínos.

Indicadores: A sua média é de 4,6 ha e a Dimensão Económica média (em termos de MB Total) é de 3,3 ude. A UTA média é de 1,4 (empregando portanto entre uma e duas UTA por exploração) essencialmente UTA Familiar (91,4% da UTA Total). Por outro lado a UTA assalariada é quase exclusivamente UTA eventual.

Dimensão Económica: As explorações distribuem-se igualmente pelas três classes de Dimensão Económica mais baixas. A Classe DE1 - <2ude tem 37,6% das explorações, classe DE2 – entre 2 e 4 ude tem 33,0% e classe DE3 entre 4 e 8 ude, reúne 29,4% das explorações. A SAU (com 52,2%) e a MB Total (com 54,0%) estão maioritariamente na classe DE3.

Subtipos segundo o tipo de apoios: Predominam neste tipo as explorações dependentes do mercado: 63,2% das explorações, 47,6% da SAU, 58,4% da MBT. As explorações dependentes de suporte de preços constituem 28,4% do total do tipo, com 29,0% da SAU e 33,0% da MBT. Por fim as explorações dependentes de ajudas directas são 8,4% das explorações, 23,5% da SAU e 8,6% da MBT. Estes três subtipos diferem bastante em termos de SAU média: 3,5 ha, 4,7 ha e 12,9 ha respectivamente mas possuem dimensões económicas médias próximas: 3,0 ude, 3,8 ude e 3,3 ude. Quando se retiram os apoios essas dimensões médias passam a 2,8 ude, 3,3 ude e 2,0 ude.

3.8. - 8º Tipo: Explorações familiares tradicionais dependentes de articulações com a envolvente sócio-económica

Estabelecimento: Explorações familiares de pequena dimensão económica (<8 ude) com rendimentos provenientes maioritariamente de fontes exteriores à exploração agrícola: salários dos sectores secundário ou terciário, pensões ou reformas e outras fontes.

Importância: Engloba quase dois terços (63,0%) das explorações nacionais, 16,3% da SAU, 18,2% da Margem Bruta de Total, 14,7% das ajudas directas, 13,5% do suporte de preços, 20,7% da Margem bruta de Mercado, empregando 46,3% da UTA total, 53,3% da UTA familiar, apenas 14,8% da UTA assalariada e reunindo 62,9% da população agrícola familiar. Este tipo tem assim uma importância territorial muito significativa e uma importância social fundamental não sendo, de modo algum, negligenciável a importância produtiva.

Regiões: As explorações deste tipo encontram-se em todo o território nacional mas predominantemente a Norte do rio Tejo, na zona central do país.

Em termos de importância relativa dentro de cada região, destaca-se a Beira Interior (as explorações deste tipo constituem 75,6% das explorações desta região), seguida do Algarve, Beira Litoral e Açores.

Orientação técnico-económica: Destacam-se as OTE 15-CPermComb/Dom (com 18,7% das explorações e 21,1% da SAU deste tipo) e 14-Esp Olival (com 9,7% das explorações e 11,6% da SAU deste tipo).

Em termos relativos, este tipo é particularmente importante na OTE 14–EspOlival (86,3% das explorações desta OTE pertencem a este tipo) e as OTE 11-EspOutrosVinh/Uva, 13-EspFrutostSecos, 23-Granív.Comb/Dom e 26-Outros.

Indicadores: A SAU média é de apenas 2,4 ha e a Dimensão Económica média de 1,9 ude com os apoios contabilizados e de 1,4 sem os apoios. A UTA média não chega à unidade (0,9) sendo quase exclusivamente familiar (93,9%), com 5,0% de UTA assalariada eventual e 0,8% de UTA assalariada permanente. Os apoios são reduzidos. São na sua maioria explorações com dimensão económica extremamente pequena: 64,9% das explorações são da classe de DE 1 (<2ude), 24,1% da classe DE 2 (entre 2 e 4 ude) e 10,9% da Classe de DE 3 (entre 4 e 8 ude).

Dimensão Económica: Temos que 64,9% das explorações tem uma dimensão inferior às duas unidades de dimensão económica e são portanto marginais em termos económicos,

quando consideradas individualmente (não o sendo quando se considera o seu conjunto). 42,9% da SAU e 33,6% da MBT do tipo estão nestas microexplorações. As explorações de dimensão económica situada entre 2 e 4 ude são 24,1% do tipo, com 31,3% da SAU e 35,2% da MBT. Por fim temos 11,0% das explorações, 25,8% da SAU e 31,% da MBT nas explorações com dimensão económica situada entre as 4 e as 8 ude.

3.8.1. Subtipo 8ºA - Explorações familiares tradicionais com articulações com os sectores secundário e terciário

Estabelecimento: Explorações familiares de pequena dimensão económica (<8 ude) com rendimentos provenientes maioritariamente de salários dos sectores secundário ou terciário.

Importância: Engloba 25,1% das explorações, 6,0% da SAU, 7,8% da Margem Bruta Total, 5,9% AD, 6,3% do SP, 8,8% da Margem Bruta de Mercado, e empregando 18,8% da UTA total.

Regiões: As explorações deste tipo concentram-se no litoral: Beira Litoral, Entre Douro e Minho e Ribatejo e Oeste são as regiões, por esta ordem, com maior número de explorações e MBT. Em SAU destacam-se o Alentejo e Trás-os-Montes. Em termos de peso dentro de cada região destacam-se a Beira Litoral e os Açores com cerca de 1/3 das explorações de cada uma destas regiões. Este tipo é o mais frequente nestas duas regiões (com cerca de 1/3 das explorações de cada uma destas regiões).

Orientação técnico-económica: Destacam-se como mais importantes as OTE 15-CPermComb/Dom e 6-Polic.(excArv.Perm). As OTE 10-EspVinhoQualid, 11-EspOutrosVinh/Uva, 12-FrutosFrescos, 14-EspOlival, 5-Esp.Out.Cult.Extens. e 2-ArvensesdPolicultura seguem-se em importância.

Por outro lado este tipo tem uma importância acima da média nas OTE atrás referidas e ainda nas OTE 17-BovLeiteDominantes, 23-Granív.Comb/Dom e 26-Outros.

Indicadores: A SAU média é 2,2 ha e a Dimensão Económica média de 2,1 ude. A UTA média é de 0,92 sendo a População Agrícola Familiar média de 3,7 o que é o valor mais elevado de todos os tipos e subtipos.

Dimensão Económica: A maior parte das explorações (61,2%) não ultrapassam as duas ude de Dimensão Económica estando nesta classe 39,4% da SAU e 31,0% da MBT do subtipo. As explorações com DE entre 2 e 4 ude são 25,9%, com 32,2% da SAU e

35,7% da MBT. Por fim as explorações de DE entre 4 e 8 ude são 12,3%, com 28,4% e 33,3% da SAU e MBT, respectivamente.

3.8.2. - Subtipo 8^oB Explorações familiares dependentes de articulações com o meio social

Estabelecimento: Explorações familiares de pequena dimensão económica (<8 ude) com rendimentos provenientes maioritariamente de pensões e reformas.

Importância: São 29,6% das explorações, 8,0% da SAU, 7,8% da Margem Bruta Total, 6,7% de AD, 5,4% de SP e 9,0% da margem bruta de mercado.

Regiões: Estando presente em todo o país numa proporção elevada este subtipo destaca-se nas regiões da Beira Interior (44,7% das explorações da região) e do Algarve (35,4% das explorações Algarvias).

Este tipo não se destaca em nenhuma região em termos de SAU ou de MB Total.

Orientação técnico-económica: A OTE mais importante é a 15-CPermComb/Dom, seguida da OTE 14-EspOlival, 6-Polic.(ExcArvPerm) e 11-EspOutrosVinh/Uva.

Em termos da importância do tipo dentro de cada OTE salienta-se muito claramente a OTE 14-EspOlival sendo que metade das explorações desta OTE estão neste subtipo. Este subtipo tem ainda uma importância acima da média nas OTE: 13-EspFrutostSecos, 15-CPermComb/Dom, 24-Herbív.eCult.Perm, 11-EspOutrosVinh/Uva e 6-Polic.(excArv.Perm).

Indicadores: Este é o subtipo com a menor dimensão económica (1,8 ude de DE média), com a segunda menor dimensão física (2,5 ha de SAU média), com menor percentagem de apoios, com a terceira menor UTA média (0,96), com a maior percentagem de UTA familiar (94,4%) e a mais baixa produtividade do trabalho (2228 euros por uta). A PAF média tem um valor reduzido, 2,27, e substancialmente inferior aos valores dos outros dois subtipos do tipo 8.

Dimensão Económica: A maior parte das não ultrapassam as duas ude de Dimensão Económica explorações, temos 68,8% do total de explorações do subtipo, 47,9% da SAU e 36,9 da MBT. Com dimensão entre duas e quatro ude temos 22,1% das explorações, 30,7% da SAU e 34,8% da MBT. Por fim, com dimensão entre 4 e 8 ude temos 9,2% das explorações, 22,5% da SAU e 27,8% da MBT. Este é o subtipo em que as explorações de dimensão inferior às duas unidades de dimensão económica são mais importantes.

3.8.3. - Subtipo 8°C Agricultura familiar dependente de outras articulações

Estabelecimento: Explorações familiares de pequena dimensão económica (<8 ude) com rendimentos provenientes maioritariamente de juros, remessas de emigrantes, salários do sector primário, actividade empresarial noutros sectores, etc.

Importância: São 8,3% das explorações, 2,3% da SAU, 2,6% da Margem Bruta Total, 2,0% de AD, 1,9% de SP e 3,0% da Margem Bruta de mercado.

Regiões: Este subtipo que alcança uma maior importância relativa no Alentejo e Algarve, sendo as regiões da Beira Litoral e Trás-os-Montes as que reúnem mais explorações em valores absolutos.

Orientação técnico-económica: Este tipo alcança maior importância relativa nas OTE que correspondem às culturas permanentes: 10-EspVinhoQualid, 11-EspOutrosVinh/Uva, 12-EspFrutosFrescos, 13-EspFrutosSecos, 14-EspOlival e 15-CPermComb/Dom.

Indicadores: A SAU média é 2,6 ha, a mais alta dos subtipos, e a Dimensão Económica média é de 2,1 ude. A UTA média é de 0,89, a mais baixa dos subtipos.

Dimensão Económica: Predominam as explorações com dimensão económica inferior a duas ude (da classe de DE 1) com 60,7% do total de explorações deste subtipo, reunindo 38,1% da Sau e 30,1% da MBT. As explorações com dimensão entre duas e quatro ude são 25,9% com 31,1% da SAU e 34,8% da MBT. Finalmente, com dimensão entre 4 e 8 ude temos 13,4% das explorações, 30,8% da SAU e 35,1% da MBT.

3.9. - 9º Tipo: Baldios, Estado e outros tipos de formas jurídicas

Estabelecimento: Baldios, Estado e outras formas jurídicas.

Importância: São 0,3% das explorações, 3,7% da SAU, 1,2% da Margem Bruta Total, 1,3% de AD, 0,9% de SP e 1,3% da Margem Bruta de Mercado.

Regiões: Em n.º de explorações destacam-se Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes com 29% e 20,1% do total de explorações deste tipo, seguidos do Ribatejo e Oeste e do Alentejo. Em SAU destacam-se as regiões de Entre Douro e Minho (36,6%), Alentejo

(34,9%) e ainda Trás-os-Montes (15,4%). Em MB Total destacam-se as regiões de Entre Douro e Minho (21,2%), Ribatejo e Oeste (22%) e Alentejo (29,9%).

Em termos relativos dentro de cada região este tipo apenas se destaca no Entre Douro e Minho em termos de SAU com 24,5% da SAU total desta região.

Orientação técnico-económica: Destaca-se pela sua importância a OTE nº20 Herbív.emPolic que constitui 31,5% das explorações, 57,3% da SAU e 25,8% da MB de Mercado deste tipo. Por outro lado 14,9% da SAU desta OTE está neste tipo. Refira-se que estas explorações da OTE 20 deste tipo estão na sua quase totalidade situadas no Norte, 2/3 no Entre Douro e Minho e 1/3 em Trás-os-Montes, devendo corresponder essencialmente ao baldio tradicional destas regiões.

Indicadores: A SAU média é a segunda mais elevada (sendo que as SAU médias ao nível das regiões são muito levadas no Alentejo e depois no Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes, o que deverá ser consequência, nestas duas últimas regiões, do peso dos Baldios). A dimensão económica média é bastante baixa sendo apenas relativamente elevada nas regiões do Ribatejo e Oeste e do Alentejo. Quanto á produtividade da terra sendo no conjunto do tipo bastante baixa é particularmente reduzida nas regiões de EDM e TM o que mais uma vez é explicável pela importância do baldio nestas regiões. A produtividade do trabalho por sau vez tem valores acima da média o que é explicável pela dificuldade de atribuição de horas de trabalho a esses mesmos baldios.

Dimensão Económica: Predominam as explorações com dimensão económica inferior a oito ude com 56,4% do total de explorações deste tipo (sendo que 28,4% com menos de 2 ude), reunindo apenas 14,1% da Sau e 5,5% da MBT. Estas explorações não profissionais tem uma sau média 31,4 ha, uma DE média de 2,8 ude, uma UTA média de 1,0, e a MBT é essencialmente de mercado com 83,0% de MBM, 6,0% de AD e 11,0% de SP. As explorações com dimensão superior a 8 ude reúnem 86,0% da SAU e 94,5% da MBT e possuem uma sau média 247,8 ha, uma DE média de 62,2 ude, uma UTA média de 75,0 e a MBT é tem uma proporção de MBM de apenas 66,4% de MBM, com 14,8% de AD e 18,8% de SP.

3.10 – Análise comparativa dos tipos de agricultura identificados

Tabela 3.1. Síntese dos tipos de agricultura identificados

Tipos de Agricultura	Modalidades	Origem determinante dos rendimentos	Regiões predominantes	Orientações Técnico-Económicas predominantes	Dimensões Económicas predominantes
Tipo 1 – Ag. Emp. dependente de AD	1 - Ag. Empresarial	Ajudas Directas	Alentejo	1 Esp. Arvenses, 5 Esp. Out. Cult. Extens, 18 Esp. bovinos Carne, 20 Herbív Em Polic e 25 Herbív e Arvenses	>100 ude
Tipo 2 – Ag. Emp. Dependente do Mercado	1 - Ag. Empresarial	Mercado e Suporte de Preços	Ribatejo e Oeste, Alentejo, Trás-os-Montes e Entre Douro e Minho	10 Esp. Vinho Qualid, 12 Esp. Frutos Frescos, 15 C Perm Comb/Dom, 16 Esp Bov Leite	>100 ude
Tipo 3 – Ag. Fam.-emp. Dep. AD	2 - Ag. Familiar	Ajudas Directas	Alentejo e Trás-os-Montes	1 E Arvenses, 18 Esp Bovinos Carne, 20 Herbív em Polic e 25 Herbív e Arvenses	entre 8 e 40 ude
Tipo 4 – Ag Fam.-emp dep. Merc. com SP.	2 – Ag Familiar	Suporte de Preços	Açores, Entre Douro e Minho e Beira Litoral	16 Esp Bov Leite	entre 16 e 40 ude
Tipo 5 – Ag-Fam. Emp dep. Mercado sem Suporte de Preços.	2 - Ag. Familiar	Mercado	Ribatejo e Oeste e Trás-os-Montes	4 Esp Hort Extens, 7 Esp Hort Int Ar Liv, 10 Esp Vinho Qualid, 12 Esp Frutos Frescos, 15 C Perm Comb/Dom e 19 Esp Ovinos/Caprinos	entre 8 e 40 ude
Tipo 6 – Ag. Fam-Emp. Articulada-	3,4,5 – Ag. Familiar Articulada	Articulações com o exterior	Ribatejo e Oeste, Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes	15 C Perm Comb/Dom e 12 Esp Frutos Frescos	entre 8 e 16 ude
Tipo 7 – Ag. tradicional dependente actividade agrícola	1,2 – Ag. Empresarial e Familiar	Mercado (Suporte de Preços, Ajudas Directas)	Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes e Beira Litoral	15 C Perm Comb/Dom e 20 Herbív em Polic	entre 4 e 8
Tipo 8 – Ag. tradicional articulada	3,4,5 – Ag. Familiar Articulada	Articulações com o exterior	todas as regiões	15 C Perm Comb/Dom, 14 Esp Olival, 6 Polic (excArvPerm) e 20 Herbív em Polic	< 2 ude
Tipo 9 Outros	6 – Estado, Baldios e Outras F.J.	Mercado	Entre Douro e Minho e Alentejo	20 Herbív em Polic e 15 C Perm Comb/Dom	>16 ude

Observando o conjunto de tabelas e gráficos que se seguem, pode-se ter uma visão de conjunto da relevância dos vários tipos definidos para o conjunto de variáveis e indicadores apresentados. Em cada variável e indicador salienta-se em negrito a proporção maior, ou o valor mais elevado, dentro dos vários tipos de agricultura.

Tabela 3.2. Indicadores da importância de cada tipo de agricultura: peso em explorações, SAU, MBT, MBM, Ajudas Directas e Suporte de Pesos.

TIPOS	N.º	SAU	MB	MBM	Ajudas		Suporte	Apoios
	Expl	ha	Total	+SP	MBM	Directas	Preços	Totais
T1	0,78	29,30	10,53	7,02	5,91	35,08	9,86	18,37
T2	1,94	11,00	22,87	24,92	25,14	8,54	24,38	19,04
T3	1,40	12,03	4,50	3,17	2,75	13,84	4,24	7,48
T4	2,50	3,99	11,19	11,78	7,28	7,05	23,28	17,81
T5	4,62	7,80	13,47	14,77	17,31	4,37	8,28	6,96
T6	3,09	4,68	7,22	7,61	8,19	4,44	6,13	5,56
T7	22,36	11,11	10,84	10,87	11,42	10,66	9,44	9,85
T8	63,04	16,34	18,19	18,69	20,73	14,68	13,50	13,90
T9	0,28	3,74	1,18	1,16	1,26	1,34	0,88	1,04
Nacional	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Tabela 3.3. Indicadores da importância de cada tipo de agricultura: peso em UTAF, UTAE, UTAP, PAF, Superf. Total e Superf. Irrigada.

TIPOS	UTA	UTA	UTA	UTA	UTA	Pop Agr	Superf.	Superf.
	Total	Assalar.	Event.	Perman.	Familiar	Familiar	Total	Irrigada
T1	2,90	13,69	8,29	19,24	0,49	0,54	11,05	24,57
T2	7,72	36,02	25,50	46,82	1,40	1,46	17,16	12,22
T3	2,05	2,48	2,71	2,24	1,94	1,53	3,36	9,86
T4	4,18	2,68	2,47	2,90	4,51	3,41	2,26	3,53
T5	7,52	9,59	13,68	5,39	7,06	5,11	5,62	7,32
T6	3,41	4,76	6,44	3,03	3,11	3,56	4,54	4,71
T7	25,12	11,36	14,54	8,10	28,21	21,54	16,89	12,44
T8	46,25	14,79	25,12	4,18	53,29	62,86	31,79	20,80
T9	0,84	4,62	1,24	8,10	0,00	0,00	7,34	4,54
Nacional	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Tabela 3.4. Indicadores estruturais e económicos para cada tipo de agricultura: valores médios de SAU, MBT, MBM+SP, MBM, UTA e PAF.

TIPOS	Valores médios					
	SAU	MBT	MBM+SP	MBM	UTA	PAF
T1	351,3	109855	64094	38797	4,8	2,1
T2	52,7	95338	90884	65897	5,1	2,2
T3	80,2	26106	16074	10031	1,9	3,3
T4	14,9	36250	33392	14837	2,1	4,1
T5	15,7	23599	22641	19075	2,1	3,3
T6	14,1	18926	17470	13516	1,4	3,4
T7	4,6	3923	3441	2600	1,4	2,9
T8	2,4	2335	2100	1674	0,9	3,0
T9	125,8	34461	29544	23203	3,9	0,0
Nacional	9,3	8093	7081	5091	1,3	3,0

Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA. Unidades: SAU em hectares, MBT, MBM+SP e MBM em Euros, UTA e PAF em unidades.

Tabela 3.5. Indicadores económicos e de estrutura laboral para cada tipo de agricultura: Peso de MBM, AD e SP na MBT e peso de UTAF, UTAP e UTAE na UTA total.

TIPOS	Peso na MBT do tipo			Peso na UTA do tipo		
	%MBM	%AD	%SP	%UTAF	%UTAP	%UTAE
T1	35,32	41,66	23,03	13,73	58,93	26,08
T2	69,12	4,67	26,21	14,75	53,97	30,18
T3	38,42	38,43	23,15	77,09	9,72	12,09
T4	40,93	7,88	51,19	87,72	6,16	5,40
T5	80,83	4,06	15,11	76,48	6,38	16,63
T6	71,41	7,70	20,89	74,05	7,91	17,24
T7	66,29	12,30	21,42	91,40	2,87	5,29
T8	71,66	10,10	18,25	93,80	0,80	4,96
T9	67,33	14,27	18,40	0,00	86,26	13,54
Nacional	62,90	12,51	24,59	81,41	8,90	9,13

Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Tabela 3.6. Indicadores estruturais, de produtividade do trabalho e de apoios para cada tipo de agricultura: SAU, MB e Apoios por UTA.

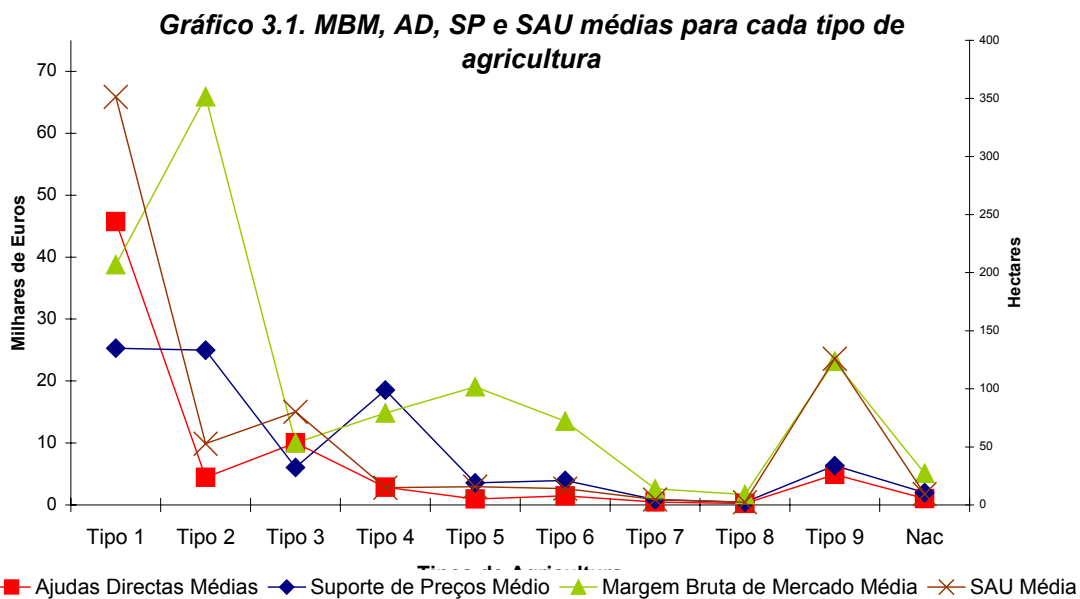
TIPOS	MBT uta		Mbm+sp	Mbm	uta	AD	SP	AT
	Sau	uta	uta	uta	uta	uta	uta	uta
T1	73,5	22975	13404	8114	9571	5290	14861	
T2	10,4	18776	17899	12978	877	4921	5798	
T3	42,8	13932	8578	5353	5354	3225	8579	
T4	6,9	16941	15605	6934	1336	8671	10007	
T5	7,6	11357	10896	9180	461	1717	2178	
T6	10,0	13393	12363	9564	1031	2798	3829	
T7	3,2	2734	2397	1812	336	585	922	
T8	2,6	2492	2240	1786	252	455	706	
T9	32,6	8940	7664	6019	1275	1645	2920	
Nacional	7,3	6336	5543	3985	793	1558	2351	

Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA. Unidades: SAU/UTA unidades e restantes em Euros.

Tabela 3.7. Indicadores de produtividade da terra e de apoios para cada tipo de agricultura: MB e Apoios por SAU.

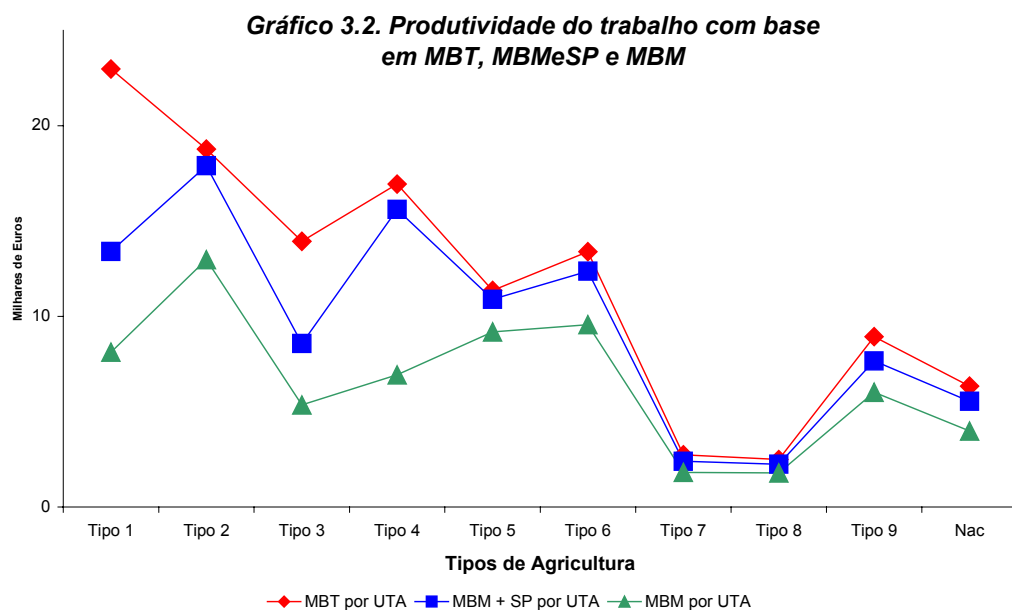
TIPOS	Mbm+sp		Mbm	AD	SP	AT
	sau	sau	sau			
T1	313	182	110	130	72	202
T2	1809	1725	1250	85	474	559
T3	326	201	125	125	75	201
T4	2440	2248	999	192	1249	1441
T5	1502	1441	1214	61	227	288
T6	1341	1238	958	103	280	383
T7	849	744	563	104	182	286
T8	968	871	694	98	177	274
T9	274	235	184	39	50	89
Nacional	870	761	547	109	214	323

Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA. Unidades: Euros.



Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

O primeiro gráfico permite visualizar como o tipo n.º 1 destaca-se em SAU média e em AD média enquanto que o tipo 2 se destaca na MB de mercado média. Os tipos 1, 2 e 4 atingem todos um valor muito elevado de suporte de preço médio. Quanto aos tipos 6, 7 e 8 alcançam valores muito baixos nas diferentes médias e são determinantes para os baixos valores nacionais.

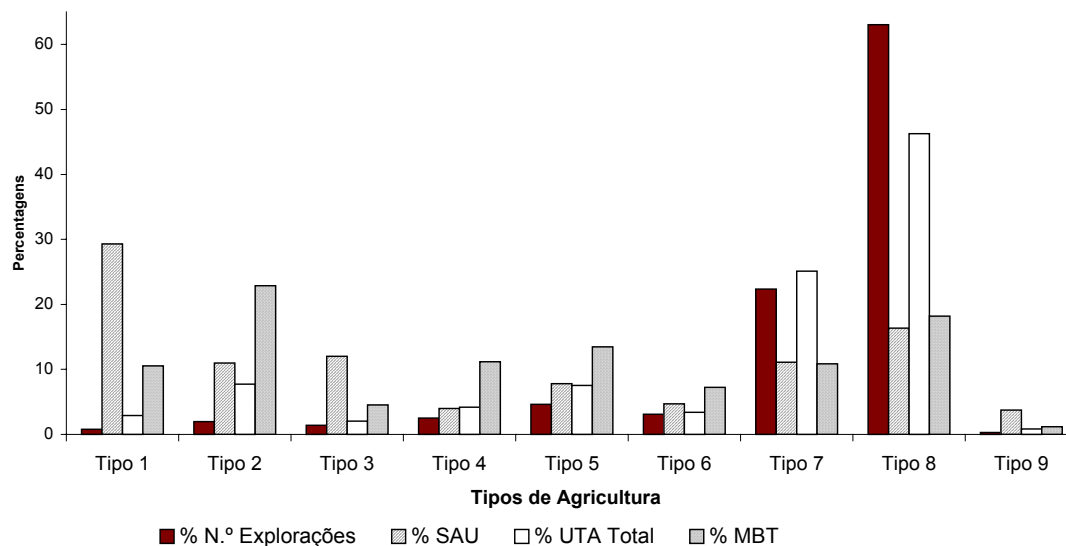


Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

O segundo gráfico ilustra bem como a variação da produtividade do trabalho depende dos níveis de apoio. Note-se como o tipo 1 que tem a maior produtividade total é

ultrapassado pelos tipos 2, 5 e 6 quando se considera apenas os rendimentos originários no mercado.

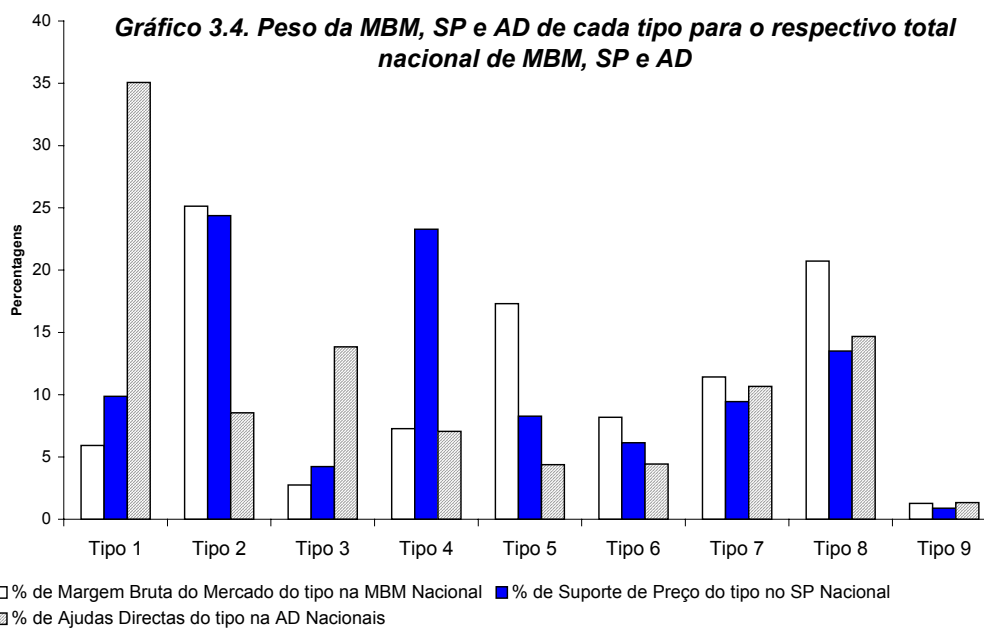
Gráfico 3.3. Peso de N.º de Expl, SAU, UTA e MBT de cada tipo de agricultura para o total nacional respectivo



Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

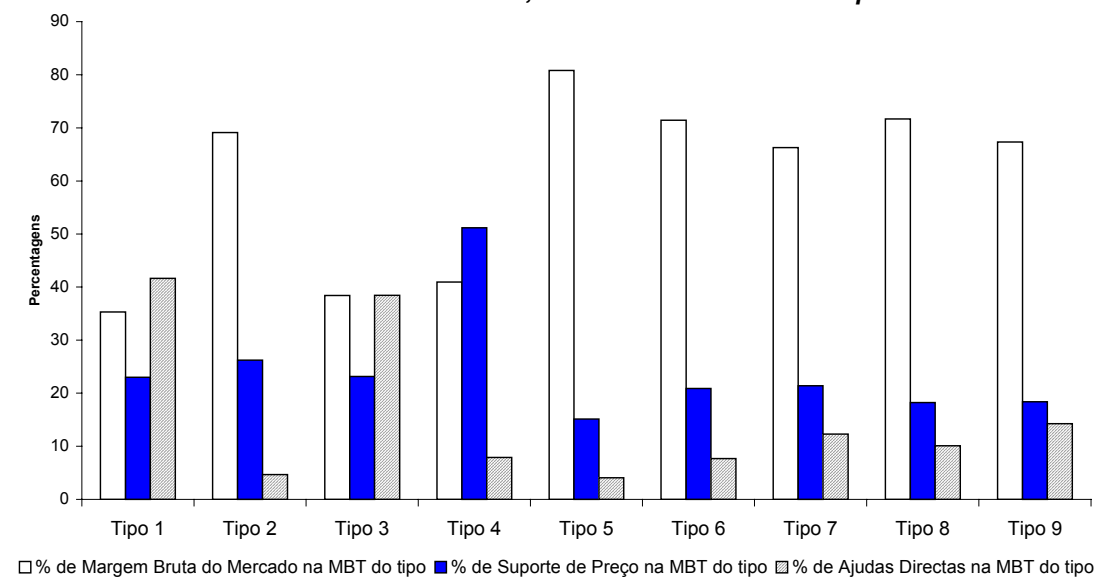
O gráfico 3.3 ilustra bem a concentração da SAU no tipo 1, da MBT no tipo 2 e do n.º de explorações e da UTA no tipo 8.

Gráfico 3.4. Peso da MBM, SP e AD de cada tipo para o respectivo total nacional de MBM, SP e AD



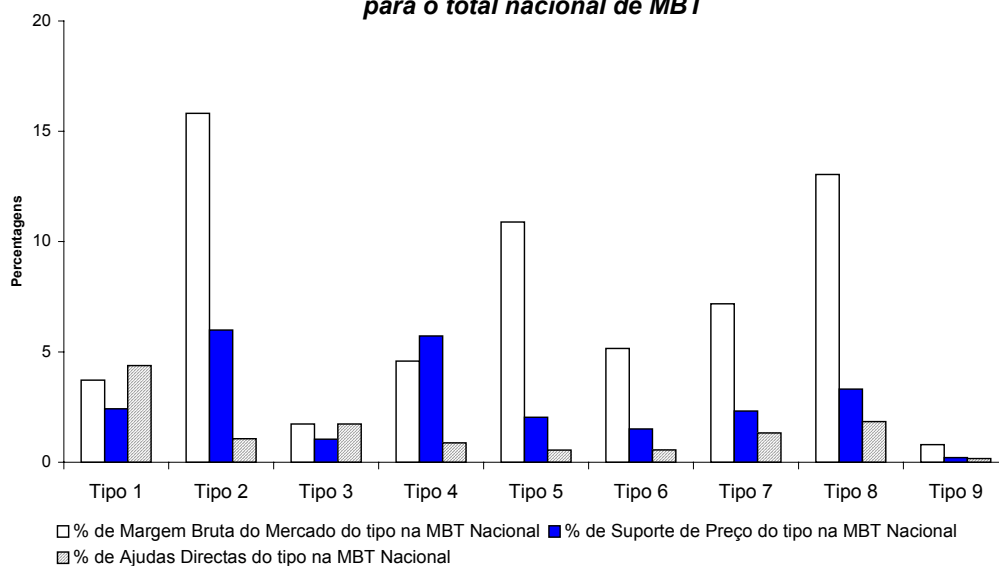
Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Gráfico 3.5. Peso de MBM, SP e AD na MBT de cada tipo



Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Gráfico 3.6. Peso de MBM, SP e AD de cada tipo para o total nacional de MBT



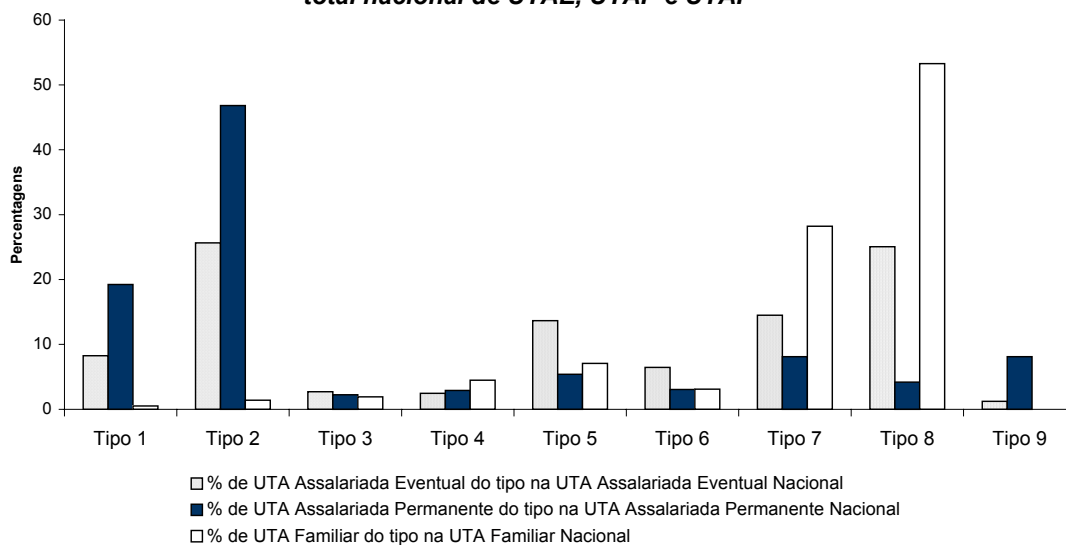
Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Os gráficos 3.4., 3.5. e 3.6. apresentam a relação entre a MBM e os dois tipos de apoios nos vários tipos de agricultura. O primeiro indica a importância de cada um para o respectivo total nacional mostrando, por exemplo que 35% do valor de AD nacional se encontra no tipo 1, como perto de 50% do SP nacional se concentra nos tipos 2 e 4 e como o tipo 8 tem uma percentagem da MBM nacional quase igual à do tipo 2.

O segundo gráfico ao mostrar a proporção de cada origem do rendimento na MBT de cada tipo ilustra bem como em apenas três tipos a MBM não domina.

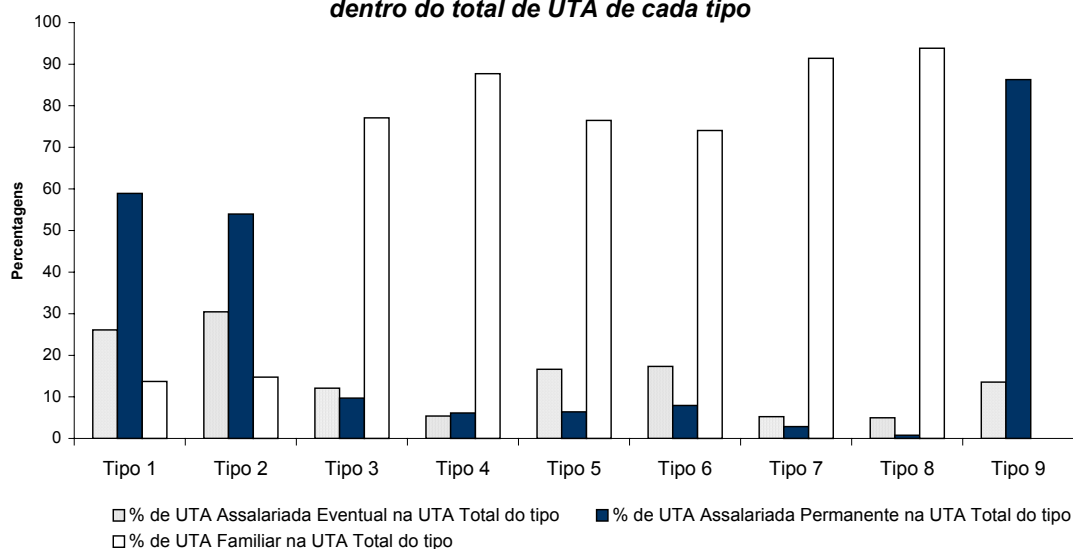
O terceiro gráfico ao apresentar os pesos relativamente ao total nacional de mbt mostra bem a importância relativa dos tipos de agricultura.

Gráfico 3.7. Peso da UTA Eventual, Permanente e Familiar do tipo para o total nacional de UTAE, UTAP e UTAF



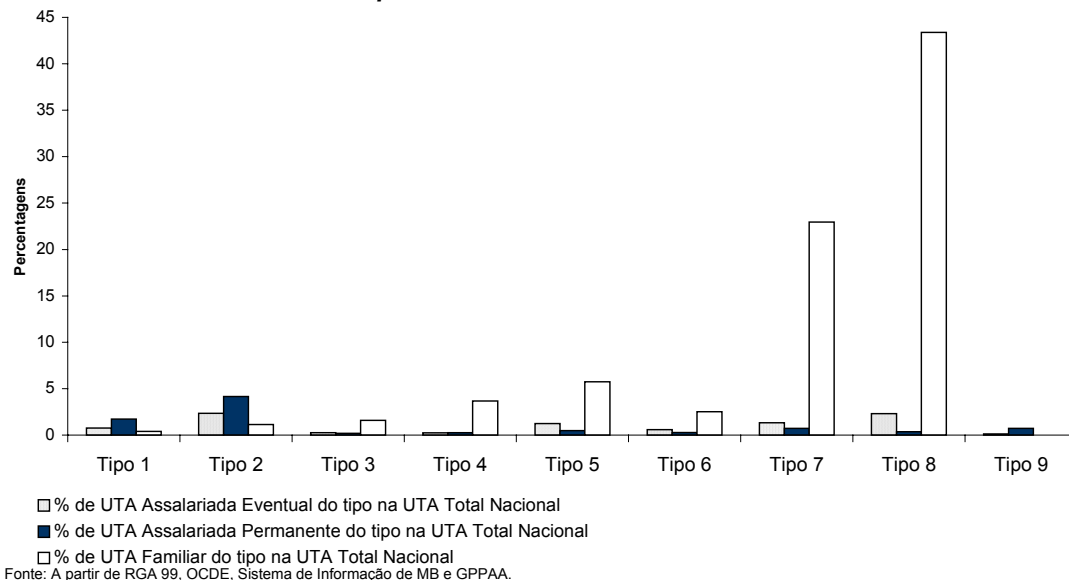
Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Gráfico 3.8. Peso da UTA Eventual, Permanente e Familiar dentro do total de UTA de cada tipo



Fonte: A partir de RGA 99, OCDE, Sistema de Informação de MB e GPPAA.

Gráfico 3.9. Peso de UTA Eventual, Permanente e Familiar de cada tipo para o total nacional de UTA



Os gráficos 3.7., 3.8. e 3.9. são idênticos aos três anteriores mas observando agora os pesos relativos dos três tipos básicos de mão de obra: assalariada eventual, assalariada permanente e familiar.

O gráfico 3.7. mostra como o tipo 2 e o tipo 8 reúnem cada um cerca de metade, respectivamente da UTA assalariada permanente e UTA familiar.

Note-se no gráfico 3.8 como se tem três tipos, 1, 2 e 9, onde predomina a UTA Permanente sendo que em todos os outros domina a UTA Familiar.

Por outro lado o gráfico 3.9 ilustra bem o total domínio da UTA familiar e, dos tipos 7 e 8, no total nacional da UTA.

4.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AÇO	Região Autónoma dos Açores
AD	Ajudas Directas (1)
ALE	Região agrária do Alentejo
ALG	Região agrária do Algarve
BI	Região agrária da Beira Interior
BL	Região agrária da Beira Litoral
CEE	Comunidade Económica Europeia
CN	Cabeça Normal (2)
DE	Dimensão Económica (3)
EDM	Região agrária de Entre Douro e Minho
FEOGA	Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícola
GPPAA	Gabinete de Planeamento e Política Agro-Alimentar
ha	Hectare
INE	Instituto Nacional de Estatística
MAD	Região Autónoma da Madeira
MB	Margem Bruta (4)
MBM	Margem Bruta de Mercado (5)
MBM+SP	Margem Bruta de Mercado e Suporte de Preço (6)
MBS	Margem Bruta Standard (7)
MBT	Margem Bruta Total (8)
OTE	Orientação Técnico-Económica (9)
PAC	Política Agrícola Comum
PAF	População Agrícola Familiar (10)
RGA	Recenseamento Geral da Agricultura
RICA	Rede de Informação de Contabilidades Agrícolas
RLT	Rendimento Líquido Total (11)
RO	Região agrária do Ribatejo e Oeste
SAU	Superfície Agrícola Útil
SP	Suporte de Preço (12)
TM	Região agrária de Trás-os-Montes
ude	Unidade de Dimensão Europeia (13)
UE	União Europeia
UTA	Unidade Trabalho Anual (14)
UTAA	Unidade Trabalho Anual Assalariada (Permanente e Eventual)
UTAE	Unidade Trabalho Anual Eventual
UTAF	Unidade Trabalho Anual Familiar
UTAP	Unidade Trabalho Anual Permanente

(1) Ajudas Directas Compensatórias da descida dos preços institucionais resultantes da reforma de 1992 da PAC.

- (2) Corresponde a uma Vaca Leiteira adulta
- (3) Valor em ude da MBT duma exploração (calculado com base nas MBS).
- (4) Valor monetário da produção bruta agrícola deduzida dos principais custos específicos proporcionais da produção em causa. É um conceito próximo do de Valor Acrescentado Bruto (VAB).
- (5) Margem Bruta que o produtor agrícola obteria no mercado na ausência de suporte de preços e de ajudas directas
- (6) Margem Bruta obtida no mercado a preços do mercado interno, incluindo portanto o suporte de preços mas excluindo as ajudas directas.
- (7) Valor padrão da Margem Bruta de uma cultura, ou actividade animal, numa determinada região (utilizando uma média trienal para atenuar efeitos conjunturais).
- (8) Margem Bruta potencial duma exploração obtida pelo soma dos produtos da MBS de cada cultura ou actividade pecuária pelos respectivos hectares ou Cabeças Normais.
- (9) Calcula-se avaliando a contribuição relativa de cada cultura, ou actividade pecuária para a MB Total da exploração. Uma exploração será especializada numa cultura, ou actividade pecuária, se esta contribuir para pelo menos 2/3 da MBT.
- (10) Conjunto de pessoas que fazem parte do agregado doméstico do produtor (singular), quer trabalhem ou não na exploração, bem como de outros membros da família que, não pertencendo ao agregado doméstico, participam regularmente nos trabalhos agrícolas da exploração.
- (11) O Rendimento Líquido Total (RLT) da actividade agrícola, é igual ao Rendimento Líquido da Actividade Agrícola para a mão-de-obra familiar (RLAA) mais as remunerações dos assalariados. O RLAA obtêm-se a partir do Valor Acrescentado Bruto (que corresponde grosso modo à MBT com subsídios incluídos) com a subtracção dos Impostos, Amortizações, Rendas, Juros e Remunerações dos Assalariados. O valor de RLT utilizado resulta da multiplicação da MBT por um coeficiente (0,65) estabelecido por de Joaquim Cabral Rolo (*Nota sobre o rendimento da actividade agrícola a partir da margem bruta*, Lisboa, INIAP, 2002, 2 p., não publicado).
- (12) Transferências anuais para os produtores agrícolas decorrentes de medidas que criam um diferencial entre o preço interno ao produtor e o preço de referência na fronteira dum determinado produto. Também designado por Medidas de Suporte de Preço Mercado MSPM ou Suporte de Preço de Mercado SPM.
- (13) Uma ude corresponde a 1200 euros.
- (14) Unidade de Trabalho Agrícola equivalente ao trabalho de uma pessoa a tempo completo realizado num ano, medido em horas. Uma UTA é igual a 1920 horas.

5.

BIBLIOGRAFIA

Albergaria, João Soares e Fachada, Orlando Manuel (1987), *Manual para a determinação das Margens Brutas Standard*, Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação, Lisboa.

Avillez, Francisco (1997a), *A Agricultura Portuguesa Face á Agenda 2000*, Documento de Trabalho n.º. 12, Instituto Superior de Agronomia, Departamento de Economia Agrária e Sociologia Rural, Lisboa.

Avillez, Francisco (1998), *Os efeitos redistributivos da Política Agrícola Comum*, Documento de Trabalho n.º. 14, Instituto Superior de Agronomia, Departamento de Economia Agrária e Sociologia Rural, Lisboa.

Bryman, Alan e Cramer, Duncan (2003), *Análise de Dados em Ciências Sociais*, Celta, Oeiras.

Baptista, Fernando Oliveira (2001), *Agriculturas e Territórios*, Celta, Oeiras.

Baptista, Fernando Oliveira (2001), "O Espaço Rural", in *A agricultura portuguesa, a água e o ambiente*, Lisboa, pp. 13-59.

Baptista, Fernando Oliveira (1995), «Famílias e Explorações Agrícolas. Notas sobre a agricultura familiar na Europa do Sul», *Ensaios de Homenagem a Francisco Pereira de Moura*, Lisboa, pp. 839-53.

Cordovil, Francisco, Dimas, Bruno, Alves, Rui, Baptista, Daniel (2004), *A Política Agrícola e Rural Comum e a União Europeia*, Principia, Cascais.

Correia, Maria da Luz, Costa, João Dias, Ferreira, Hugo, Sequeira, Maria da Luz (1996), *Modelo de Base Microeconómica (Relatório de Progresso I)*, Documento de Trabalho n.º 17, Ministério da Agricultura, Instituto de Estruturas Agrárias e Desenvolvimento Rural, Direcção de Serviços de Estudos e Planeamento, Lisboa.

Fabiani, G. e Scarano, G., «Una Stratificazione Socioeconomica delle Aziende Agricole: Pluralismo Funzionale e Sviluppo Territoriale», *La Questione Agraria*, 59, 1995.

Gabinete de Planeamento e Política Agro-Alimentar (2004), *Desenvolvimento e Ruralidade em Portugal – uma análise empírica*, Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas.

Gabinete de Planeamento e Política Agro-Alimentar (2003), *Impacte na agricultura portuguesa do desligamento das ajudas directas*, Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas.

Gabinete de Planeamento e Política Agro-Alimentar (1999); *Margens Brutas Standard - Triénio de 96*. GPPAA, Direcção de Serviços de Estatística e Gestão de Informação, Documento Interno, Lisboa.

Gabinete de Planeamento e Política Agro-Alimentar (1998); *Manual das Margens Brutas Standard*, Direcção de Serviços de Estatística e Gestão de Informação, Documento Interno, Lisboa.

Gabinete de Planeamento e Política Agro-Alimentar (2001), *Panorama Agricultura 2000*, Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas.

Gabinete de Planeamento e Política Agro-Alimentar (2003), *Portugal Rural – territórios e dinâmicas*, Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas.

Gabinete de Planeamento e Política Agro-Alimentar (1996), Pluriactividade dos produtores agrícolas, in *Leituras Documento nº 20*, Direcção de Serviços de Informação e Produção Estatística, GPPAA, Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas.

Gabinete de Planeamento e Política Agro-Alimentar (1999), *Proposta para Amostragem e Ponderação*, Rede de Informação das Contabilidades Agrícolas, Documento Interno, GPPAA.

Instituto para a Inovação na Formação (2002), *O sector da Agricultura em Portugal*.

Lobo Alves, António Carvalho, *O abandono da actividade agrícola*, Relatório, Grupo Trabalho Agro-Ambiental, Ministério da Agricultura Desenvolvimento Rural e Pescas e Ministério das Cidades, do Ordenamento do Território e do Ambiente, Janeiro de 2003.

Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas(1996), *A Reforma da PAC e as Políticas Agrícola e Rural Comunitária e Nacional Estratégias, Objectivos e Medidas Prioritárias de Médio-longo Prazo*, relatório de Grupo de Trabalho nomeado pelo Despacho nº48/96 do Ministro da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas.

Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas(2001), *Um Novo Rumo para a Agricultura Europeia – Contributo Português para a Reforma da PAC*, Lisboa.

Manual de Instruções do Recenseamento Geral da Agricultura (1999), Lisboa, INE.

Novais, Ana V.; F. Lourenço e F. O. Baptista (2000), *Portugal (Continente): uma leitura do rural*, Lisboa, ISA.

Recenseamento Geral da Agricultura, 1999, Lisboa, INE.

Reis, Elizabeth (1997), *Estatística Multivariada Aplicada*, Edições Sílabo, Lisboa.

ANEXO 1 - MARGENS BRUTAS STANDARD em Euros no triênio de 1996

Código MBS (Eurostat)	ACTIVIDADE	FC	MINHO	TRAS-OS-MONTES	BEIRA LITORAL	BEIRA INTERIOR	RIBATEJO	ALENTEJO	ALGARVE	AÇORES	MADEIRA
D09a	-CULTURA P/ CONSUMO HUMANO	100	694,03	866,58	275,55	345,36	455,29	655,00	395,97	275,55	2880,98
D09c	-CULTURA P/FORRAGENS (PURA OU MISTA)	100	694,03	866,58	275,55	345,36	455,29	549,34	809,67	275,55	2880,98
D10	-BATATA	100	1202,76	555,71	2128,35	784,12	1956,10	875,84	3617,76	3741,29	1704,59
D11	-BETERRABA SACARINA	100	2041,09	2041,09	2041,09	2041,09	2231,93	2041,09	2041,09	2156,68	2041,09
D17	-FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS EM FORÇAGEM	100	59548,35	59548,35	59548,35	59548,35	75731,11	75731,11	59548,35	330473,81	136590,85
D18	-CULTURAS FORRAGEIRAS	100	1130,48	945,00	862,34	354,54	691,57	421,54	539,44	941,68	321,69
D18a	-PRADOS E PASTAGENS TEMPORÁRIOS	100	829,14	707,97	512,05	134,18	691,57	327,39	539,44	941,68	86,66
D18b	-OUTRAS PLANTAS FORRAGEIRAS	100	1143,03	945,00	876,93	370,47	691,57	479,24	539,44	941,68	338,72
D18b1	-MILHO FORRAGEIRO	100	1256,64	1269,03	1551,16	573,68	691,57	1578,37	838,82	1085,11	496,92
D18b3	-OUT. PL. FORRAGEIRAS	100	1081,24	707,97	640,04	236,51	691,57	479,24	338,71	153,04	234,96
D19	-SEMENTES E PLANTAS DE TERRAS ARÁVEIS	100	314,86	314,86	314,86	314,86	314,86	314,86	314,86	9991,35	314,86
D20	-OUTRAS CULTURAS DE TERRAS ARÁVEIS	100	6205,50	6205,50	6205,50	6205,50	6205,50	6205,50	6205,50	11073,65	18351,99
D21	-POUSIOS SEM AJUDA ECONÓMICA	100	76,84	27,24	49,42	27,24	49,52	19,40	19,40	96,67	96,67
D22	-POUSIOS COM AJUDA ECONÓMICA	100	317,21	87,50	452,67	87,50	289,41	87,50	98,74	0,00	0,00
F	-PRADOS E PASTAGENS PERMANENTES	100	282,08	169,33	204,26	58,96	682,04	196,96	196,96	388,53	388,53
F01	-PRADOS/ PAST. PERMANEN.(EXCL.PASTAGENS POBRES)	100	565,51	169,33	284,02	126,36	682,04	367,56	367,56	409,70	409,70
F02	-PASTAGENS POBRES	100	76,84	27,24	49,42	27,24	49,52	19,40	19,40	96,67	96,67
G01	-PLANTIO ARVORES DE FRUTO E SEBES FRUTEIRAS	100	4555,59	1173,78	2124,59	1253,11	5547,38	2560,55	886,26	6517,11	15170,70
G01a	-FRUTOS FRESCOS/BAGAS ESPEC.ORIGEM TEMPERADA	100	4218,07	2704,83	2333,83	1791,04	5592,65	2654,73	3976,79	3666,30	13606,28
G01b	-FRUTOS FRESCOS/BAGAS ESPEC.ORIGEM SUB-TROPICAL	100	6203,52	2704,83	4508,47	4508,47	4508,47	4508,47	4517,28	6775,24	15561,80
J10b	-OUT.CABRAS	1	48,85	49,35	31,35	37,75	36,12	33,28	88,96	88,96	88,96
J11	-LEITÕES < 20 kg	1	103,90	174,46	103,90	103,90	103,90	103,90	103,90	103,90	103,90
J12	-PORCAS REPRODUTORAS	1	288,15	107,93	222,73	218,55	406,28	282,99	333,34	282,99	282,99
J13	-OUT PORCOS	1	57,29	140,69	72,10	37,25	83,19	63,58	84,46	63,58	63,58
G01c	-FRUTOS DE CASCA RIJA	100	886,48	886,48	1103,01	478,40	3329,17	770,99	389,62	3111,28	13606,28
G02	-CITRINOS	100	2971,73	4395,87	2356,63	2031,52	4284,38	2031,52	4001,89	2657,23	17711,94
G03	-OLIVEIRAS	100	629,70	798,33	361,36	505,79	1187,05	303,20	562,79	562,79	562,79
G03a	-AZEITONA DE MESA	100	629,70	801,14	355,78	496,73	1187,05	395,68	1491,33	1491,33	1491,33
G03b	-AZEITONA PARA AZEITE	100	629,70	798,07	355,78	502,64	1187,05	298,34	442,42	442,42	442,42
G04	-VINHAS	100	3849,20	1402,20	687,13	746,97	2141,55	3245,80	2771,77	9097,59	6690,87
G04a	-UVA P/VINHO QUALIDADE	100	3849,20	1955,80	1053,34	1378,83	2309,11	3235,23	2309,11	26202,66	6690,87
G04b	-UVA P/OUTROS VINHOS	100	3849,20	570,27	565,06	629,90	2081,29	2081,29	1865,62	7197,02	6690,87
G04c	-UVA DE MESA	100	2830,73	2830,73	2830,73	3051,09	2830,73	3051,09	4055,29	4055,29	4055,29
G04d	-UVA PASSA	100	6007,01	6007,01	6007,01	6007,01	6007,01	6007,01	6007,01	6007,01	6007,01
G05	-VIVEIROS	100	37897,06	37897,06	37897,06	37897,06	37897,06	37897,06	37897,06	37897,06	37897,06
G06	-OUTRAS CULTURAS PERMANENTES	100	1312,31	1312,31	1312,31	1312,31	1312,31	1312,31	1312,31	1312,31	1312,31
G07	-CULTURAS PERMANENTES PROTEGIDAS	100	24474,78	24474,78	24474,78	24474,78	24474,78	24474,78	24474,78	24474,78	24474,78
I01	-CULTURAS SUCESSIVAS SECUNDÁRIAS	100	988,48	958,57	1026,13	761,65	1124,70	1028,53	1306,54	1533,68	976,74

ANEXO 1 - MARGENS BRUTAS STANDARD em Euros no triénio de 1996 – Continuação

Código MBS (Eurostat)	ACTIVIDADE	FC	MINHO	TRAS-OS-MONTES	BEIRA LITORAL	BEIRA INTERIOR	RIBATEJO	ALENTEJO	ALGARVE	AÇORES	MADEIRA
I01a	-CEREAIS NÃO FORRAGEIROS	100	357,07	223,06	512,53	275,08	724,55	429,73	350,02	356,86	695,34
I01b	-LEGUMINOSAS SECAS NÃO FORRAGEIRAS	100	694,03	866,58	275,55	345,36	455,29	594,77	732,01	275,55	732,01
I01c	-SEMENTES OLEAGINOSAS NÃO FORRAGEIRAS	100	225,85	225,85	516,90	225,85	516,90	422,09	516,90	3438,12	225,85
J10a	-CABRAS REPRODUTORAS	1	64,00	114,24	50,33	76,37	88,22	33,28	114,25	114,25	114,25
D12	-PLANTAS FORRAGEIRAS SACHADAS	100	653,93	653,93	653,93	653,93	653,93	653,93	653,93	653,93	653,93
D13	-PLANTAS INDUSTRIAIS	100	225,85	2668,71	5994,77	2696,82	286,90	457,13	425,29	3282,82	1556,77
D13a	-TABACO	100	6134,04	6134,04	5994,77	5471,44	5994,77	6531,91	6531,91	2175,72	2175,72
D13b	-LÚPULO	100	2572,11	2572,11	2572,11	2572,11	2572,11	2572,11	2572,11	2572,11	2572,11
D13c	-ALGODÃO	100	735,92	735,92	735,92	735,92	735,92	735,92	735,92	1556,77	1556,77
D13d	-OUTRAS PLANTAS:OLEAGINOSAS/TEXTEIS E INDUSTRIAIS	100	225,85	225,85	516,90	225,85	516,90	426,61	516,90	3438,12	225,85
D13d1	-SEMENTES OLEAGINOSAS	100	225,85	225,85	516,90	225,85	516,90	422,09	516,90	3438,12	225,85
D13d1a	-COLZA E NABITA	100	225,85	225,85	516,90	225,85	516,90	422,09	516,90	3438,12	225,85
D13d1b	-GIRASSOL	100	225,85	225,85	516,90	225,85	516,90	425,29	516,90	3438,12	225,85
D13d1c	-SOJA	100	265,31	265,31	265,31	265,31	265,31	265,31	265,31	265,31	265,31
D13d1d	-OUTROS: LINHO	100	265,31	265,31	265,31	265,31	265,31	265,31	265,31	265,31	265,31
D13d2	-PLANTAS AROMÁTICAS, MEDICINAIS E CONDIMENTOS	100	4187,04	4187,04	4187,04	4187,04	4187,04	4187,04	4187,04	4187,04	4187,04
D13d3	-OUTRAS PLANTAS INDUSTRIAIS	100	735,92	735,92	735,92	735,92	735,92	735,92	735,92	1556,77	1556,77
D14a	-LEGUMES FRESCOS, MELÃO, MORANGO REGIME EXTENSIVO	100	2555,96	1297,10	1297,10	1297,10	6131,33	2350,40	1805,27	7440,02	15570,30
D14b	-LEGUMES FRESCOS, MELÃO, MORANGO, EXCL.HORT.	100	6706,37	6567,16	6567,16	6567,16	8281,52	8281,52	8241,27	13008,19	25051,05
D15	-LEGUMES FRESCOS, MELÃO, E MORANGO EM FORÇAGEM	100	19432,61	19432,61	19432,61	19432,61	22375,38	22375,38	23345,56	43278,20	151456,57
D16	-FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS-AR LIVRE	100	18015,41	18015,41	18015,41	18015,41	18015,41	18015,41	18015,41	18015,41	52541,14
I01d	-OUTRAS CULTURAS SUCESSIVAS SECUNDÁRIAS	100	1906,85	1694,04	1832,67	1298,14	1746,81	1565,02	2085,05	1502,93	1299,39
I01d1	-OUTRAS CULTURAS SUCESS. SECUND. NÃO FORRAGEIRAS	100	2676,94	2518,78	2799,56	2200,30	2802,05	2667,51	3627,23	2064,19	2253,76
I01d2	-OUTRAS CULTURAS SUCESS. SECUND. FORRAGEIRAS	100	1136,75	869,31	865,78	395,98	691,57	462,53	542,87	941,68	345,02
I02	-COGUMELOS	100	16688,89	16688,89	4410,75	16688,89	16688,89	16688,89	4410,75	4410,75	4410,75
J01	-EQUIDEOS	1	278,06	278,06	309,07	278,06	278,06	30,37	30,37	30,37	30,37
J02	-BOVINOS 0-1 ANO	1	302,92	402,19	233,71	288,03	286,05	210,21	313,31	190,98	190,98
J02a	-BOV M.0-1A	1	302,92	402,19	320,06	374,66	325,13	210,21	313,31	291,66	291,66
J02b	-BOV F.0-1A	1	86,06	86,06	86,17	143,22	246,98	246,98	131,29	116,95	116,95
J03	-BOV M.1-2A	1	195,38	96,68	162,79	137,18	174,70	80,52	55,35	193,82	193,82
J04	-BOV F.1-2A	1	56,67	96,68	162,79	104,17	103,45	98,27	103,45	170,73	170,73
J05	-BOV M.+2A	1	189,95	189,95	189,95	189,95	189,95	189,95	189,95	172,68	172,68
J06	-NOVILHAS +2A	1	316,71	316,71	316,71	316,71	316,71	316,71	316,71	540,23	540,23
J07	-VACAS LEITEIRAS	1	1052,24	739,65	736,39	628,50	1190,79	390,77	163,24	771,82	771,82
J08	-OUT.VACAS	1	485,97	337,58	337,58	126,21	244,60	135,79	248,72	460,64	460,64
J09	-OVINOS	1	46,52	67,65	105,70	113,94	62,44	36,19	62,31	62,31	62,31
J09a	-OVELHAS	1	46,52	67,65	139,13	113,94	62,44	43,03	62,31	62,31	62,31
J09b	-OUT.OVINOS	1	36,99	23,27	13,38	77,62	24,20	23,49	37,19	37,19	37,19
J10	-CAPRINOS	1	64,00	114,24	50,33	76,37	88,22	33,28	114,25	114,25	114,25
J14	-FRANGOS ENGORDA	100	59,35	59,35	54,67	54,67	134,96	54,67	90,98	112,73	112,73
J15	-GALINHAS POEDEIRAS	100	344,58	236,86	236,86	106,44	144,04	106,44	160,71	659,37	659,37
J16	-OUT.AVES	100	941,97	941,97	941,97	941,97	941,97	941,97	941,97	941,97	941,97
J17	-COELHAS REPRODUTORAS	1	55,95	55,95	55,95	48,02	48,02	48,02	48,02	48,02	48,02
J18	-ABELHAS	1	27,09	32,34	27,09	27,09	27,09	14,08	63,48	51,24	51,24
D01	-TRIGO MOLE E ESPELTA	100	239,30	269,15	283,59	235,65	802,14	266,72	255,31	255,31	1151,36
D02	-TRIGO DURO	100	239,30	269,15	283,59	235,65	603,76	471,11	255,31	255,31	1151,36
D03	-CENTEIO	100	304,90	130,47	270,14	151,51	202,93	132,11	132,11	132,11	132,11
D04	-CEVEIA	100	186,60	186,60	200,66	186,60	455,26	181,64	273,92	273,92	273,92
D05	-AVEIA	100	333,71	155,42	346,32	155,42	273,37	222,19	233,34	233,34	233,34
D06	-MILHO GRÃO	100	932,71	287,66	777,66	697,75	1777,02	731,60	1037,17	1085,05	1662,29
D07	-ARROZ	100	0,00	0,00	1675,30	0,00	1418,97	1169,46	1169,46	0,00	0,00
D08	-OUTROS CEREAIS	100	262,98	262,98	262,98	262,98	262,98	262,98	262,98	262,98	262,98
D09	-LEGUMES SECOS	100	694,03	866,58	275,55	345,36	455,29	594,77	732,01	275,55	2880,98

Fonte: Sistema de informação de Margens Brutas Standard, GPPAA.

ANEXO 2 – AJUDAS DIRECTAS em Euros no triénio de 1996

Código MBS (Eurostat)	ACTIVIDADE	FC	MINHO	TRAS-OS-MONTES	BEIRA LITORAL	BEIRA INTERIOR	RIBATEJO	ALENTEJO	ALGARVE	AÇORES	MADEIRA
D01	-TRIGO MOLE E ESPELTA	100	128,61	148,71	107,58	140,18	426,14	213,44	116,25	116,25	0,00
D02	-TRIGO DURO	100	128,61	148,71	107,58	140,18	415,12	437,21	116,25	116,25	0,00
D03	-CENTEIO	100	72,05	87,83	87,04	92,14	77,16	81,90	81,90	81,90	81,90
D04	-CEVADA	100	84,22	84,22	40,72	84,22	180,51	117,47	103,66	103,66	103,66
D05	-AVEIA	100	100,69	84,05	157,57	84,05	106,93	98,83	66,79	66,79	66,79
D06	-MILHO GRÃO	100	293,02	99,06	264,18	282,61	876,86	296,01	462,91	124,96	0,00
D07	-ARROZ	100	0,00	0,00	118,83	0,00	101,72	96,68	96,68	0,00	0,00
D08	-OUTROS CEREAIS	100	172,77	172,77	172,77	172,77	172,77	172,77	172,77	172,77	172,77
D09	-LEGUMES SECOS	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	187,80	119,17	0,00	0,00
D09a	-CULTURA P/ CONSUMO HUMANO	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	262,99	169,79	0,00	0,00
D09c	-CULTURA P/FORRAGENS (PURA OU MISTA)	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	131,09	0,00	0,00	0,00
D10	-BATATA	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	760,90
D11	-BETERRABA SACARINA	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	592,25	0,00
D12	-PLANTAS FORRAGEIRAS SACHADAS	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
D13	-PLANTAS INDUSTRIAIS	100	272,14	616,70	6715,58	3470,32	0,00	274,61	238,16	51,17	0,00
D13a	-TABACO	100	6232,07	6232,07	6715,58	7053,65	6715,58	6753,36	6753,36	0,00	0,00
D13b	-LÚPULO	100	466,45	466,45	466,45	466,45	466,45	466,45	466,45	466,45	466,45
D13c	-ALGODÃO	100	490,70	490,70	490,70	490,70	490,70	490,70	490,70	0,00	0,00
D13d	-OUTRAS PLANTAS:OLEAGINOSAS/TEXTEIS E INDUSTRIAIS	100	272,14	272,14	229,99	272,14	229,99	242,05	229,99	3529,03	272,14
D13d1	-SEMENTES OLEAGINOSAS	100	272,14	272,14	229,99	272,14	229,99	495,17	229,99	0,00	272,14
D13d1a	-COLZA E NABITA	100	272,14	272,14	229,99	272,14	229,99	495,17	229,99	3529,03	272,14
D13d1b	-GIRASSOL	100	272,14	272,14	229,99	136,14	229,99	238,16	229,99	3529,03	272,14
D13d1c	-SOJA	100	190,57	190,57	190,57	190,57	190,57	190,57	190,57	190,57	190,57
D13d1d	-OUTROS: LINHO	100	190,57	190,57	190,57	190,57	190,57	190,57	190,57	190,57	190,57
D13d2	-PLANTAS AROMÁTICAS, MEDICINAIS E CONDIMENTOS	100	98,39	98,39	98,39	98,39	98,39	98,39	98,39	98,39	98,39
D13d3	-OUTRAS PLANTAS INDUSTRIAIS	100	490,70	490,70	490,70	490,70	490,70	490,70	490,70	0,00	0,00
D14a	-LEGUMES FRESCOS, MELÃO, MORANGO REGIME EXTENSIVO	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
D14b	-LEGUMES FRESCOS, MELÃO, MORANGO, EXCL.HORT.	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
D15	-LEGUMES FRESCOS, MELÃO, E MORANGO EM FORÇAGEM	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	22461,67	0,00
D16	-FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS-AR LIVRE	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
D17	-FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS EM FORÇAGEM	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

ANEXO 2 - AJUDAS DIRECTAS em Euros no triênio de 1996 Continuação

Código MBS (Eurostat)	ACTIVIDADE	FC	MINHO	TRAS-OS-MONTES	BEIRA LITORAL	BEIRA INTERIOR	RIBATEJO	ALENTEJO	ALGARVE	AÇORES	MADEIRA
D18	-CULTURAS FORRAGEIRAS	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	125,37	0,00
D18a	-PRADOS E PASTAGENS TEMPORÁRIOS	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	125,37	0,00
D18b	-OUTRAS PLANTAS FORRAGEIRAS	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	25,45	0,00	125,37	0,00
D18b1	-MILHO FORRAGEIRO	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	151,17	0,00
D18b3	-OUT. PL. FORRAGEIRAS	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	110,12	0,00	0,00	0,00
D19	-SEMENTES E PLANTAS DE TERRAS ARÁVEIS	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
D20	-OUTRAS CULTURAS DE TERRAS ARÁVEIS	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
D21	-POUSIOS SEM AJUDA ECONÓMICA	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
D22	-POUSIOS COM AJUDA ECONÓMICA	100	87,50	87,50	87,50	87,50	87,50	87,50	98,74	0,00	0,00
F	-PRADOS E PASTAGENS PERMANENTES	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
F01	-PRADOS/ PAST. PERMANEN.(EXCL.PASTAGENS POBRES)	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
F02	-PASTAGENS POBRES	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
G01	-PLANTIO ARVORES DE FRUTO E SEBES FRUTEIRAS	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1822,84	10696,03
G01a	-FRUTOS FRESCOS/BAGAS ESPEC.ORIGEM TEMPERADA	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
G01b	-FRUTOS FRESCOS/BAGAS ESPEC.ORIGEM SUB-TROPICAL	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	2015,64	13370,04
G01c	-FRUTOS DE CASCA RIJA	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
G02	-CITRINOS	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
G03	-OLIVEIRAS	100	134,38	289,49	167,02	147,19	54,31	137,30	114,02	114,03	114,03
G03a	-AZEITONA DE MESA	100	134,38	0,00	161,44	0,00	0,00	159,78	0,00	0,00	0,00
G03b	-AZEITONA PARA AZEITE	100	134,38	289,24	161,44	144,04	54,31	136,51	54,33	54,33	54,33
G04	-VINHAS	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
G04a	-UVA P/VINHO QUALIDADE	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
G04b	-UVA P/OUTROS VINHOS	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
G04c	-UVA DE MESA	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
G04d	-UVA PASSA	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
G05	-VIVEIROS	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
G06	-OUTRAS CULTURAS PERMANENTES	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
G07	-CULTURAS PERMANENTES PROTEGIDAS	100	6932,61	6932,61	6932,61	6932,61	6932,61	6932,61	6932,61	6932,61	6932,61

ANEXO 2 - AJUDAS DIRECTAS em Euros no triénio de 1996 - Continuação

Código MBS (Eurostat)	ACTIVIDADE	FC	MINHO	TRAS-OS-MONTES	BEIRA LITORAL	BEIRA INTERIOR	RIBATEJO	ALENTEJO	ALGARVE	AÇORES	MADEIRA
I01	-CULTURAS SUCESSIVAS SECUNDÁRIAS	100	622,37	616,85	650,14	691,42	690,79	796,50	700,02	27,95	176,42
I01a	-CEREAIS NÃO FORRAGEIROS	100	140,00	117,91	132,03	142,31	294,65	189,29	160,08	111,80	60,73
I01b	-LEGUMINOSAS SECAS NÃO FORRAGEIRAS	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	187,80	119,17	0,00	119,17
I01c	-SEMENTES OLEAGINOSAS NÃO FORRAGEIRAS	100	272,14	272,14	229,99	272,14	229,99	495,17	229,99	0,00	272,14
I01d	-OUTRAS CULTURAS SUCESSIVAS SECUNDÁRIAS	100	1062,30	1038,17	1119,26	1180,86	1119,26	1168,19	1145,42	62,69	126,99
I01d1	-OUTRAS CULTURAS SUCESS. SECUND. NÃO FORRAGEIRAS	100	2077,36	2077,36	2238,53	2351,22	2238,53	2313,72	2290,84	0,00	253,63
I01d2	-OUTRAS CULTURAS SUCESS. SECUND. FORRAGEIRAS	100	0,00	0,00	0,00	10,50	0,00	22,65	0,00	125,37	0,00
I02	-COGUMELOS	100	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
J01	-EQUIDEOS	1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
J02	-BOVINOS 0-1 ANO	1	82,55	111,26	45,47	53,30	75,77	107,31	91,02	58,09	58,09
J02a	-BOV M.0-1A	1	82,55	111,26	116,89	115,88	151,54	107,31	91,02	149,27	533,53
J02b	-BOV F.0-1A	1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,03	0,00	0,00
J03	-BOV M.1-2A	1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
J04	-BOV F.1-2A	1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
J05	-BOV M.+2A	1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
J06	-NOVILHAS +2A	1	217,78	217,78	217,78	217,78	217,78	217,78	217,78	148,56	148,56
J07	-VACAS LEITEIRAS	1	54,79	153,80	41,00	160,42	163,35	0,00	0,00	158,31	158,31
J08	-OUT.VACAS	1	158,27	331,31	331,31	190,04	217,58	249,38	231,46	128,15	128,15
J09	-OVINOS	1	9,54	44,38	15,40	36,32	38,25	37,03	25,13	25,13	25,13
J09a	-OVELHAS	1	9,54	44,38	15,12	36,32	37,94	44,59	25,13	25,13	25,13
J09b	-OUT.OVINOS	1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
J10	-CAPRINOS	1	15,15	64,89	18,99	38,62	52,10	54,68	25,29	25,29	25,29
J10a	-CABRAS REPRODUTORAS	1	15,15	64,89	18,99	38,62	52,10	54,68	25,29	25,29	25,29
J10b	-OUT.CABRAS	1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
J11	-LEITÕES < 20 kg	1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
J12	-PORCAS REPRODUTORAS	1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
J13	-OUT PORCOS	1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
J14	-FRANGOS ENGORDA	1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
J15	-GALINHAS POEDEIRAS	1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
J16	-OUT.AVES	1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
J17	-COELHAS REPRODUTORAS	1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
J18	-ABELHAS	1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Fonte: Sistema de informação de Margens Brutas Standard, GPPAA.

ANEXO 3 - SUPORTE DE PREÇOS em Euros no ano de 1996

CODIGO MSPM	PRODUTOS-PT	MSPM 97 (%)	VPpm	VPpp	MSPM
1	TRIGO	2,12497	39,8839	39,0364	0,84752
2	CEREAIS SECUNDÁRIOS	12,8273	16,8227	14,6648	2,15789
3	MILHO	12,5	87,0064	76,1306	10,8758
4	ARROZ	22,4	53,0007	41,1285	11,8721
5	BETSACARINA	51,9	60,8938	29,2899	31,6039
6	OLEAGINOSAS	0	7,97426	7,97426	0
7	TABACO	0	15,4588	15,4588	0
8	HORTÍCOLAS	14,3	423,663	363,079	60,5838
9	VINHO	3,82276	338,332	325,399	12,9336
10	FRUTAS	13,5	480,342	415,496	64,8461
11	AZEITE	7,6	109,078	100,788	8,28995
12	LEITE	46,7	568,628	303,079	265,549
13	CBOVINOS	48	305,199	158,704	146,496
14	COVINOS E CAPRINOS	8,6	284,026	259,599	24,4262
15	CSUÍNOS	0	782,003	782,003	0
16	AVES E OVOS	10,7974	251,679	224,504	27,1749
17	OUTROS	18,6777	416,752	338,912	77,8396
18	TOTAL	17,5794	4240,74	3495,25	745,496
20	FORRAGENS E PRADOS	0			

Fonte: OCDE.

ANEXO 4 - VALOR BRUTO DE PRODUÇÃO em Euros no triénio de 1996

Código MBS (Eurostat)	ACTIVIDADE	MINHO	TRAS-OS-MONTES	BEIRA LITORAL	BEIRA INTERIOR	RIBATEJO	ALENTEJO	ALGARVE	AÇORES	MADEIRA
D01	-TRIGO MOLE E ESPELTA	218,48	258,74	381,79	194,75	653,83	331,05	225,16	225,16	1700,97
D02	-TRIGO DURO	218,48	258,74	381,79	194,75	415,38	336,73	225,16	225,16	1700,97
D03	-CENTEIO	324,34	173,88	248,44	143,81	160,99	110,31	110,31	110,31	110,31
D04	-CEVADA	162,40	162,40	227,22	162,40	494,40	268,70	251,18	251,18	251,18
D05	-AVEIA	349,48	149,58	265,09	149,58	306,46	256,80	237,29	237,29	237,29
D06	-MILHO GRÃO	871,85	275,33	804,62	663,83	1552,29	1282,91	1169,89	1129,83	1952,27
D07	-ARROZ	0,00	0,00	2161,70	0,00	2226,60	1967,69	1967,69	0,00	0,00
D08	-OUTROS CEREAIS	263,84	263,84	263,84	263,84	263,84	263,84	263,84	263,84	263,84
D09	-LEGUMES SECOS	811,75	888,86	538,43	380,57	640,98	453,12	837,63	538,43	3906,53
D09a	-CULTURA P/ CONSUMO HUMANO	811,75	888,86	538,43	380,57	640,98	442,45	296,62	538,43	3906,53
D09c	-CULTURA P/FORRAGENS (PURA OU MISTA)	811,75	888,86	538,43	380,57	640,98	461,17	1068,01	538,43	3906,53
D10	-BATATA	2043,94	1400,05	3222,26	1719,32	2924,96	1924,79	4902,35	4509,14	2508,95
D11	-BETERRABA SACARINA	2855,18	2855,18	2855,18	2855,18	3619,82	2855,18	2855,18	1823,38	2855,18
D12	-PLANTAS FORRAGEIRAS SACHADAS	662,39	662,39	662,39	662,39	662,39	662,39	662,39	662,39	662,39
D13	-PLANTAS INDUSTRIAIS	0,00	3296,86	751,21	259,31	453,99	259,21	255,39	3451,80	1911,43
D13a	-TABACO	481,20	481,20	751,21	536,83	751,21	571,00	571,00	2466,86	2466,86
D13b	-LÚPULO	3368,95	3368,95	3368,95	3368,95	3368,95	3368,95	3368,95	3368,95	3368,95
D13c	-ALGODÃO	490,23	490,23	490,23	490,23	490,23	490,23	490,23	1911,43	1911,43
D13d	-OUTRAS PLANTAS:OLEAGINOSAS/TEXTEIS E INDUSTRIAIS	0,00	0,00	453,99	0,00	453,99	257,64	453,99	0,00	0,00
D13d1	-SEMENTES OLEAGINOSAS	0,00	0,00	453,99	0,00	453,99	0,00	453,99	3529,03	0,00
D13d1a	-COLZA E NABITA	0,00	0,00	453,99	0,00	453,99	0,00	453,99	0,00	0,00
D13d1b	-GIRASSOL	0,00	0,00	453,99	136,00	453,99	255,39	453,99	0,00	0,00
D13d1c	-SOJA	168,36	168,36	168,36	168,36	168,36	168,36	168,36	168,36	168,36
D13d1d	-OUTROS: LINHO	168,36	168,36	168,36	168,36	168,36	168,36	168,36	168,36	168,36
D13d2	-PLANTAS AROMÁTICAS, MEDICINAIS E CONDIMENTOS	4259,85	4259,85	4259,85	4259,85	4259,85	4259,85	4259,85	4259,85	4259,85
D13d3	-OUTRAS PLANTAS INDUSTRIAIS	490,23	490,23	490,23	490,23	490,23	490,23	490,23	1911,43	1911,43
D14a	-LEGUMES FRESCOS, MELÃO, MORANGO REGIME EXTENSIVO	4769,25	1971,20	1971,20	1971,20	7006,93	2939,37	2145,18	8077,29	17455,33
D14b	-LEGUMES FRESCOS, MELÃO, MORANGO, EXCL.HORT.	7172,07	8101,70	8101,70	8101,70	9192,20	9192,20	12677,09	15261,80	31469,95
D15	-LEGUMES FRESCOS, MELÃO, E MORANGO EM FORÇAGEM	24763,33	24763,33	24763,33	24763,33	27092,22	27092,22	31060,80	67004,91	160440,52
D16	-FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS-AR LIVRE	21326,05	21326,05	21326,05	21326,05	21326,05	21326,05	21326,05	21326,05	57722,27
D17	-FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS EM FORÇAGEM	124787,07	124787,07	124787,07	124787,07	148580,38	148580,38	124787,07	395290,28	219503,09
D18	-CULTURAS FORRAGEIRAS	1343,30	1069,30	1087,92	451,74	946,44	565,77	871,50	1153,43	409,89
D18a	-PRADOS E PASTAGENS TEMPORÁRIOS	1051,62	790,73	699,17	355,82	946,44	451,89	871,50	1153,43	86,66
D18b	-OUTRAS PLANTAS FORRAGEIRAS	1355,46	1071,09	1104,12	445,63	946,44	609,92	871,50	1153,43	445,63
D18b1	-MILHO FORRAGEIRO	1665,00	1450,40	1951,86	673,45	946,44	2129,30	1377,28	1222,55	673,45
D18b3	-OUT. PL. FORRAGEIRAS	1197,22	790,72	806,26	315,81	946,44	495,56	460,29	375,04	315,81
D19	-SEMENTES E PLANTAS DE TERRAS ARÁVEIS	367,68	367,68	367,68	367,68	367,68	367,68	367,68	10171,96	367,68
D20	-OUTRAS CULTURAS DE TERRAS ARÁVEIS	6979,25	6979,25	6979,25	6979,25	6979,25	6979,25	6979,25	11716,79	19312,28
D21	-POUSIOS SEM AJUDA ECONÓMICA	76,84	27,24	49,42	27,24	49,52	19,40	19,40	96,67	96,67
D22	-POUSIOS COM AJUDA ECONÓMICA	229,71	0,00	365,18	0,00	201,91	0,00	0,00	0,00	0,00
F	-PRADOS E PASTAGENS PERMANENTES	408,28	214,15	356,60	88,45	921,57	239,97	239,97	546,86	546,86
F01	-PRADOS/ PAST. PERMANEN.(EXCL.PASTAGENS POBRES)	796,91	214,15	487,76	218,52	921,57	451,89	451,89	575,75	575,75
F02	-PASTAGENS POBRES	126,85	27,24	102,01	27,24	49,52	19,40	19,40	144,77	144,77

ANEXO 4 – VALOR BRUTO DE PRODUÇÃO em Euros no triénio de 1996 – Continuação

Código MBS (Eurostat)	ACTIVIDADE	MINHO	TRAS-OS-MONTES	BEIRA LITORAL	BEIRA INTERIOR	RIBATEJO	ALENTEJO	ALGARVE	AÇORES	MADEIRA
G01	-PLANTIO ARVORES DE FRUTO E SEBES FRUTEIRAS	5314,93	1354,89	3685,88	1794,74	7389,51	3402,03	1061,26	5408,78	7985,03
G01a	-FRUTOS FRESCOS/BAGAS ESPEC.ORIGEM TEMPERADA	4891,18	3475,67	4135,61	2637,09	7461,50	3537,20	5156,67	4396,12	15268,26
G01b	-FRUTOS FRESCOS/BAGAS ESPEC.ORIGEM SUB-TROPICAL	7383,81	3475,67	5694,65	5694,65	5694,65	5694,65	7015,15	5570,39	6164,22
G01c	-FRUTOS DE CASCA RIJA	956,93	956,93	1490,17	581,85	3862,46	833,88	425,28	3175,80	15268,26
G02	-CITRINOS	3437,88	4777,96	2772,88	2495,80	5003,79	2495,80	6227,96	3331,99	18876,52
G03	-OLIVEIRAS	543,11	587,45	277,30	390,02	1734,13	295,29	495,93	495,93	495,93
G03a	-AZEITONA DE MESA	543,11	945,89	277,30	535,06	1788,45	416,49	1521,21	1521,21	1521,21
G03b	-AZEITONA PARA AZEITE	543,11	587,45	277,30	390,02	1734,13	288,24	436,26	436,26	436,26
G04	-VINHAS	4501,01	2018,98	1179,27	1223,89	2704,05	3925,13	4050,08	10409,24	8411,66
G04a	-UVA P/VINHO QUALIDADE	4501,01	2748,68	1605,81	1882,23	2983,50	3924,36	2983,50	27586,03	8411,66
G04b	-UVA P/OUTROS VINHOS	4501,01	922,24	1037,08	1101,75	2626,29	2626,29	2616,24	8500,71	8411,66
G04c	-UVA DE MESA	3466,97	3466,97	3466,97	3595,41	3466,97	3595,41	6090,80	6090,80	6090,80
G04d	-UVA PASSA	6633,45	6633,45	6633,45	6633,45	6633,45	6633,45	6633,45	6633,45	6633,45
G05	-VIVEIROS	53467,79	53467,79	53467,79	53467,79	53467,79	53467,79	53467,79	53467,79	53467,79
G06	-OUTRAS CULTURAS PERMANENTES	1584,60	1584,60	1584,60	1584,60	1584,60	1584,60	1584,60	1584,60	1584,60
G07	-CULTURAS PERMANENTES PROTEGIDAS	24099,09	24099,09	24099,09	24099,09	24099,09	24099,09	24099,09	24099,09	24099,09
I01	-CULTURAS SUCESSIVAS SECUNDÁRIAS	567,04	508,15	772,05	378,19	823,31	509,59	937,49	1730,31	1171,63
I01a	-CEREAIS NÃO FORRAGEIROS	344,12	220,36	591,81	253,28	759,22	602,25	354,69	348,97	888,12
I01b	-LEGUMINOSAS SECAS NÃO FORRAGEIRAS	811,75	888,86	538,43	380,57	640,98	453,12	837,63	538,43	837,63
I01c	-SEMENTES OLEAGINOSAS NÃO FORRAGEIRAS	0,00	0,00	453,99	0,00	453,99	0,00	453,99	3529,03	0,00
I01d	-OUTRAS CULTURAS SUCESSIVAS SECUNDÁRIAS	1159,43	944,10	1293,00	672,02	1192,75	787,75	1484,44	1829,12	1705,37
I01d1	-OUTRAS CULTURAS SUCESS. SECUND. NÃO FORRAGEIRAS	1112,30	923,37	1503,97	878,91	1439,05	982,97	2103,66	2504,81	2960,78
I01d2	-OUTRAS CULTURAS SUCESS. SECUND. FORRAGEIRAS	1206,57	964,83	1082,03	465,14	946,44	592,54	865,23	1153,43	449,97
I02	-COGUMELOS	79755,88	79755,88	8141,58	79755,88	79755,88	79755,88	8141,58	8141,58	8141,58
J01	-EQUIDEOS	370,76	370,76	930,62	370,76	370,76	328,31	328,31	328,31	328,31
J02	-BOVINOS 0-1 ANO	513,28	718,02	589,27	568,51	781,54	585,98	680,88	344,34	344,34
J02a	-BOV M.0-1A	513,28	718,02	589,27	592,58	820,84	585,98	680,88	384,26	0,00
J02b	-BOV F.0-1A	472,38	472,38	472,38	476,70	742,23	742,23	589,86	304,43	304,43
J03	-BOV M.1-2A	911,56	957,36	1716,65	1587,90	1568,11	951,88	1947,73	1377,65	1377,65
J04	-BOV F.1-2A	634,08	957,36	1716,65	1465,75	927,63	1056,67	927,63	777,76	777,76
J05	-BOV M.+2A	866,61	866,61	866,61	866,61	866,61	866,61	866,61	2035,02	2035,02
J06	-NOVILHAS +2A	1168,94	1168,94	1168,94	1168,94	1168,94	1168,94	1168,94	1856,95	1856,95
J07	-VACAS LEITEIRAS	1603,03	1066,30	1429,89	1022,73	1713,30	1417,27	1216,30	1142,38	1142,38
J08	-OUT.VACAS	631,60	460,69	460,69	297,11	370,17	300,93	285,64	484,33	484,33
J09	-OVINOS	62,04	46,55	121,85	143,36	62,68	52,47	62,99	62,99	62,99
J09a	-OVELHAS	62,04	46,55	158,24	143,36	62,99	51,89	62,99	62,99	62,99
J09b	-OUT.OVINOS	62,04	46,55	38,99	143,36	62,99	76,53	62,99	62,99	62,99
J10	-CAPRINOS	93,38	72,63	89,97	87,65	80,66	46,31	120,96	120,96	120,96
J10a	-CABRAS REPRODUTORAS	93,38	72,63	89,97	87,65	80,66	46,31	120,96	120,96	120,96
J10b	-OUT.CABRAS	93,38	72,63	89,97	87,65	80,66	101,00	120,96	120,96	120,96
J11	-LEITÕES < 20 kg	244,33	410,25	244,33	244,33	244,33	244,33	244,33	244,33	244,33
J12	-PORCAS REPRODUTORAS	720,75	348,70	697,47	764,24	901,91	680,19	905,73	680,19	680,19
J13	-OUT PORCOS	325,02	495,19	399,11	310,73	371,68	293,34	357,18	293,34	293,34
J14	-FRANGOS ENGORDA	718,13	718,13	640,87	640,87	826,13	640,87	856,57	769,70	769,70
J15	-GALINHAS POEDEIRAS	1095,75	1703,98	1703,98	1412,26	1248,25	1412,26	1428,18	2252,19	2252,19
J16	-OUT.AVES	3751,51	3751,51	3751,51	3751,51	3751,51	3751,51	3751,51	3751,51	3751,51
J17	-COELHAS REPRODUTORAS	98,05	98,05	98,05	161,85	161,85	161,85	161,85	161,85	161,85
J18	-ABELHAS	40,85	45,39	40,85	40,85	40,85	17,88	81,62	60,41	60,41

Fonte: Sistema de informação de Margens Brutas Standard, GPPAA.